

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL  
SUSTENTÁVEL**

**YURE EMANUEL DE MELO FEITOSA ARAUJO**

**EXPERIMENTAÇÕES DE UM CARTÓGRAFO COM SUA BICICLETA: ENTRE  
ACIDENTES NA ESTRADA E AFIRMAÇÕES DA VIDA NOS TERREIROS DA  
COMUNIDADE CHICO GOMES (CE).**

**JUAZEIRO DO NORTE-CE**

**2017**

**YURE EMANUEL DE MELO FEITOSA ARAUJO**

**EXPERIMENTAÇÕES DE UM CARTÓGRAFO COM SUA BICICLETA: ENTRE  
ACIDENTES NA ESTRADA E AFIRMAÇÕES DA VIDA NOS TERREIROS DA  
COMUNIDADE CHICO GOMES (CE).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.

**JUAZEIRO DO NORTE-CE**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Cariri  
Sistema de Bibliotecas

- 
- A658e Araujo, Yure Emanuel de Melo Feitosa.  
Experimentações de um cartógrafo com sua bicicleta: entre acidentes na estrada e afirmações da vida nos terreiros da comunidade Chico Gomes (CE)/ Yure Emanuel de Melo Feitosa Araújo. – 2017. 147 f.: il.; color.; enc. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Crato, 2017.  
Orientação: Prof. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.
1. Cartografia. 2. Afirmação da vida. 3. Agenciamento de poder. 4. Chico Gomes. 5. Desenvolvimento Regional Sustentável. I. Souza, Francisca Laudeci Martins. II. Título.

CDD 526.098131

YURE EMANUEL DE MELO FEITOSA ARAUJO

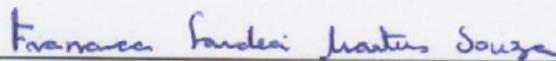
**EXPERIMENTAÇÕES DE UM CARTÓGRAFO COM SUA BICICLETA: ENTRE  
ACIDENTES NA ESTRADA E AFIRMAÇÕES DA VIDA NOS TERREIROS DA  
COMUNIDADE CHICO GOMES (CE).**

Dissertação apresentada, julgada e aprovada  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Mestre em Desenvolvimento Regional  
Sustentável, outorgado pela Universidade  
Federal do Cariri.

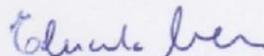
**Área de Concentração:** Desenvolvimento Regional Sustentável  
**Linha de Pesquisa:** Sociedade, Estado e Desenvolvimento Regional Sustentável

Data de Aprovação: 27 / 07 / 2017.

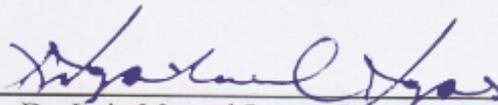
BANCA EXAMINADORA:



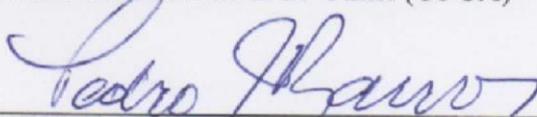
Dr.<sup>a</sup>. Francisca Laudeci Martins Souza (Orientadora)  
Universidade Regional do Cariri (URCA)  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Dr. Eduardo Vivian da Cunha (Membro Interno)  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Dr. Luiz Manoel Lopes (Membro Interno)  
Universidade Federal do Cariri (UFCA)



Dr. Pedro Ferreira Barros (Membro Externo)  
Universidade Regional do Cariri (URCA)

## AGRADECIMENTOS

Somos gratos pelos investimentos realizados para a concretização desta pesquisa. Ousamos, manifestamos coragem e disposição. Um ato de presença-de-si. Aquilo que se desencontrou em nós se recompôs até virar rizoma. Aquela psicologia de virar a esquina. Muitos foram os agenciamentos que atravessaram esta pesquisa. Composições diversas, misturas, rompimentos.

Gratidade entre... com:

- Gorette e Hermano, pelo estar ao lado durante toda a vida. Um verdadeiro acolhimento e amor.
- Di Vlândia, pela presença em toda a existência. Pelos diálogos, compartilhamentos e fortalecimentos quando os músculos fraquejavam.
- Ao cartógrafo, pelas conquistas no ‘tornar-te quem tu és’.
- Laudeci, pelo despertar de tantos tracejos.
- Arthur e Heitor, por gestos.
- Deleuze, Guattari, Nietzsche e todos os autores que nos afetaram intempestivamente. Palavras que vivem e duram pelo tempo.
- À comunidade Chico Gomes e todos os entrevistados.
- Sônia Maria Clareto, pela leitura irretocável e seu ressoar: “quanto de sedentarismo cabe em uma cartografia”.
- Luiz Manoel, pelos andarilhos e contribuições.
- Pedro Barros, pela sensibilidade e apreciações.
- Eduardo Vivian, pelas composições de novos possíveis.
- À todos que estiveram na qualificação e defesa.
- À CAPES, pelo financiamento.
- À UFCA, por tornar possível esta pesquisa.
- Ao PRODER, pelo suporte.
- À Giodesio, o carteiro que trazia os livros.
- Cícero, Altamira e Adelia, pela amizade e caminhar.
- À todos os colegas do mestrado.
- À Fagundes, Ane e David, pelos esforços em transcrever as entrevistas.
- Ao todo aberto.

*À Tobias.*

“[...] a toca [...] é uma armadilha [...], toda a descrição da toca é feita para enganar o inimigo. Entrar-se-á, então, por qualquer parte [...]. O princípio das entradas múltiplas impede, sozinho, a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que apenas se propõe, de fato, à experimentação” (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 9 e 10)

ARAÚJO, Yure Emanuel de Melo Feitosa. *Experimentações de um cartógrafo com sua bicicleta: entre acidentes na estrada e afirmações da vida nos terreiros da comunidade Chico Gomes (CE)*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável) – Universidade Federal do Cariri, PRODER, Juazeiro do Norte-CE, 2017.

**Perfil do autor:** Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri. Bolsista do Programa de Demanda Social da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

## RESUMO

Esta pesquisa foi uma grande experimentação, um ato de afetar e ser afetado. Por um lado, transmutamos, criamos novos universos de referência, pomos-nos em movimento e incorremos em transformações incorpóreas. Uma explosão de possibilidades. Atributos do cartografar. Por outro, provocamos encontros, intervindo nos cúmplices da pesquisa, impactando percepções, discursos. Precipitando movimentos afirmativos, conectando-se com o mundo do outro. Instituímos como pesquisável: cartografar as marcas/efeitos impressos e os movimentos de afirmação da vida decorrentes da formação da comunidade Chico Gomes, uma comunidade rural localizada no município de Crato (CE). Perguntamo-nos a respeito dessas marcas e efeitos que resultam da geografia da comunidade, os sintomas palpáveis e intangíveis do poder na vida das pessoas. Mas também sobre os movimentos de afirmação da vida que se produzem na comunidade, gerando alegrias. Para tanto, instituímos como objetivos específicos: tecer as marcas/efeitos nos indivíduos componentes da pesquisa decorrentes do processo de formação da comunidade; tecer os movimentos de afirmação de vida evidenciados no transcorrer da pesquisa; e descrever os movimentos interventores acionados durante a pesquisa. Neste processo provocamos encontros, intervenções, movimentos afirmativos. Construímos agenciamentos que nos conduziram até a escrita deste texto, que é pesquisa sendo vida. Acompanhamo-nos de bons encontros com Deleuze, Guattari, Nietzsche, Lapoujade, Zourabichvili, Rolnik, Spinoza. Fundamentais para a instauração de uma política da narrativa. Mas, nem todos os gritos puderam se materializar no texto, ressoam nos tímpanos, por vezes, explodindo. Destarte, de tudo isto, extraímos um grande aprendizado, o acontecimento enquanto instância da arte de afirmar a vida, as alegrias. Produzir outros sentidos naquilo que nos ocorre, encontrar oportunidades em nossos acidentes. Ter como compromisso viver em intensidade, ser puro afirmador. Quisemos fazer das intervenções acionadas nesta cartografia lápis e cadernos a poetizar vidas, estimular processos de criação, fortalecer afirmações de vida. Para tal, quando necessário desestimulando, quebrando, rompendo repetitividades, enraizamentos. Em contrapartida, estimular conexões, acoplar máquinas, pessoas, coisas, ideias. Para tanto, não mensuramos os efeitos, senão, em nós. Quanto a isto, podemos dizer que transpassamos nossos limites, ganhamos brilho e nos expandimos em alegria. Fizemos do ato de pesquisar um ato de vida.

**Palavras-chave:** Cartografia; afirmação da vida; agenciamento de poder; Chico Gomes.

ARAÚJO, Yure Emanuel de Melo Feitosa. *Experiences of a cartographer with his bicycle: between accidents on the road and life affirmations in the Chico Gomes community (CE)*. Dissertation (Master in Sustainable Regional Development) - Federal University of Cariri, PRODER, Juazeiro do Norte-CE, 2017.

**Profile of the author:** Bachelor in Economic Sciences from the Regional University of Cariri. Fellow of CAPES Social Demand Program - Coordination for the Improvement of Higher Level Personnel.

### ABSTRACT

This research was a great experimentation, an act of affecting and being affected. On the one hand, we transmute, create new universes of reference, get in motion and incur in incorporeal transformations. An explosion of possibilities. Attributes of cartography. On the other hand, we provoked encounters, intervening in the cumplices of the research, impacting perceptions, discourses. It precipitates affirmative movements, connecting with the world of the other. We have established as searchable: map the imprinted marks / effects and life affirmation movements resulting from the formation of the Chico Gomes community, a rural community located in the municipality of Crato (CE). We wonder about these marks and effects that result from the geography of the community, the palpable and intangible symptoms of power in people's lives. But also about the affirmation movements of life that take place in the community, generating joy. In order to do so, we set specific objectives as: to weave the marks / effects on the individual components of the research resulting from the process of community formation; weaving the life affirmation movements evidenced in the course of the research; and describe the intervening movements triggered during the research. In this process we provoke encounters, interventions, affirmative movements. We built agencies that led us to write this text, which is research being life. We are accompanied by good meetings with Deleuze, Guattari, Nietzsche, Lapoujade, Zourabichvili, Rolnik, Spinoza. Fundamental for the establishment of a narrative policy. But, not all the screams could materialize in the text, they resonate in the eardrums, sometimes exploding. From this, from all this, we extract a great learning, the event as an instance of the art of affirming life, the joys. Produce other senses in what happens to us, find opportunities in our accidents. To have as a commitment to live in intensity, to be pure affirming. We wanted to make the interventions triggered in this cartography pencils and notebooks to poetize lives, stimulate creation processes, strengthen life affirmations. For this, when necessary discouraging, breaking repetitivities and rooting. In return, stimulate connections, to couple machines, people, things, ideas. For this, we do not measure the effects, if not, in us. Regarding this, we can say that we cross our limits, we gain brilliance and we expand in joy. We did the act of researching an act of life.

**Keywords:** Cartography; affirmation of life; power agencement; Chico Gomes.

## SUMÁRIO

<b>1 PROPEDÊUTICA COMO OUSADIA DE INICIAR .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Instituição de uma problemática e definição dos objetivos da pesquisa.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Caminhos, trilhas e territórios da pesquisa.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 Composição dos capítulos .....</b>	<b>22</b>
<b>2 ENGRENAGENS DO AGENCIAMENTO DE PODER: MARCAS E EFEITOS NA COMUNIDADE CHICO GOMES .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 O Engenho como principal signo do agenciamento de poder .....</b>	<b>29</b>
2.1.1 Marcas e efeitos no auge do agenciamento de poder.....	31
2.1.1.1 Marcas e efeitos físicos .....	32
a) <i>Em relação ao Trabalho</i> .....	33
b) <i>Em relação à propriedade da terra/ moradia</i> .....	36
c) <i>Em relação à vontade de violência</i> .....	45
2.1.1.2 Marcas e efeitos psíquicos.....	53
a) <i>Impulsos de negatividade</i> .....	54
b) <i>Submissão</i> .....	59
<b>2.2 Marcas e efeitos no declínio do agenciamento de poder.....</b>	<b>70</b>
2.2.1 Marcas e efeitos físicos.....	71
2.2.2 Marcas e efeitos psíquicos .....	82
<b>3 MOVIMENTOS DE AFIRMAÇÃO DA VIDA NA COMUNIDADE CHICO GOMES .....</b>	<b>93</b>
<b>3.1 A solidariedade como movimento de afirmação da vida na construção coletiva da     comunidade Chico Gomes.....</b>	<b>95</b>
<b>3.2 A educação como ferramenta transformadora e mecanismo de luta. ....</b>	<b>101</b>
<b>3.3 Movimentos sociais como campo construtor de territorialidades.....</b>	<b>106</b>
<b>3.4 Grupo de arte Urucongo como máquina de guerra.....</b>	<b>110</b>
<b>3.5 O Filho do Acontecimento, uma vida poética.....</b>	<b>124</b>
<b>4 INTERVENÇÕES ATRAVÉS DE ENCONTROS QUE AFETEM. ....</b>	<b>132</b>
<b>4.1 Oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas. ....</b>	<b>133</b>
<b>4.2 Maquinação de um blog. ....</b>	<b>135</b>
<b>4.3 Roda de Conversa. ....</b>	<b>136</b>
<b>4.4 Deslocamentos do Cartógrafo.....</b>	<b>138</b>

<b>5 CONCLUSÃO COMO ATO DE REINICIAR.....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS OU REVERÊNCIAS? .....</b>	<b>144</b>

## 1 PROPEDÊUTICA COMO OUSADIA DE INICIAR

Este é um texto que requisita não ser esquecido, mas que pretende ser movediço. Soprem-no como nas dunas fazendo a poeira suscitar. Desloquem as palavras, risquem as ideias mais precárias, sujem o papel de tédio, café... aliás, deixe-o à vista, talvez algum gato o queira marcar, que o faça. Gritem-no nos corredores das Universidades, nas vielas da cidade... mas apaguem o nome dos autores, pois perderam a propriedade intelectual.

Tudo é agenciamento, perpassando a mão do carteiro que desvirtuou cada ideia a cada entrega (um artífice da balbúrdia), até os atravessamentos dos diálogos, músicas, batuques, entre longos silêncios. E se não tivesse um prazo esse texto seria infinito em sua conclusão... assim o é.

Ora, leia-o em um banco de madeira, em uma cama, em uma trilha, numa biblioteca, em diferentes lugares. Confunda-o com os sons das ruas, e sentirá sabores de multiplicidade. Inclusive, recomendamos que o acompanhe bebendo algo de sua iguaria. Misture-se ao texto encontrando outras coisas entre cada palavra. Marque um horário para beijá-lo, leve-o ao cinema, faça-o visitar outros mundos. Concomitante, reserve espaço na agenda, ou vocês acham que esta leitura não será uma viagem a lugares verdejantes? E faça-nos um favor, surpreendam-se ao ponto de querer conhecer o *lócus* da pesquisa. Nada do que dissemos é capaz de mediar a riqueza daquele lugar. Tudo aqui é invenção nossa. Que saia provocado a senti-lo na superfície da sua pele. Nunca somos bons tradutores.

### 1.1 Instituição de uma problemática e definição dos objetivos da pesquisa

Adentramos um espaço estranho, descaradamente constrangido. Sentimo-nos um ímã, atraindo todas as sensações possíveis, não as controlamos, apenas nos entregamos. A mente busca delinear a atenção, pensamentos emergem, nomeações. Nesse momento é travada uma luta entre a experimentação e a interpretação. Mais um artifício dos nossos condicionamentos para nos projetar uma relação binária e nos querer interpretando ao dizer que experimentamos. Quanta estapafúrdia, separamo-nos da mente. Por acaso queremos ser um corpo dotado de uma mente? Urge o momento de implodir nosso eu. Pausamos, respiramos e como que meditando observamos o fluxo dos pensamentos e os efeitos dos corpos em nós. Iniciamos a travessia.

Procuramos vivenciar este espaço, não sabemos o que nos espera, talvez a morte, talvez a vida, “ou coisa parecida” ao estilo Belchior<sup>1</sup>. Provocamos afetações, desviamos olhares e erguemos a mão em cumprimento. Tarda a estrada e já não sabemos a que horas chegaremos, já não seguimos o tempo do relógio, mas a duração de suas engrenagens. Os passos são largos, mas distantes do chão, girando como um redemoinho. Estamos acoplados em um instrumento de rodas. Cavalgamos, mas a força centrípeta converte-se em giros e atrita os pneus no solo. Marcamos este espaço, produzimos nosso ritornelo.

Concomitantemente, atravessamos um deserto, encontramos cães selvagens sem a disposição de devorar-nos. Aliás, os únicos (?) a nos fazerem companhia fora dos finais de semana. O que podem aqueles dentes? É o que questionam nossas carnes, no deleite que o sangue banhe a pele. Sem nenhuma pretensão veterinária, desconfiamos que foram castrados, destituídos de seus pulsos libidinais desejantes e interiorizados, tão profundamente que dos seus olhares jorram dor. Feridas emergem pelo corpo, nauseabundos e fétidos, sem uma presa a dominar, voltam-se contra si. Invejamo-os por tamanha paciência, sem querer tê-la.

Fato é que territorializando-nos na cama, dormimos vociferando por uma mordida. Chamou-nos atenção naquele espaço o impacto de sensações adestradoras. E quanto mais observávamos os humanos, mais compreendíamos os caninos.

Eis que a mordida tão almejada chegou quando já não mais desclipávamos a sapatilha dos pedais do cavalo de rodas. Apareceu-nos, talvez do fundo de um congelador, um canino salsicha, saliente por observar nossa fuga. Filho de uma nova era; de outra raça; habitante de finais de semanas; praticamente um cidadão médio canino; observando um carteiro interior em nós. Tirou-nos do olhar canino repetitivo que adoecemos por ali, somos gratos. Provoco-me, sou rio<sup>2</sup>.

Logo percebemos que os objetivos que construímos para a pesquisa e que nos conduziam até a comunidade eram objetivos produzidos *a priori*, portanto, tivemos que destruí-los e sermos sensíveis aos ventos que ecoavam no vale daquela chapada. Arqueamos nossa vela e recolhemos a âncora. Ou seja, concebemos um Renault (2001, p.1) em nós: “por que uma vária vela vento em fora me arrasta para além daquela curva, e esta âncora, revendo atrás e aurora, prende meu lenho sob uma água turva?”. Para tanto, reiteramos, somos gratos a tais objetivos, cumpriram seu papel, levar-nos a um encontro e ruir.

---

<sup>1</sup> BELCHIOR. Hora do almoço. Intérprete: Belchior. In: Um concerto bárbaro: acústico ao vivo. São Paulo: Universal Music, 1995.

<sup>22</sup> Utilizamos, aqui, um tempo verbal diferente do corpo do texto para ter o máximo de expressividade sonora no balbuciar. É como que uma frase que se prolifera em brilho. Há muita vida nesta pequena frase, para os autores.

Outrora, objetivávamos cartografar movimentos coletivos de territorialização, as práticas no território, as territorialidades dos povos e populações da comunidade Chico Gomes. Mas, não, não se percebia movimentos coletivos de territorialização à medida do nosso ideal. Nossa vã percepção fora construída em uma visita de campo<sup>3</sup>, em tempos de uma disciplina, que o cartógrafo cursou no mestrado, que se pretendia de Desenvolvimento Regional Sustentável.

Nesta visita de campo/aula de campo o que acontecera fora a constituição de uma máscara. Retomando o passado e trazendo-o ao presente, alguns integrantes da comunidade nos apresentavam uma comunidade ativa e com inúmeros movimentos de resistência, sob a égide de um grupo artístico de dança e música intitulado Urucongo. Logo na primeira visita à comunidade percebemos que esses movimentos coletivos do grupo artístico estavam desativados. Chegando inclusive a escutar, por bocas de lá, que os únicos momentos de encontro coletivo na comunidade eram em velórios, dentre os quais.

Talvez doa nos tímpanos, mas daremos um grito. E antecipando o que será discorrido mais à frente, esta máscara constituída vigora em momentos de visita turística, mas não corresponde ao que acontecia em nossas primeiras visitas. É verdade que os movimentos foram sendo reativados ao longo da pesquisa, talvez pela ânsia que novos ouvidos produziam por ali. Mas o que queremos mesmo dizer é que dormita uma semente em terra firme enquanto não emerge à superfície, mas quando floresce o minúsculo broto, o desabrochar da rosa é quase-consequência, ou quase-cause.

A questão é que as circunstâncias impulsionavam em nós uma força interior a transmutar a bicicleta em pesadelo e a nós vingador, na audácia de interagir com os ideais daquele espaço. Mas, não pretendemos sequer empoderar-nos<sup>4</sup>, imagine atrapalhar o levante popular pelo poder. Desviamos o olhar e seguimos outro rumo.

Recordamos do dia que preparávamos nosso matulãozinho para ir à campo, tudo muito organizado, mas um frio na barriga nos perpassava e flexionava um pensamento sobre a comodidade da repetição. Estávamos passando por um processo de desterritorialização, por um aprendizado, talvez o maior brilho que concebemos durante a pesquisa: vivenciar a desterritorialização como nascimento, habitar o deserto e encontrar novas conexões, criar,

---

<sup>3</sup> Ocorrida durante o primeiro semestre de 2015 pelos alunos do mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável (UFCA), em uma das aulas da disciplina de Desenvolvimento Regional Sustentável.

<sup>4</sup> Compartilhamos com vocês algo, o corretor do word nos recomenda verificar a grafia do termo empoderar-nos, e recomenda que seja substituído por: empoeirar-nos. Acho que é bem isso que ocorre com o modismo do empoderamento, empoeiramento, talvez no sentido de sujar-nos de poder, impotência.

transvalorar valores. Tantas foram as desterritorializações no decurso da pesquisa, mas tivemos o principal impacto diante o esfacelamento dos objetivos ulteriores.

Muitos foram os desencontros. Marcávamos uma conversa, mas ao chegar na comunidade estávamos sozinhos. Para tanto, o acaso se esboçava e propiciava um encontro inesperado. Escutávamos conversas paralelas e íamos presenciando as lamúrias e reivindicações. E assim fomos vivenciando, em parte, a comunidade, escutando e percebendo o espaço e os modos de vida que ali se construía.

Aqui, lembramos da voz que ressoou na qualificação do projeto de pesquisa: “quanto de sedentarismo cabe em uma cartografia?”<sup>5</sup>. De uma hora para outra experienciamos o total (?) nomadismo: transitar pelas esquinas do Chico Gomes à procura do inesperado. Resolvemos não procurar, mas provocar encontros e a partir deles tatear as problemáticas do território e construir os objetivos da pesquisa. Critério, ser sensível às questões, reivindicações naquele espaço.

Contudo, o dia-a-dia nos provocou um novo deslocamento, não bastava vivenciar, ser conduzido, realizar conversas informais. Era preciso ser mais incisivo, produzir encontros, ao mesmo tempo aderir aos vícios das técnicas de obtenção de dados que as pessoas adoeceram por ali. Havia um ideal de pesquisador<sup>6</sup>, do qual nós não nos enquadrávamos, não carregávamos questionários, não dizíamos sobre o que pesquisávamos. Deste modo as dificuldades se multiplicavam. Era preciso ter um sobrenome, uma profissão e fazer entrevistas.

Começamos as entrevistas, falávamos o nome da nossa família quando perguntados, tínhamos uma ocupação profissional, mas continuávamos sem objetivos. Todavia, se indagados, falávamos que pesquisávamos os movimentos coletivos de territorialização, citava a mandala e o Urucongo<sup>7</sup>. Ao final da entrevista ao perguntar: qual a pergunta que não fizemos, mas que você gostaria que tivéssemos feito? Era comum escutar: eu não sei o que você está estudando, não tem como eu dizer.

Tempo passa e tateamos as principais reivindicações da comunidade, quais sejam: direito à posse da terra; direito ao acesso à água e obtenção de emprego. Em resumo, bastavam-

---

<sup>5</sup> Emitida através de um parecer, por Maria Sônia Claretto, componente da banca de avaliação do projeto de qualificação que resultou nesta dissertação.

<sup>6</sup> É que as pessoas da comunidade tinham um perfil de pesquisador, uma forma e sempre que tinham a oportunidade punham o cartógrafo diante dela. São vícios desenvolvidos na academia, nos manuais pedagógicos e científicos. Talvez tenha sido uma ofensa não entrevistar algumas pessoas da comunidade, por exemplo. É que o deslocamento deve ser de cada parte, quem espera nunca alcança.

<sup>7</sup> Mandala é uma forma de territorializar sementes na terra e fazê-las nascer. São plantadas em grandes círculos e mantêm princípios sustentáveis em seu manejo. Já o Urucongo é um grupo artístico de música e dança da comunidade. Recomendamos que os leitores assistam o vídeo contido no link que se segue, que discorre sobre o grupo, dentre os quais: <https://www.youtube.com/watch?v=J5tM5dFwOM4>.

lhe ter a propriedade da terra, desfrutar das fontes de água que circundam a comunidade e serem criados postos de trabalho na comunidade para que eles não precisem busca-los em outros locais.

Para tanto, as sensações que atravessavam nosso corpo vão além dessas questões. Acontecera um acidente-passado neste território, observamos as marcas, as durações. Aquelas mais nítidas percebemos via afetos tristes. São efeitos que diminuem a potência dos corpos, separam-nos do que podem. Apresentam-se na linguagem, na fisiologia das fisionomias, nas disputas e conflitos internos, nas desconexões, ressentimentos... Permitam um etc, pois a cova é funda. Advertimos que cada palavra aqui é apenas uma palavra, é preciso adentrar o espaço, durar nele e sentir o que sentimos para compreender, o pavor e o poder na alma, mas também a alegria e a vibração na pele, pois todo acidente oportuniza também um brilho, e há muito de afirmação da vida neste território.

Por este caminho decidimos prosseguir, e nele produzir esta dissertação. Contudo, percebemos que é obsoleto buscar aprofundamentos nessas questões, postular culpados, verdades ou vítimas. Bem como metrificar as poesias, acontecimentos, músicas e danças. Preferível é dar acesso às afecções e intervir nas questões que se apresentam.

Deste modo, instituímos como pesquisável: ‘Cartografar as marcas/efeitos impressos e os movimentos de afirmação da vida decorrentes da formação da comunidade Chico Gomes’. Sonoridade que se plasma nas páginas desta cartografia. Grafia que para um poeta é como para um músico notas musicais em uma partitura.

Perguntamo-nos a respeito dessas marcas e efeitos que resultam da geografia da comunidade, os sintomas palpáveis e intangíveis do poder na vida das pessoas. Mas também sobre os movimentos de afirmação da vida que se produzem na comunidade, gerando alegrias. Assim, indagamos: quais as marcas/efeitos impressos e os movimentos de afirmação da vida decorrentes da formação da comunidade Chico Gomes? E instituímos como objetivos específicos: tecer as marcas/efeitos nos indivíduos componentes da pesquisa decorrentes do processo de formação da comunidade; tecer os movimentos de afirmação de vida evidenciados no transcorrer da pesquisa; e descrever os movimentos interventores acionados durante a pesquisa.

## 1.2 Caminhos, trilhas e territórios da pesquisa

Ser sensível, sutil, sem cessar. A arte da intensidade nos exige esforços, deslocamentos, paulatinos, para que não nos fragmentemos nas travessias. Traçar um território, desenvolvê-lo em motivos territoriais, paisagens territoriais (há ritornelos motores, gestuais, ópticos, etc.). Ir das forças do caos às forças da terra. Territorializar, desterritorializar, reterritorializar. Movimentos que necessitam de prudência para evitar os excessos de composição e decomposição. Há instantes de ruptura, oportunidades de fluxos, ficar à espreita e movimentar-se (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 139).

Abertura ao caos. “É possível que [...] haja um pouco de sensatez; mas eis a certeza divina que encontrei em todas as coisas: é sobre as pernas do acaso que [...] preferem dançar!” (NIETZSCHE, 2014, p. 214). Encontro inesperado, fomos impactados. “Eu estava dormindo, e me encontrei, assim, num mundo estranho e louco...” (QUINTANA, 2012, p. 135).

O que queremos dizer é que o território da pesquisa fora uma decisão inopinada, de caráter extraordinário. Desconhecíamos a existência da comunidade Chico Gomes, o que não impediu de sermos conduzidos até lá, e quando nos vimos atravessados pelos discursos, sonoridades, já estávamos misturados<sup>8</sup>. Possibilidades foram ampliadas, e no tempo, provocamos os passaportes para lá instituir a pesquisa. É verdade que resistimos, buscamos outros territórios, que nos suscitaram desinteresse. Mas a comunidade fora uma memória de futuro, transitava nos caminhos neurais, durava e nos atraía. Dizemos que fomos escolhidos antes de escolher, considerando a afecção que nos provocou<sup>9</sup>.

A comunidade Chico Gomes está localizada em zona rural do município de Crato (CE), às margens da CE-386<sup>10</sup>. Da casa do cartógrafo até a comunidade são 8,1 km, como podem ver na figura abaixo:

---

<sup>8</sup> Já dissemos como ocorrera o encontro. Vide o item “instituição de uma problemática”.

<sup>9</sup> Queremos registrar que esta poderia ter sido uma pesquisa com o seguinte título: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal: o processo de matematização do desenvolvimento e sua apropriação nas políticas públicas desenvolvimentistas. Mas os mares revoltos dos encontros com Deleuze e Guattari nos impulsionaram até a vivência desta cartografia.

<sup>10</sup> Estrada que conecta o município do Crato à Barbalha, correlata a quem vai do Crato ao Arajara Park, margeando o sopé da serra.

Figura 1 - Percurso percorrido, primordialmente, pelo cartógrafo de sua casa até a comunidade Chico Gomes.



Fonte: Elaboração própria a partir do *Google Maps*.

Foram 598 km marcados pelo velocímetro do cavalo de rodas. O que significa dizer que a pesquisa resultou desses deslocamentos. Giros e giros nos pedais, rodas, frenagens, acelerações, velocidades, lentidões, pneus furados, trepidações que ocasionaram a perda de faróis<sup>11</sup>... foram inúmeros deslocamentos, visitas à comunidade, à Cáritas<sup>12</sup>, à casa de Isabel<sup>13</sup>, praças, bibliotecas, livrarias, igrejas... escrevemos em diferentes lugares, nos movimentamos ao encontro com os moradores da comunidade, tanto interno a mesma, como em espaços outros.

A pesquisa se estendeu do dia 10 de outubro de 2016 a 16 de janeiro de 2017. Variamos os dias no campo de pesquisa, íamos quando a comunidade organizava algum

<sup>11</sup> Por isso o cartógrafo decidira se deslocar no cavalo de rodas, bicicleta. Uma forma de selecionar tipos de encontros. Velocidades ao nível do pensamento entre cada pedalada. E se não fosse o cansaço suscitado pelo deslocamento, alguns copos com água não teriam sido oferecidos, oportunidades de conversa. Diferentes horários, do nascer do sol, perpassando o “pingo” do meio dia ao entardecer do sol. Suamos, despendemos energia, fomos fortalecidos.

<sup>12</sup> Segundo informações contidas em seu site, Cáritas Brasileira, (<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>) “[...] a Cáritas é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). [...] Nas lutas emancipatórias, a partir de processos coletivos, organizativos, promovendo o protagonismo de grupos e comunidades, bem como no fortalecimento de iniciativas em redes de articulação, fórum e ações de incidência política, a Cáritas busca animar a construção de espaços de democracia participativa, de inclusão e transformação social”.

<sup>13</sup> No capítulo três o leitor encontrará a descrição das intervenções realizadas por esta cartografia, dentre os quais, a construção de um blog. Isabel se agenciou com o cartógrafo para implementar este projeto de construção.

encontro coletivo, quando os entrevistados marcavam algum dia, chegávamos de surpresa, percorremos durante o final de semana e durante a semana para tatear o território...

Advindos de outros mundos, quisemos primeiro buscar subsídios teóricos, e só quando nos sentíssemos seguros ir à campo. Estratégia falha. “Na cartografia a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção desestabiliza pressupostos tradicionais do conhecimento científico e o ideal de integridade que se hegemonizou como positivo, rigoroso, neutro, objetivo” (BARROS e PASSOS, 2015, p. 172).

Tivemos que no decurso da pesquisa reformular tudo, obra do acaso. Movimento que nos exigiu, mas nos levou mais longe. É que cartografar não é apenas acompanhar processos, mas, sobretudo, experimentar, transmutar. “Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção” (PASSOS e BARROS, 2015, p. 31).

A cartografia deve ser entendida como um método segundo o qual toda pesquisa tem uma direção clínico-política e toda a prática clínica é, por sua vez, intervenção geradora de conhecimento. [...] o trabalho da análise é a um só tempo o de descrever, intervir e criar efeitos-subjetividade. [...]. Primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas [...] inseparabilidade entre conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir. [...]. Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo, o que tem consequências políticas. [...] ampliar a força desses gergens potenciais numa desestabilização do padrão. (PASSOS e BARROS, 2015, p. 26, 27, 17, 30, 31).

Esta pesquisa foi uma grande experimentação, um ato de afetar e ser afetado. Por um lado, transmutamos, criamos novos universos de referência, pomo-nos em movimento e incorremos em transformações incorpóreas. Uma explosão de possibilidades. Fomos expandidos como ao cosmos. Atributos do cartografar. Por outro, provocamos encontros, intervindo nos cúmplices da pesquisa, impactando percepções, discursos. Precipitando movimentos afirmativos, conectando-se com o mundo do outro, com outrem. Ficamos abertos às vibrações provocadas em conjunto. Construimos agenciamentos que nos conduziram até a escrita deste texto, que é pesquisa sendo vida.

Acompanhamo-nos de bons encontros com Deleuze, Guattari, Nietzsche, Lapoujade, Zourabichvili, Rolnik, Spinoza. Fundamentais para a instauração de uma política da narratividade. Mas, nem todos os gritos puderam se materializar no texto, ressoam nos tímpanos, por vezes, explodindo.

Podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS e BARROS, 2015a, p. 151).

Seguir a fórmula de “abrir o impasse, desbloqueá-lo. Desterritorializar Édipo no mundo, em lugar de se reterritorializar sobre Édipo e sua família” (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 24). Fizemos isto sempre que possível. Sobretudo, escrevendo em um tom como que querendo que o leitor se veja no texto, seja afetado pelo texto, pelas palavras, ideias. Ora desterritorializar o texto no leitor, ora desterritorializar o leitor no texto. A leitura aqui é feita como uma atividade clínica-política. Parágrafos funcionando como que encontros esquizoanalíticos.

Atividade realizada, também, durante as entrevistas semiestruturadas e individuais. Instaurando perguntas móveis. Estímulos ao falar que precipitava outras perguntas a partir do que era dito. Como que uma dança, onde ora um conduzia, ora o outro. Entremeadas por pausas, silêncios, rupturas.

Entrevista, como procedimento cartográfico, [...] pode ser capaz não só de acompanhar processos, como também, por meio de seu caráter performativo, neles intervir, provocando mudanças, catalisando instantes de passagem, esses acontecimentos disruptivos que nos interessam conhecer (TEDESCO, SADE e CALIMAN, 2014, p. 93).

A entrevista é algo que promove deslocamentos. A atividade da fala é bem diferente da escrita. Exige outros modos de expressão. Carrega sonoridades, fisionomias, emoções grafadas nas cordas vocais, nos olhos. Aliás, é preciso sensibilidade às sensações que emergem na superfície da pele.

Entrevistas [...] nelas [traçar] linhas de atualização, que exigiam um outro modo de expressão que não as linhas assimiláveis nos grandes livros. As entrevistas são diagnósticos. É como [...] a obra de Foucault [...], não pode separar os livros, que nos marcaram a todos, das entrevistas, que nos empurravam para um por vir, para um devir: os extratos e as atualidades (DELEUZE, 2016, p. 368).

Esse movimento supracitado foi realizado com dez entrevistados. Não constituímos critérios fixos para a escolha, ficamos à espreita de encontros inusitados, com exceção da escolha do entrevistado, intitulado aqui de, O Poeta. Nossa aproximação da comunidade se deu através dele, por se tratar de uma liderança comunitária. Uma vez estando na comunidade permanecemos atentos aos encontros que se constituíam e percebíamos a oportunidade de realizar entrevistas. Entramos pela porta da frente, pulamos a janela.

Cada novo entrevistado era estimulado a citar outras pessoas da comunidade que teriam uma participação na constituição de movimentos afirmativos, na história da comunidade,

peças consideradas importantes ao lugar. No entanto, cinco dos entrevistados foram escolhidos fora deste critério, pela imprevisibilidade.

Os entrevistados, foram: 1) *O poeta*. Nomeado assim pela aptidão poética. Adulto, morador da comunidade, integrante do grupo de artes Urucongo, escolhido por ser a liderança mais ativa no território; 2) *O quebrador de barreiras*. Tendo se automeado quando se referiu a si desta forma, por exemplo, por ter sido a primeira pessoa da comunidade a conquistar um título superior e ter desbravado o Brasil à procura de melhores oportunidades. Adulto, morador da comunidade, escolhido por estar na presença de um dos entrevistados no dia que havíamos marcado uma entrevista. Aproveitamos a oportunidade e o colocamos na roda de conversa; 3) *A Shaman*. Nomeada por ter sido chamada deste modo por um dos entrevistados, que destacava sua admiração por sua sabedoria; Jovem, integrante do grupo de artes Urucongo, moradora da comunidade, escolhida por integrar ativamente o Urucongo e ter sido citada por outros entrevistados; 4) *O Alerta*. Nomeado assim por permanecer em estado de alerta durante toda a entrevista, permanecendo atento às perguntas e se esquivando sempre que necessário. Idoso, morador antigo da comunidade, ex-funcionário do Engenho, escolhido por ter sido citado por outro entrevistado, chamando nossa atenção ao encontro; 5) *A destemida*. Nomeada assim por demonstrar coragem no olhar, com tom de voz firme e respostas diretas. Idosa, esposa *do Alerta*, moradora da comunidade, escolhida por se aproximar no momento da entrevista com seu esposo. Colocamos-na na roda de conversa.

Prosseguindo, os demais entrevistados, foram: 6) *O contador de Histórias*. Nomeado assim pela habilidade em contar histórias da comunidade, demonstrando alegria. Idoso, ex-funcionário do Engenho, onde teve cargos de confiança na fazenda, mantendo ainda hoje proximidade com os “donos” para administrar questões pontuais que é requisitado. Morador da comunidade, articulador comunitário entre os moradores, e por vezes, entre moradores e os “donos” da terra, escolhido por ter oferecido uma cadeira para o cartógrafo sentar, enquanto este estava desorientado por um desencontro com um dos moradores que seria entrevistado. Após uma conversa e um copo com água, marcamos uma entrevista; 7) *O Observador*. Nomeado assim por ter habilidade de perceber os deslocamentos na comunidade pelos rastros deixados no chão. Por exemplo, da bicicleta do cartógrafo. Além disso, presenciamos por diversas vezes o mesmo sentado no alpendre de casa, silencioso, observando o horizonte. Idoso, morador da comunidade, ex-funcionário do Engenho, escolhido por ter se aproximado do *Contador de Histórias* e do cartógrafo, enquanto estes conversavam. Enquanto comíamos um pedaço de queijo que o mesmo oferecera, marcamos uma entrevista.

Ademais, entrevistamos: 8) *O Filho do Acontecimento*. Nomeado assim pela história de sua vida. Ex-carteiro que vitimado por um acidente, perdera parte nos movimentos do corpo. No entanto, transformou o acontecido em acontecimento, transformação incorpórea em poeta. Adulto, morador da comunidade, materializa as queixas das pessoas em poesias, implementando seus movimentos parado. Escolhido por ter sido citado por um dos entrevistados; 9) *A Professora*. Nomeada assim pela atividade profissional que desempenha. Adulta, moradora da comunidade, conhecedora dos discursos internos e da história do lugar. Escolhida por demonstrar, além dos fatores ditos anteriormente, acolhimento e solidariedade com o cartógrafo, em seus momentos de sede e fome; 10) *O Renovável*. Nomeado assim pelo trabalho que desempenha com energia solar nas cidades circunvizinhas. Jovem, filho de moradores da comunidade, integrante do grupo Urucongo. Escolhido por ter sido citado por um outro entrevistado e ter se dirigido até o cartógrafo em um encontro ao acaso fora da comunidade.

A transcrição das entrevistas resultou em 147 páginas, em letra *Times New Roman*, tamanho 12. Um mar de informações. Horas ouvindo os áudios gravados. Leituras e leituras. Cortes, conexões aqui e acolá. Entrelaçamentos com resumos, conceitos, citações, extraídos de livros. Uma maquinação, acoplamentos. Os rascunhos se multiplicaram. E se não fosse o aporte ferramental da construção de mapas conceituais<sup>14</sup>, teríamos nos perdido.

Paralelo às entrevistas realizávamos o “registro [...] daquilo que [era] pesquisado quanto do processo [...] do pesquisar [...], [que] inclui tanto os pesquisadores quanto os pesquisados. [...]. O pesquisador está [...] incluído no processo da pesquisa e se restitui, ele também, na operação de análise das implicações” (BARROS e PASSOS, 2015, p. 172, 173). Deste modo, buscamos “desemaranhar as linhas de um dispositivo, [que] em cada caso, é montar um mapa, mapografar, agrimensar terras desconhecidas, e é isso que [chamamos] trabalho de campo” (DELEUZE, 2016, p. 360).

O que significa dizer que carregávamos em punho um diário de campo, um dispositivo móvel que era acionado nos momentos de solidão, silêncio, precipitando pausas no percurso, sempre que um pensamento atravessava o cartógrafo. Aproveitamos muitas sombras. Crivávamos no papel os movimentos realizados pelas falas, pessoas, sensibilidades...

Tudo isto como expressão das escolhas que realizamos nas trilhas, caminhos e travessias nos territórios da pesquisa, e que nos permitiram compor mundos e delírios.

---

<sup>14</sup> Técnica que estrutura de forma esquemática conceitos, correlacionando-os.

### 1.3 Composição dos capítulos

As palavras se acoplam uma na outra, maquinam sentidos e pululam com vida. “As palavras... trepam por sua conta” (DELEUZE e GUATTARI, 2014, p. 45). A riqueza de um texto consiste em não controlar o leitor, querê-lo entender com a precisão de uma régua. Pelo contrário, querer que se multipliquem os sentidos, que cada palavra seja apropriada e ganhe funcionamento. Funcionamentos outros com outros textos, em outros escritos, surgindo ideias alhures.

Já é difícil compreender o que alguém diz. Discutir é um exercício narcísico onde cada um por seu turno fica se gabando: às rápidas já não se sabe mais do que se está falando. [...]. As discussões representam muito tempo perdido para problemas indeterminados. As conversas, isso é outra coisa. É certamente preciso conversar. Mas a menor das conversas já é um exercício altamente esquizofrênico, que se passa entre indivíduos que têm um fundo comum e um grande gosto pelas elipses e pelos laconismos. A conversa é repouso cortado por longos silêncios, ela pode dar ideias. Mas a discussão de modo algum faz parte do trabalho filosófico. Terror da fórmula ‘vamos discutir um pouco’ (DELEUZE, 2016, p. 403, 404).

Queremos a leveza de um diálogo, com ares acadêmicos. Que será delineado em três capítulos. Daremos indicativos do que os leitores encontrarão no por vir, como que instaurando marcações sonoras. Faremos aqui como que uma harmonia das composições em cada capítulo, mas façam melodias ao longo da leitura, pois é possível se misturar ao texto e cantarolar. A própria balbúcia<sup>15</sup> das palavras é capaz de produzir movimentos, vibrações, ideias. Experimente!

No capítulo um há uma tessitura das marcas e efeitos produzidos ao longo do tempo, na comunidade Chico Gomes, resultado do agenciamento de poder que ali opera. Um acidente passado onde a comunidade fora invadida e apropriada para o desenvolvimento de um sistema econômico canavieiro, marcou o início de um modo de existência dominado por forças reativas, no qual o Engenho fora uma forte engrenagem, representando um moedor de sonhos. Separando todos de suas efetuações de potência e produzindo marcas e efeitos, como que feridas e cicatrizes.

Por comodidade, facilitando o processo de escrita, dividimos essas marcas e efeitos entre físicas e psíquicas, para marcar diferenças entre aquelas que atuavam preponderantemente

---

<sup>15</sup> A construção desse texto foi feita, inclusive, brincando com os sons produzidos no balbuciar. Escolhendo a forma de escrever a partir dos movimentos labiais, sublinguais. Por isso a delicadeza em utilizar uma palavra e não outra. São prazeres que os poetas carregam quando versam. Há parágrafos que provocam sensações que só podem ser sentidas na musculatura da boca se pronunciados.

no físico, provocando formas de deslocamento no território, e outras nos pensamentos e emoções, gerando condicionamentos. Ademais, realizamos uma outra divisão, que fora diferenciar as marcas e efeitos que se efetuavam com mais intensidade no auge do agenciamento de poder e no seu declínio, não perdendo de vista que observamo-as segundo suas durações, uma vez que atravessaram o tempo e só assim puderam afetar a sensibilidade do cartógrafo.

No auge do agenciamento de poder as marcas e efeitos físicos dizem respeito às circunstâncias de trabalho; condições para manter a moradia e problemáticas da não propriedade da terra; bem como a vontade de violência que operava na comunidade, produzindo corpos dóceis, submissos, confinados. No que diz respeito às marcas e efeitos psíquicos, trataremos: dos impulsos de negatividade, onde a negação se reproduz subjugando processos de afirmação, gerando discursos de vitimização, ressentimento, bem como fortalecendo a constituição de enraizamento, identidade; tecemos também consequências do afeto de temor, que produz medo, insegurança, ressentimento, ou seja, tristezas que aprisionam as pessoas, produzindo, dentre os quais, o corte de fluxos de desterritorialização; além disso, tecemos as marcas e efeitos do processo de submissão, que subjugam as pessoas às regras, fortalecendo suas dependências ao poder, bem como estimulando noções de endividamento e reconhecimento a favores (?) prestados pelo patrão. Condições que separam as pessoas do conhecimento dos modos de afecção, tornando-os passivos nos modos de afetar e ser afetados.

Quando tratamos do declínio do agenciamento de poder, resultado da falência do sistema econômico que ali operava, as principais marcas e efeitos físicos, são: abandono social, pois quando o engenho faliu, levou consigo seus dependentes; declínio da agricultura, exigindo que as pessoas buscassem emprego fora da comunidade, por exemplo; além das dificuldades em implementarem atividades econômicas na comunidade, seja pela inacessibilidade à crédito bancário, devido a inexistência de documento comprovando propriedade de terra, ou mesmo pelos tolhimentos internos de quem se intitula dono da terra. Tudo isto, impulsionando reivindicações pela propriedade da terra.

Concomitantemente, as marcas e efeitos psíquicos, tratados, resultam de desconexões e desgostos, são: processos de drogatização, enquanto problemática social e que pode resultar de todas as angústias, desgostos, que as forças reativas operacionalizam na comunidade; isolamento/desilusão, como expressão de desconexões e reclusões, separando as pessoas de fluxos de invenção e criatividade; segregação, que divide a comunidade, perpetuando a separação entre pessoas conscientes e não-conscientes, além de antigos e novos moradores. Impotencializando movimentos de resistência. Tratamos, também, da problemática

de evasão da comunidade, como resultado de condicionamentos que induzem as pessoas a pensarem que saindo da comunidade terão melhorias nas condições de existência.

No capítulo dois, há uma tessitura dos movimentos de afirmação da vida realizados na comunidade, expressão do ato de criar, por exemplo, territorialidades, ritornelos, realidades, percepções...

Iniciamos com os movimentos feitos espontaneamente, pautados na solidariedade. Uma construção coletiva, vida comunitária. Destes movimentos destacaremos três: por um lado, o trabalho em sistema de mutirão, que articulava toda a comunidade; de outro, os movimentos culturais sonoros, que suscitavam da aptidão ao ânimo, diversão; por fim, pessoas que são aclamadas na comunidade, pela determinação e força.

Feita esta etapa, passaremos aos movimentos de afirmação articulados para construção de identidade, territorialidades e evocação de ancestralidades. Três movimentos são destacados, com ênfase para o último: o primeiro diz respeito ao papel da educação na criação de novos universos de referências na comunidade; o segundo, como consequência das percepções geradas pelo primeiro, a construção de movimentos sociais; o terceiro, a construção de uma máquina de guerra chamada Urucongo. Paralelo a tudo isto, arrola-se um movimento individual, isolado, através da poesia. O Filho do Acontecimento, faz de um acidente em sua vida, um acontecimento.

No terceiro capítulo descrevemos os movimentos interventores acionados durante a pesquisa, ousadas que nos levaram à construção de uma oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas, bem como a realização de uma roda de conversa na comunidade, no qual ousamos deslocar os participantes da roda de conversa a transpor os seus limites, estimular à arte do humor; além de microintervencões, instaurando dispositivos discursivos, problematizando discursos em torno da propriedade da terra, identidade, cultura. Conversando sobre conceitos, acontecimento, força ativa, ritornelo, devir, afirmação da vida, afeto, encontro, experimentação... provocando à criação de novas expressividades, criação de instrumentos, danças, novas músicas; territorializamos, também, os movimentos do cartógrafo durante a pesquisa, transformação incorpórea de pesquisador cartógrafo em cartógrafo-Klínico (isso, com K. Há um mundo sobre isto, desloque-se à pesquisa).

Assim, fomentamos dois investimentos principais: o primeiro, estimular processos de criação, fortalecer afirmações de vida. Para tal, quando necessário desestimulando, quebrando, rompendo repetitividades, enraizamentos; o segundo, estimular conexões, acoplar máquinas, pessoas, coisas, ideias. Mexer com a comunidade. Para tal, nos aclopamos ao grupo

Urucongo, considerando que o investimento interventivo no grupo seria um mecanismo de amplificar as transmutações no tempo, fazendo-as durar, se alastrarem.

Então, considerando que o grande motivo desta cartografia é vivenciar a vida, construí-la, atribuir inumeráveis sentidos, encontrar motivos de sorrir, sorrir nas desgraças, nas dores, rir de si. Provocar acontecimentos. Nos afetamos em territorialidades, ritornelos, velocidades, lentidões, danças, vibramos como um arco, pegamos a flecha lançadas por outros e a lançamos mais longe... suscitamos criatividade, implementamos destruições, grafamos as sensações na pele, dando-lhes duração, e modificamo-nos, experimentamos. Desejamos que esta leitura te seja um toque de alegria.

## 2 ENGRENAGENS DO AGENCIAMENTO DE PODER: MARCAS E EFEITOS NA COMUNIDADE CHICO GOMES

É necessário impactar o leitor, atravessá-lo com um depoimento-choque:

*Esse homem era tão ruim, tão mal, que às vezes vinha gente procurar trabalho [...] dali de jardim [...] aí passando no engenho dali... às vezes o coitado com fome, pegava um pedaço de cana que caía das cargas dos burros, aí saía chupando. Quando dava fé ele mandava pegar, amarrava num pé de catolé que tinha no final da bagaceira [risos], e ali ficava até o final do dia. Quando terminava o final do dia, ele mandava pegar e mandava botar na fornalha. Aconteceu muito (O Contador de Histórias).*

Quem sabe, na qualidade de poeta, aquele homem, em pleno suplício, tivesse declamado:

“Parece muito doce aquela cana.  
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!”<sup>16</sup>  
“Vulcão da bioquímica fogueira  
Destruí-me todo o orgânico fastígio ...  
Dai-me asas, pois, para o último remígio,  
Dai-me alma, pois, para a hora derradeira!”<sup>17</sup>  
“Para que, enfim, chegando a última calma  
Meu podre coração roto [...] role,  
Integralmente desfibrado e mole,  
Como um saco vazio dentro d’alma”<sup>18</sup>.

Para tanto, o doce da cana custou-lhe o amargor de sua alma, suplícios atualizados no tempo:

[...] as dores excessivas faziam-no dar gritos horríveis, e muitas vezes repetia: ‘Meu Deus, tende piedade de mim; Jesus, socorrei-me’. [...] gritava muito sem contudo blasfemar, levantava a cabeça e se olhava. [...] o homem se agitava, mexendo o maxilar inferior como se falasse. Um dos carrascos chegou mesmo a dizer [...] que, assim que eles levantaram o tronco para o lançar na fogueira, ele [...] estava vivo. [...]. Em cumprimento da sentença [...] foi reduzido a cinzas. O último pedaço encontrado nas brasas só acabou de se consumir às dez e meia da noite. Os pedaços de carne e o tronco permaneceram cerca de quatro horas ardendo. (FOUCAULT, 1987, p. 8 -10).

Não há como prosseguir sem silenciar. Silencie e perceba os efeitos das frases atravessando seu corpo. Quais as sensações físicas te acometem? Quais os pensamentos que sobreveem? Emerge-te emoções? Neste momento esqueça da leitura e apenas prossiga ao sentir as afecções nos seus corpos físico, emocional, mental... dedique-se um tempo.

<sup>16</sup> Augusto dos Anjos (2003, p.93).

<sup>17</sup> Ibid., p. 141.

<sup>18</sup> Ibid., p. 94.

Agora, pressupondo que deste uma pausa, respire profundamente e que a terceira respiração profunda seja o sinal perfeito ao seu cérebro para que a calma te inunde. Respire. E respirando, alivie tensões.

Será fácil para você esquecer este relato, ou ao menos mais fácil do que para aqueles que possuem diversas ancoragens no local onde habitam. Aqui nos referimos aos moradores<sup>19</sup> do Chico Gomes. São cruzeiros e mais cruzeiros estendidos ao longo da estrada, sinalizando que alguém falecera ali. Dia após dia visualizando cruzeiros, cada encontro tendendo a ativar recordações, medos. Uns sentiram na pele, presenciaram, outros são afetados por relatos ouvidos na mais tenra idade, repassado por avós, pais...

Diversas são as marcas e efeitos que resultaram do processo de formação da comunidade e que duram ao longo do tempo. Por isto, convidamos o leitor a uma tessitura destas feridas e cicatrizes.

Antes, é necessário advertir que esse conjunto de práticas de violência, domínio, resulta de um agenciamento de poder, que vigorou em dado momento do tempo, sob o codinome sistema escravocrata de produção, efeito de um contexto social que ultrapassa os portões da comunidade Chico Gomes. Um contexto histórico que perpassou todo o país, mas sobretudo, o Nordeste brasileiro. Suas características, conforme os entrevistados, são: uma sociedade escravocrata; patriarcalista; coronelista.

É preciso definir os termos. Faremos isso atravessando o texto com palavras vindas de outros universos de referências que não os dos manuais de formação do Brasil ou do Nordeste. Quando falamos de um sistema coronelista, queremos dizer que há a seguinte disposição:

Para o coronel, não tem essa história de cidadão anônimo, ou você é doutor e faz parte dos cambalachos da casa-grande, ou você é trabalhador, elemento da senzala a seu serviço, de corpo e alma. [...]. A hierarquia de sentidos e valores – e das pessoas – é tão estável no caso do coronel-em-nós que se alguém ousar não reconhecê-lo, indignado, ele reage imediatamente perguntando “sabe com quem está falando?”. [...]. O fascismo brega e gagá do coronel-em-nós é, de fato, um sistema hierárquico e automático de relações pessoais, com seus figurões, seus medalhões, seus padrinhos, seus pistolões etc., onde o privilégio é a maior e talvez única virtude e onde se supõe que cada um conheça o seu lugar (ROLNIK, 2014, p. 155).

Quando falamos de sistema patriarcalista atribuímos, dentre os quais, o seguinte aspecto, a partir de Deleuze e Guattari (2012a, p. 92):

---

<sup>19</sup> No Nordeste brasileiro, a expressão ‘morador’ é comumente utilizada para designar os trabalhadores da agricultura que habitam na propriedade rural sem dela se apossar. Ou seja, se vinculam mais pela relação de trabalho que estabelecem com os proprietários do que mesmo pela fixação ao território.

O homem é majoritário por excelência [...]. Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco-adulto-macho, etc. [...] a maioria no universo supõe já dados o direito ou o poder do homem.

E quando falamos de um sistema escravocrata queremos dizer que há supremacia das forças reativas. Que separam os corpos, forças, afetos do que eles podem. Diminuem e rebaixam a capacidade de afetar e ser afetado, em um circuito de obediência, adaptação, reação, negação, rebaixamento, impotência. Aniquilamento dos movimentos de afirmação e criação (DELEUZE, 1976).

O homem-escravo. Isso diz a que ponto a noção nietzschiana de escravo não designa necessariamente alguém dominado, por destino ou condição social, mas qualifica tanto os dominantes quanto os dominados, desde que o regime de dominação passe por forças reativas e não ativas (DELEUZE, 2016, p. 214).

Em resumo, um agenciamento de poder. Ou seja, um modo de existência - que é tanto maquínico de desejo, um conjunto de estados de coisas, materialidades, efetuações etc., como coletivo de enunciação, que entrelaça enunciados, sentidos, linguagens, percepções etc. – que reprime os fluxos desejantes, separa os corpos, pessoas, forças do que elas podem e submetem-nas à obediência, confinamento, impotência. Então, quando falamos de agenciamento de poder, reportamo-nos a uma condição de existência no qual o poder impera, e como tal, “o poder sempre separa as pessoas que lhe estão submissas, separa-as do que elas podem fazer. [...] proíbem as efetuações de potência” (DELEUZE, 1988, p. 41).

No contexto atual as estratégias de poder e agenciamentos foram atualizados. Os signos do sistema econômico são outros, e a sociedade é de controle<sup>20</sup>. Poder que subjuga, mas de modo velado, manipulação que induz, sem sangrar. Choro sem lágrima que perfura a alma.

Portanto, é inócuo reportar todas estas marcas e efeitos a uma figura humana, a um sujeito, ou mesmo a um conjunto de sujeitos. Pois esta realidade já existia antes deles, é no por vir que foram alimentando estas forças reativas<sup>21</sup>. Não buscamos culpados nem vítimas,

<sup>20</sup> “As sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando para trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controles, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 1992, p. 220).

<sup>21</sup> Semelhante ao que ocorre com os crentes: “O crente é justamente aquele cujo pensamento se eleva até um Fora insondável e que descobre que as decisões já foram tomadas em seu lugar. A partir daí, a única escolha possível consiste justamente em ocupar o lugar que essa decisão lhe destina” (LAPOUJADE, 2015, p. 92-93).

passamos por esta etapa apenas por comodidade, para adoecer e na doença encontrar o brilho das afirmações da vida, sacudir os parasitas, os sugadores e prosseguir.

O poder não exprime uma classe dominante, nem mesmo depende de um aparelho de Estado, mas se produz em cada ponto, ou antes em cada relação de um ponto com outro, passando tanto pelos dominados quanto pelos dominantes, de tal maneira que as classes resultam disto e não o inverso, e que o Estado ou a lei operam apenas sua integração. As classes e o Estado não são forças, mas sujeitos que as alinham, integram-nas globalmente e efetuam seus entrelaços, sobre e dentro dos estratos (DELEUZE, 2016, p. 264).

Para facilitar a escrita, e por mera comodidade, decidimos repartir as marcas e efeitos em dois conjuntos, aquelas que resultam do auge do agenciamento de poder que crivou espinhos nos indivíduos, sendo classificadas em marcas e efeitos físicos e marcas e efeitos psíquicos; bem como as marcas e efeitos que resultam do declínio do agenciamento de poder, sendo classificadas, também, em físicos e psíquicos. Antes, porém, de se molhar nestas marcas, discorreremos sobre a principal engrenagem do agenciamento de poder, o Engenho.

## 2.1 O Engenho como principal signo do agenciamento de poder

Que seus tímpanos sejam estourados por este poema:

Parece que era eu  
 Que girava entre as moendas  
 É que ainda vejo sangue  
 Manchando o caldo da cana  
 Ainda lembro Ana  
 Gritando por seu marido  
 E seu João todo moído  
 Nem se mexia na cama

Vou rezar minha novena  
 Invocar Santa Santana,  
 Meus pecados foram tantos,  
 Vou pagar a penitência  
 De sentença uma sumana  
 Que Deus ouça a quem clama  
 E chama por ele, amém  
 A bagaceira do Ingém  
 Não era feita de cana

O doce da rapadura  
 Era suor do agregado  
 Seu clamor fora cortado  
 Com o ferro da navaia  
 Com o peso da cangaia  
 A cana do meu braço  
 Também virou bagaço  
 E foi queimado na fornaia

Que a fumaça subindo  
 Fugindo da chaminé  
 Faça um oco na camada  
 E fale para o criador  
 Que o povo daqui da terra  
 Está sem terra  
 Que o povo daqui da terra  
 Quer terra para trabaiá  
 Que o povo daqui da terra e a terra  
 Não suportam tanta dor<sup>22</sup>.

Neste poema, um poeta local descreve um acidente no processo de moagem da cana na comunidade Chico Gomes, que culminou na morte do acidentado dias posteriores ao ocorrido. Retorne ao poema e o leia novamente, considerando esta informação. Informamos, antes, por mera vontade, que o engenho fora desativado por volta da década de 1990.

Ao longo das vivências, percebemos que, para os entrevistados, o engenho representa um moedor de sonhos, no qual as pessoas da comunidade foram trituradas das diversas formas, oprimidas, para a produção da realidade alheia. Presos nos sonhos de outros, explorados e submetidos, condenados a obediência. Afrontados por uma força maior que as deles e que subtraiu suas terras, seus valores e subjugou-os.

O sonho daqueles que sonham diz respeito àqueles que não sonham. Por que diria respeito a eles? Porque, havendo sonho do outro, há perigo. O sonho das pessoas é sempre um sonho devorador, que ameaça nos engolir. Que os outros sonhem é muito perigoso. O sonho é uma terrível vontade de potência. Cada um de nós é mais ou menos vítima do sonho dos outros. Mesmo quando se trata da moça mais graciosa, é uma terrível devoradora, não por sua alma, mas pelos seus sonhos. Desconfiem do sonho do outro, porque se forem pegos no sonho do outro, estarão ferrados (DELEUZE, 2016, p.338).

O processo histórico da formação da comunidade perpassou um acidente, caracterizado pela imposição econômica e bélica do sistema escravocrata de produção na comunidade, no qual foi instalado um engenho, construída uma Casa Grande. Produzindo desafetos, escravos, rapadura, capinzal, canavial, além de um sistema de irrigação por inundação e criação de animais. O modo de vida na comunidade foi rompido por um segundo sol, que realinhou a órbita dos planetas, ao estilo Nando Reis na boca de Cássia Eller<sup>23</sup>. Nas palavras de O Poeta:

<sup>22</sup> LEANDRO, MANOEL. A bagaceira do “ingém”. 2016. 2p. Localizado em: arquivos pessoais do autor.

<sup>23</sup> REIS, N. O SEGUNDO SOL. Intérprete: ELLER, C. In. ELLER, C. Com você meu mundo ficaria completo. São Paulo: Universal Music, 1999.

*[Um] processo histórico de ocupação, de opressão, de produção utilizando uma mão de obra basicamente negra e indígena”*

Não se sabe ao certo, nem data, nem circunstâncias, mas o relato dos moradores da comunidade é que as terras do Chico Gomes já eram habitadas por indígenas e negros, que desfrutavam dos mananciais do sopé da serra. Para tanto, devido às iguarias, fartura de água o local foi ocupado para a produção de rapadura. Restando aos moradores a morte, fuga ou a transformação incorpórea de moradores à trabalhadores/escravos.

Disto já se presume uma série de consequências, que serão descritas com maiores detalhes nas partes seguintes deste texto. Aqui queremos dizer algo simples, que no agenciamento de poder que dominou o Chico Gomes outrora, o engenho é o seu principal símbolo, tanto de opressão como de prosperidade econômica.

### ***2.1.1 Marcas e efeitos no auge do agenciamento de poder***

Consideramos aqui tão somente as etapas do agenciamento de poder escravocrata-coronelista, na comunidade Chico Gomes, inerente ao seu auge e ao seu declínio, suprimindo as marcas de seu desenvolvimento inicial. Para tanto, focamos nas marcas e efeitos que duram pelo tempo. Considerando que o auge das forças reativas e seu declínio se coadune com o apogeu do engenho e concomitantemente na sua falência. Após sua falência consideraremos que as forças reativas que operam no espaço tangem a um agenciamento interligado à era da modernização. Ou seja, o engenho torna-se aqui o principal sintoma, marca, da força reativa produtora do agenciamento de poder.

Em seu auge, o agenciamento de poder escravocrata mobilizava muitos trabalhadores, bem como mercadorias, tendo um nível de influência que alcançava as cidades circunvizinhas, ultrapassando inclusive o estado do Ceará. Seus produtos escoavam, inclusive, para o Rio Grande do Norte.

*Energia elétrica [...] só tinha mesmo lá no proprietário do sítio né... a gente sempre ia lá nos domingos assistir televisão, ia sempre, aí... o homem lá vinha pegar nos domingos a rapadura, numa carreta. [...]. Aí eu perguntei aos meninos de onde é... [...]. Aí ele disse: do Rio Grande do Norte” (O Filho do Acontecimento).*

Nesta etapa o sítio:

*“era muito movimentado, era gente que trabalhava<sup>24</sup>. No tempo que tinha moagem. Menino! Isso aí era um movimento grande. Todo mundo trabalhava. Mas era gente, parecia um... chegava aqui na casa do patrão no domingo, de manhãzinha até no sábado de tarde era... na feira do Crato, cheio de trabalhador pra receber dinheiro. Era gente. Agora acabou-se tudo” (O Alerta).*

Esta prosperidade do sítio, embora apropriada e desfrutada por poucos, é motivo de orgulho na boca dos moradores mais velhos, contam estufando o peito e se lamuriando das circunstâncias atuais. No entanto, esta prosperidade econômica era mantida a altos custos sociais. Sobre estas marcas e efeitos nos debruçaremos no próximo item.

#### *2.1.1.1 Marcas e efeitos físicos*

Preparando o leitor, adiantamos que trataremos aqui, principalmente, das marcas e efeitos físicos que resultaram do auge do agenciamento de poder que operou na comunidade. Por comodidade, trataremos a seguir das marcas e efeitos físicos, principalmente. Contudo, não há nenhuma pretensão de hierarquização, ou mesmo a preocupação em buscar os sintomas primeiros, não há primazia das marcas e efeitos físicos sobre os psíquicos, nem mesmo o pensamento que uns geraram os outros. Há algo como que simultâneo, que para os escritores facilita discorrer com essa divisão.

Neste período, onde o engenho vivenciava sua prosperidade, havia um domínio econômico na comunidade. Domínio este que submetia os moradores a ofertarem sua mão-de-obra. Para conservar essa oferta de modo exclusivo emergia junto ao domínio econômico, o domínio bélico. Uma série de estratégias de violência, perpetuadas por pessoas que trabalhavam exclusivamente para esta finalidade. Mas também, a geração de dependências, que tangiam prioritariamente à dependência: do trabalho no engenho e atividades afins e à moradia na propriedade/terra do senhor do engenho.

Dito de outro modo, para que os moradores, que haviam sido tomados por assalto, de suas terras e de suas próprias vidas, deveriam ser obedientes às regras. Regras que os submetiam a ficarem presos às terras do senhor do engenho. Deveriam trabalhar nas atividades econômicas desenvolvidas na fazenda para que pudessem ter moradia e meios de subsistência. Aceitando o que fosse oferecido para tal.

---

<sup>24</sup> Sobre isto, O Filho do Acontecimento diz que eram mais de cem trabalhadores empregados no sítio. Número suficiente para gerar um efeito multiplicador que mobilizava o sul do Ceará.

Contudo, quem não seguisse esse caminho de convivência, era submetido a outras marcas e efeitos, inerentes a práticas de violência, tortura, assassinato. Tanto para docilizar as pessoas e fazerem-nas retornar à submissão, como, às vezes sob o menor sinal de fuga, para desestimular a evasão de outras pessoas.

Não obstante, havia uma rede no agenciamento de poder, que unia as fazendas circunvizinhas, que negavam aos moradores de outras propriedades de terras, oportunidades. Leia-se, emprego e moradia. Além disso, uniam-se para perpetuar as práticas de violência, chegando a perseguir e matar as pessoas que não moravam em suas terras, mas que passavam por ali sem rumo e à procura de subsistência.

Dessa série de marcas e efeitos físicos havia aqueles correlatos, psíquicos. Para tanto, discorreremos sobre eles em um espaço adequado, relegado ao próximo subitem. Passemos às falas dos entrevistados sobre as marcas e efeitos físicos dessa época. Advirto que a cartografia ocorreu em um período onde já havia ocorrido a falência do engenho há pelos menos vinte e cinco anos.

#### a) Em relação ao Trabalho

O principal fator de domínio econômico sobre os moradores da comunidade Chico Gomes era disparado pela oferta de trabalho. Eram fartos os postos de trabalho na fazenda, todos correlacionados à atividade agrícola e pecuarista. Concomitante a isto, as oportunidades de emprego em outras localidades eram raras, era preciso se submeter ao raio de alcance da influência do patrão, seja em suas terras ou dos correligionários amigos/vizinhos. E as alternativas para a subsistência de modo independente eram quase nulas.

O povo era crivado com uma alcinha, trabalhador de fulano de tal, como que um boi que é marcado com um ferro quente. Obrigado a trabalhar para um patrão só, e caso buscasse emprego em outra fazenda, ou mesmo se fosse expulso de sua casa, dificilmente conseguiria emprego:

*“Antigamente, a gente morava aqui no sítio, o patrão mandava chamar, e quando não dava certo ir, mandava embora. E colocava outro morador. Aí muitos saía atrás de morada. Muitos davam morada, outros não davam. Porque: - ‘Morava lá em seu fulano. Não, vou dá morada não, e tal’ (O Observador).*

Por si, essa dependência de ofertar a mão-de-obra de modo exclusivo ao patrão, como que sendo a única oportunidade existente, é sintoma de um importante efeito do agenciamento de poder que operava sobre as pessoas, submetendo-os a um regime endurecido e desumano.

Sobre isto encontramos paralelo em Deleuze e Guattari (2012) quando discorrem sobre linha dura. Consideram que a vida é feita de linhas, no qual uma delas é uma linha endurecida que controlam, normatizam, enquadram, confinam, sempre mantendo um padrão, regras.

A heroína, uma jovem telegrafista, tem uma vida muito demarcada, muito contabilizada, que se processa por segmentos delimitados: [...] as palavras que devem ser necessariamente contadas [...], sua gaiola de telegrafista. [...]. E o noivo não para de planejar, demarcar o futuro, o trabalho, as férias, a casa. Existe aí, como para um de nós, uma linha de segmentaridade dura em que tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, a passagem de um segmento a outro. [...] garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal. [...]. Conjugalidade. Todo um jogo de territórios bem determinados, planejados. Tem-se um porvir, não um devir. Eis uma primeira linha de vida, linha de segmentaridade dura ou molar; de forma alguma é uma linha de morte (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 73).

Este endurecimento é fator gerador de mentalidades que perduram no tempo. Mentalidades que geram corpos dóceis. O importante é haver trabalho, não importando as circunstâncias, uma vez que era aquilo que tinha, e mesmo se houvesse outras oportunidades a situação era a mesma. Ganhar uma mixaria e trabalhar intensamente:

*“o coronelismo de engenho era bem enraizado e realmente condicionava a todo vapor o sistema. Então, é aí onde tá, se eu tenho que trabalhar para sobreviver (O Renovável) ”.*

Além disto, essas circunstâncias eram naturalizadas pela maioria, que não vislumbrava outro modo de vida. Lastimavam-se, às vezes, mas internalizavam a situação, chegando a perpassar os costumes para os filhos, netos:

*“é uma escadinha pra quem vai morar nas terras e tem essa mentalidade. Segue nesse caminho. [...]. Isso está em nossa veia. E... nós chegar até ele, pra os moradores, falar essa questão. Pra muitos que realmente está ali bem enraizado. Pra eles não é nada demais, não. Não é nada demais, não. Por quê? Porque para eles é normal, porque neles está enraizado. Quando uma coisa está enraizada, isso não muda da noite pra o dia. Então chegar lá e conversar com uma*

*senhora de 60, 70 anos, bem lúcida, tranquila... é normal” (O Renovável).*

Mas além da dependência de trabalhar para o patrão, por necessidade, o sofrimento ia além, pois não havia sequer garantias do recebimento. Tratados sem acuidade.

*“[...] a gente ia, trabalhava dois, três dias. Aí ia pra receber a Mixariazinha. Aí chegava de frente ali a Praça da Sé, que a maioria deles morava por ali naquela redondeza. Aí a gente ficava sentado. Eu era tão pequeno, que eu ainda me lembro que meus pés não alcançavam no chão, assim do banco, e ficava era pendurado [risos]. A gente chegava cedo rapaz, oito horas, oito e coisinha. A gente estava lá, perando que ele viesse para entregar o pouquinho que o pai da gente tinha ganhado para poder ir fazer as comprinhas de casa. Aí rapaz... dava negócio de 18:30... aí ele chegava colocava a mão assim: - Ei menino! Num tem dinheiro hoje não, só amanhã! kkkkkk, mas rapaz! Já ficava em casa sem nada, era desse jeito! [pausa]. A pessoa... os coitadinhos... a maioria quando dava na sexta-feira, a maioria deles já não tinha nada mais o que comer. Muitos deles! Aí as vezes passava a sexta-feira comendo dessas besteirinhas, negócio de.... Comendo uma Macaúba. Às vezes cozinhar água com Macaúba, rapaz! Ela cozida, quebrava o birro, e comia aquela coisa que chamava mangusta de manga Verde. Isso tudo servia de alimento... Pequi em cima da Serra, nesse tempo dava demais. Trazia aqueles bons... Vendia na feira, até no Juazeiro, e aqueles que tem um fermentozinho era que guardava para fazer aquele coisa com farinha para comer. Olha o sofrimento aí como é” (O Contador de Histórias)..*

Tamanha eram as dificuldades que logo cedo os filhos começavam a trabalhar para ajudar na subsistência, o que comprometia as atividades escolares. Gerava-se, com isso, uma lógica de criação para o mercado de trabalho e uma dualidade entre trabalho e estudo.

*“O maiorzinho tinha que trabalhar para ajudar, ajudar já na renda familiar. Então isso é uma escadinha... e se ele vai trabalhar então a oportunidade de estudo estará limitada. Então é também um fato que é contínuo”. (O Renovável)*

Deste modo, as perspectivas e possibilidades de quebra desse padrão de dependência, diminuía. A percepção era que o estudo não levaria à obtenção de um emprego adequado àquela escolaridade, porque com estudo ou sem estudo o emprego era de posse da enxada: “tá estudando para quê? Daqui a pouco vai ficar desempregado” (O Renovável).

Percepção esta que não era uma constante para todos. Alguns chegam a irromper este paradigma. Mas era preciso ser um visionário para irromper os enunciados, pois o agenciamento coletivo de enunciação era articulado, instaurando uma percepção de submissão e cegando para perspectivas de mudança.

Era criado um sistema dual, segregador, no qual as perspectivas de acessos eram divididas, havendo a mentalidade de que determinados bens e serviços eram inerentes ao senhor do engenho e sua família e outros para os moradores do sítio. Não havia universalização e as marcas dessa divisão era perceptível até no modo de vestir-se, rememora seu O Contador de Histórias.

Assim, diante todas as dificuldades para manter a vitalidade, as mínimas condições de subsistência, segregação e exclusão, o trabalho se tornava um fator essencial, como o ar que respiramos. Era preciso segurar a oportunidade e fazer o necessário para mantê-lo. O que provocava uma convivência com as circunstâncias da labuta. Sobre este papel de destaque do emprego neste período, rememoramos um excerto de O Observador, quando arguido se compensava trabalhar na fazenda, responde:

*“compensava, compensava. Ainda hoje se tivesse como, ainda compensava. Mas não tem como trabalhar hoje. Um tempo bom porque dava emprego pra tudo”.*

O emprego ganhava maior importância pela relação direta estabelecida entre ofertar a mão-de-obra e auferir o direito de morar na terra do patrão. O que significava que todo trabalhador que habitava a fazenda, nesta ofertava sua mão-de-obra. Era restrita a possibilidade de morar em um outro local que não o de trabalho. Logo, a principal mão de troca para aqueles que se submetiam à servidão era o direito de morar na terra do patrão, tendo uma casa e uma tarefa de terra para plantar. Como que o ato de ceder um local de moradia já fosse um pagamento à força de trabalho. Logo, um dos prejuízos caso perde-se o emprego seria perder a moradia. Questões que serão discutidas no item que se segue.

b) Em relação à propriedade da terra/ moradia

A reivindicação pela propriedade da terra é o principal motivo que alimenta os movimentos de luta e resistência às adversidades, bem como os movimentos de afirmação da vida. Por outro lado, as marcas e efeitos produzidos pela ausência de um documento

assegurando a propriedade privada atravessa o tempo e provoca diferentes consequências físicas e psíquicas. Como que uma ferida aberta na pele e que sangra constantemente.

Ao longo da pesquisa, quando acionamos este assunto com os entrevistados, presenciamos a erupção de sentimentos que nos banham, como que provocando uma queimadura de terceiro grau. Há medo, lógica da falta, mágoa, desesperança, submissão, ressentimento. No entanto, trataremos destas implicações mais à frente quando dos efeitos psíquicos do auge do agenciamento de poder.

Aqui, daremos prioridade às marcas e efeitos físicos. Contudo, como se trata de uma questão complexa e que perpassa o tempo com intensidade, gerando marcas e atualizando-as. Discorreremos, também, sobre aspectos correlatos e que, não necessariamente, seja uma consequência física. O principal aspecto é demonstrar a relação estabelecida entre o ato de ofertar a mão-de-obra e, a partir disto, obter o direito de morar na terra do patrão. Este fator atuava reforçando a dependência dos moradores em relação à moradia, bem como sujeitando-os às condições de trabalho para garantia da mesma.

Não obstante, e já adiantando uma das consequências do declínio do agenciamento de poder, quando ocorreu a falência do engenho e das atividades correlatas da fazenda, os donos do engenho, ao perderem os benefícios monetários da atividade produtiva, observam nas terras a oportunidade de auferir ganhos monetários ao vende-las. Desde modo, mantêm o domínio territorial, cuidando (?) das terras como se fossem uma reserva monetária à espera da oportunidade da venda.

Este clima cria um ambiente de ansiedade e o anseio de garantir a propriedade da terra, uma vez que o ideário histórico da comunidade, demonstrado nas falas, indica que, outrora, para ser mandado embora da terra bastava desobedecer às ordens do patrão. Há fantasmas no inconsciente e que teimam em dormir os indivíduos para que possam alimentar seus pesadelos.

*“A gente está lá a muito tempo, e as pessoas vão, sei lá... deixando passar, vão... É... Esperando que alguma coisa aconteça, não sei o quê, um milagre, que resolva essa situação, mas é por isso que a gente criou o Urucongo<sup>25</sup>” (O Poeta).*

---

<sup>25</sup> O Urucongo é um grupo artístico de música e dança constituído por moradores da comunidade Chico Gomes e que buscam construir novas subjetividades na comunidade e reivindicar, dentre os quais, o direito à posse da terra através da arte. Trataremos sobre este movimento de afirmação da vida no capítulo pertinente a este tema.

Destacamos aqui que as marcas da formação da comunidade criaram um ambiente de impotência, no qual a maioria vegeta movimentos de luta, mas espera que possa garantir a propriedade da terra sem que para isso desafie o poder que ali opera:

*“os donos da terra, se resolvessem contribuir da forma como... como deveria. OXE! Se eles quisessem contribuir para a mudança que precisa ser feita... eles iriam sair assim... por cima da carne seca, em relação a todos que vivem aqui e que guardam uma certa mágoa devido todo o tratamento que vem desde lá de longe” ( O Quebrador de Barreiras).*

Os dias de cartografia nos fazem perceber, nas falas, que uns esperam possuir a terra sem lutar, enquanto outros, partícipes do grupo Urucongo, provocam, através da arte e de seus movimentos de territorialidade, conquista-la. Ambos os grupos não notam que ao ocuparem a terra e marcarem o solo com seus passos, danças, plantações, músicas, criam um ritornelo que lhes territorializam, conquistando a terra no dia-a-dia.

Este movimento de marcação do território através do grupo Urucongo, por exemplo, gera uma resistência, criando dificuldades para que sejam expulsos de suas moradias. Para tanto, ao invés de se concentrarem nas atividades de ocupação e nas territorialidades que implementam, preferem ativar o medo de perder a terra e os discursos de vitimização. Com isto, retroalimentam um sistema de pensamento que fortalece as noções de oprimidos e opressores, sem notar que ao fortalecerem o discurso dos primeiros fortalecem, igualmente, também o discurso dos segundos. Um movimento semelhante ao que nos aponta Victoria Santa Cruz no poema “Gritaram-me Negra!”<sup>26</sup>. São escolhas, ativam o discurso da propriedade da terra, mas poderiam ativar o discurso das territorialidades<sup>27</sup> sobre a terra.

O hábito cria territorialidades. [...]. Correlativamente, cada alma contratante cria para si uma territorialidade na medida em que possui o que contrai; ela só possui o que é e só é o que tem. [...]. É uma espécie de proprietário de terra que possui o solo que ocupa de modo transitório (LAPOUJADE, 2015, p. 71).

Contudo, resistem no espaço temporal de suas vidas, como reflete O Quebrador de Barreiras:

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>

<sup>27</sup> A territorialidade consiste em uma prática no território, o uso que se faz do território. Tal como ocorre em Deleuze e Guattari (2012b, p. 232): “territorialidade [...] dentro da sua lata de lixo ou sobre o banco, os personagens de Beckett criam para si um território”, ou mesmo na Encosta do Seminário na cidade do Crato/CE, um espaço público onde as crianças praticam uma pista de skate como escorregador, marcando o território.

*“os donos da terra, porque isso daqui não é nosso. Os donos da terra eles estão mais assim, embora nós moremos aqui desde os nossos bisavós. Hoje, por exemplo, os donos, eles abandonaram as terras... [na próxima fala ele fala bem baixo]... Se você passar ali tem a casa grande, o engenho de baixo. [A voz volta à tonalidade normal] Mas, hoje eles moram em uma outra localidade, e deixaram aqui... mas assim, não... não dá o título da terra para quem está, não fazem aquilo que deveria ser feito. Entendeu? Reconhecer a posse da terra”.*

Permanecem ocupando a terra, enquanto os donos (?) da terra evadiram. Isso em si é um reflexo da resistência da comunidade, de sua territorialidade. Não obstante, o próprio nome do sítio, sítio Chico Gomes, nada tem a ver com os donos (?) da terra, mas herda o nome de um dos antigos proprietários de latifúndios do Ceará. Em contrapartida, ao invés de cunharem a terra com seus sobrenomes, os donos (?) da terra assistem passivamente a confusão que as pessoas, sobretudo visitantes, fazem ao nomearem a comunidade como ‘comunidade Urucongo’, como rememora um dos entrevistados. Isso denota uma marca afirmativa criada a partir dos movimentos de luta na comunidade.

Ademais, outro sintoma de resistência, nos diz que:

*“durante muito tempo a nossa comunidade ela era... as visitas que tinham era por causa do engenho, as pessoas iam lá por causa do engenho, pra ver o engenho, pra pegar rapadura, o mel, essas coisas, e... e... e... Isso era uma prática do fazendeiro, do dono do engenho. E a mandala ela hoje... Hoje as pessoas vão lá pra visitar a mandala, e ela é uma forma de organização nossa, da comunidade, do povo” (O Poeta).*

Logo, os signos têm sido deslocados a partir dos movimentos, dos fluxos, construídos pela comunidade, que guerreando, declamam um poeminha do contra: “todos estes que estão aí atravancando o meu caminho, eles passarão... eu passarinho!” (QUINTANA, 2005, p.257).

Para tanto, apesar de todas essas conquistas, fruto da resistência, muitos aspectos do agenciamento de enunciação, dos poderes que operacionalizam seus processos permanecem. Por exemplo, criando a insegurança de parte da comunidade em dizer que é proprietária da terra que ocupa.

*Rememorando não sei o quê, O Quebrador de Barreiras*  
diz:

- *“Ela foi criada na casa dos donos da terra, aqui”.*

*Enquanto sua irmã, brava, brada e o corrige:*

- *“Que se dizem donos desta terra!” (A Shaman).*

*Em resposta escuta:*

- *“Não... Mas eu tenho que dizer que eles são os donos da terra, porque eles são donos, até que se prove o contrário, né?” (O Quebrador de Barreiras).*

Mas se o critério para a posse da terra for um documento assegurando a propriedade da mesma, o Chico Gomes é uma terra de ninguém. Pois como afirma A Shaman:

*“Ninguém sabe se eles têm a posse, o registro”.*

Argumento reforçado em outro momento por O Poeta:

*“o dono do engenho chega lá e diz que é o dono da terra. Que na realidade não é, ele nem tem também o... o... como é que chama? O documento mesmo de que é proprietário da terra”.*

Há medo nas pessoas, que as conduzem a dizer que moram na terra, mas sem ser proprietárias. São questões antigas de violência e marcas de expulsão, sofridas por aqueles que desobedecessem ao “patrão”. Por isto evitam desencadear possíveis conflitos. Discorreremos sobre isto mais à frente. Por ora, falemos das marcas e efeitos físicos relativos à inexistência de comprovação da propriedade da terra.

A primeira marca que problematizamos, que encontra seu auge no período de prosperidade do engenho, diz respeito à expulsão de sua moradia. Bastava não trabalhar quando o patrão determinasse, independente do motivo, ou negando-se às circunstâncias do trabalho ou mesmo por encontrar-se enfermo.

*“Antigamente, a gente morava aqui no sítio, o patrão mandava chamar, e quando não dava certo ir, mandava embora. [...]. Aí tudo era assim. Aí outros não trabalhavam mais, aí colocava pra fora... mas apesar disso cada um ganhava uma tarefa de terra e a casa. [...] antes era assim. Saia e sem nada. Ia arrumar morada em outro canto aí... e ... aqui ou acolá. Só que era meio difícil, não arranchava. Porque tem uns mesmo que... é morador de fulano” (O Observador).*

O custo benefício para contrariar as normas de trabalho era árduo. Seja negando-se às circunstâncias da labuta, ou mesmo lutar por melhores condições. Havia o temor de perder a moradia e observar toda a família no desalento. Um peso para tomar uma decisão de liberdade. Mesmo porque, como já expressei, ser expulso da propriedade do “patrão” era sinônimo de dificuldade de encontrar emprego, moradia, além do risco de perambular por outras propriedades e ser assassinado.

Esses fatores dificultavam os movimentos de desafio ao “patrão”, mas os raros que faziam isto, quando não eram torturados, assassinados ou expulsos, tornavam-se heróis. Motivo de orgulho na comunidade. Tanto que rememorando um parente antigo, alguns dos entrevistados fazem questão de contar:

*“um desses tios meus que disse que ele era bem abusado, assim, sabe? E ele discutia com o cara que era dono do engenho lá, né? Aí disse que quando o dono do engenho dizia que ia mandar derrubar... ia mandar ele ir embora e ia mandar derrubar a casa dele, aí ele dizia assim: que antes de você chegar aqui, o dono do engenho, eu já estava” (O Poeta).*

Circunstância perversa. Uma prisão. Diferentes estágios de sofrimento, uma escala. Ficar e se submeter, não aceitar os sofrimentos e amargurar tantos outros. O que fazer? Como fazer. Questão que não encontra resposta aqui. Denotamos, apenas, que esta memória dura nas mentes dos entrevistados, provocando diferentes sentimentos, todos sôfregos. E ao menor sinal da possibilidade de perder a terra onde habita, o afeto de tristeza<sup>28</sup> se apodera dos corpos, provocando toda sorte de sensações e sentimentos. Tornando impotentes os corpos.

Uma destas âncoras que aciona o temor de perder a terra é a possível venda da propriedade. Os tempos mudaram, não denotam a possibilidade de serem expulsos, por isso não temem o desalento de outrora, pois, possivelmente seriam realocados para outro lugar na comunidade, mas este seria um acidente que provocaria diferentes mortes, sentimentos e outorgar para si a perda de uma batalha histórica:

*“A terra ainda é do patrão. Agora a gente não pode é sair. Não sai, né? A gente não pode é vender, mas se quiser ficar até o fim da vida. Naquela época não... agora depois do que eu falei, ele não manda mais. Antigamente mandava embora. Passava um mês ou dois e saía pra arrumar morada. Aí arranchava por aí. [...]. Agora aqui ainda não é meu porque liberado assim... só quando eles forem vender*

---

<sup>28</sup> O afeto de tristeza é uma afecção que refreia nossas ações, separa-nos do que podemos, ou seja, diminui nossa potência, nos constringendo. Havendo geração de tristeza (SPINOZA, 2016).

*que, pra tirar os morador, ou deixar no mesmo canto e dá pra eles outras terras, pra construir em outro lugar. Mas pra mandar embora sem nada, aí... pode não” (O Observador).*

O risco da venda da propriedade é real, e o fato de uma parte da comunidade, chamada de carretão, ter sido vendida, deixa os moradores atentos e temerosos:

*“Tá acontecendo lá, né? Já aconteceu a venda de um... de um... você já está sabendo que aconteceu a venda de um lado? Né?” (O Renovável).*

Para tanto, há questões impeditivas na comunidade e que dificultam a venda. A primeira dificuldade é a existência de moradores:

*“Porque quem quer comprar um terreno hoje, não quer comprar com morador, não. Sem morador sem nada, porque o morador já tem direito” (O Observador).*

Este fator traria problemas ao comprador, que adquiriria junto à propriedade as marcas e efeitos históricos da luta pela propriedade da terra. Além de ter que realizar e custear o deslocamento dos moradores para outras localidades dentro da comunidade, tendo que lidar com os possíveis conflitos que emergem.

Outra dificuldade existente para a venda da propriedade é o histórico de luta e a percepção dos moradores.

*“aquela comunidade ali, que eles se dizem detentores da terra, ainda não aconteceu. Que segundo, pra eles, é a comunidade um pouco mais complicada de lidar. E... acredito que seja justamente pela questão do despertar do direito que a comunidade... eu acho que, de um tempo para cá, conseguimos despertar essa consciência na população. Pela questão da apropriação das famílias, elas criar o hábito e se sentir dona da terra que elas nasceram, cresceram e produziram. Criaram seus filhos. Então... é nessa lógica que... que... acho que boa parte da população ali conseguiu despertar esse olhar. Mas... mas... por isso que eles acham que a comunidade Chico Gomes é um pouco mais delicada para se tratar essa questão da venda da terra e divisão da territorialidade em relação a alocar as famílias em um certo local da população... da comunidade. Para boa parte da serra já ficaria para venda. Então, a lógica que deve acontecer e que aconteceu em nossa comunidade é justamente isso, realocou a... a... a população em um local e outra parte ficou livre para venda” (O Renovável).*

Este aspecto significa que a realocação dos moradores não seria feita sem resistência. O que implica mais uma conquista da comunidade, resultado de suas mobilizações. Forçar, direta ou indiretamente, a realocação suscitaria conflitos, e possíveis exposições sociais por parte dos proprietários (?), questão passível de ser evitada.

Não obstante, outro fator impeditivo da venda é a possível inexistência de uma documentação garantindo a propriedade da terra:

*“A gente ficou sabendo que a pessoa está querendo lá vender a propriedade, tentaram vender, mas ainda não conseguiram, por conta disso, que eles não tem a propriedade. E quem comprar sabe que vai enfrentar uma situação complicada” (O Poeta).*

Concomitantemente, o fato de não ter a documentação de propriedade da terra, não é um problema apenas para o dono (?) da terra, mas também para os que se dizem moradores. Pois além de inviabilizar a venda da casa - a não ser que o possível comprador aceitasse as circunstâncias da não garantia de propriedade e o conflito com o dono (?) da terra -, torna inacessível a obtenção de créditos governamentais, por exemplo.

*“A terra ela, ao meu ver, devia ser de quem produz na terra, pra quem produz pra sobreviver, e assim, lá, a gente tem um problema, o fato da pessoa não ser dono formal da terra isso trás várias implicações, por exemplo, na questão do crédito. Por exemplo, pra pessoa poder acessar algum crédito, ele precisa ter DAP da terra junto ao INCRA, que as pessoas não tem. Então isso inviabiliza das pessoas fazerem um crédito pra produzir. E não só o crédito, por exemplo, a pessoa que vai se aposentar, então é uma dificuldade grande, porque também não tem o INCRA da terra, que precisa, né? DAP. A questão dos programas, acessar PRONAF, pra se inscrever no PAA. Tudo é um problema por conta dessa questão de não ter. é... de não ser o dono formal da terra. Então isso faz com que as pessoas saiam, né? Então vários jovens trabalham, por exemplo, de servente de pedreiro, quando eles poderiam está produzindo lá na terra. Então isso vem muito dessa falta de acessar essas políticas. Que são poucas, mas que existem e que poderiam estar assegurando essa produção lá” (Manoel Lenandro).*

As agruras se multiplicam, uma marca que se conecta a outra, provoca outra, precipita e fere. São questões internas, mas também externas. Ter acesso a muitos dos bens e serviços do capitalismo exige perpassar a propriedade privada. Neste caso não há um documento que cunhe, que se tem uma casa própria, se é inquilino em uma casa alugada. E isso inviabiliza o trânsito nas principais avenidas do capitalismo, exigindo habilidade para percorrer

as vielas, os becos. É como alguém que existe, mas que por não possuir documentos, identidade, registro de nascimento e afins, não entra para as estatísticas de natalidade, e ao morrer é enterrado como indigente.

Legalmente, não podem se dizer proprietários de terra, por outro lado, caso se intitulem assim, nas ruas ou calçadas, podem sofrer sansões, penalidades. Pois há uma vontade de violência que opera. Antes, e nos referimos ao período do auge do agenciamento de poder, essa violência era mais ativa e gratuita. Hoje, se restringe, em sua maior parcela, a colher os frutos que semeara em outrora. Marcas que se reproduzem no imaginário da comunidade, reativando memórias, sentimentos, que continuam a bloquear os processos desejanter<sup>29</sup>. Sendo o principal afeto ativado, o temor.

*“Essa história ela ultrapassa as gerações, essa cultura do medo. E as pessoas tem muito medo, por exemplo, de dizer que a terra é delas. - Ah! Eu estou aqui numa terra que é minha. Então, tem ainda essa cultura do medo que ainda é muito grande. Então, eles... é... isso impede que as pessoas avancem nessa história de exigir o registro formal da terra. Isso implicaria um conflito com quem diz que é dono da terra, e as pessoas sabem que esse conflito pode desencadear questões de violência. Então tem um medo muito grande das pessoas. Então por isso que elas ficam meio...” (O Poeta).*

Era preciso manter-se na linha que o padrão tivesse riscado, caso contrário, as consequências viriam na velocidade do pensamento. E são essas memórias de outrora, reativadas por diálogos, que os de maior idade iam atualizando em si ou impregnando na mente das crianças, que com ouvidos cautos escutavam e reproduziam.

Este risco de reativar movimentos de violência é real. Recordamos de um depoimento de um dos moradores da comunidade, dizendo que a algum tempo atrás havia sofrido ameaças de morte, porque estava ativando movimentos de luta. Outro havia relatado ao cartógrafo que ao menor sinal da construção de um canteiro ou mesmo chiqueiro<sup>30</sup> em sua própria casa um recado inibidor chegava: não faça isso não, que logo, logo iremos resolver o problema, colocar vocês em outro lugar da comunidade!

Destarte, além das marcas e efeitos produzidos pelas circunstâncias do trabalho que eram submetidos, das subserviências para manter sua moradia, havia no auge do agenciamento

---

<sup>29</sup> Deleuze e Guattari (2011) consideram o desejo como um ato de construir, nunca como a falta de um objeto. Pelo contrário, o desejo e o objeto se misturam formando uma mesma coisa. É um desejo que é instituído no fazer. Processos desejanter consistem em máquinas desejanter, aqui. Máquina é tudo que se acopla e promove um corte e um fluxo. Ou seja, um processo maquínico, de construção.

<sup>30</sup> Consiste em um curral, lugar onde são criados porcos.

de poder questões de violência física e psíquica que duram pelo tempo. Palavras dedicadas a esse assunto no próximo item.

c) Em relação à vontade de violência

Condenado à fornalha, talvez já fervilhando, acometido por uma insolação por ter passado o dia todo amarrado em um “pé” de catolé, jogaram-no ao encontro decompositor, e ele misturou-se ao fogo. Disseram que passado alguns instantes do fervilhar do fogo:

[...] dobrou-se, como se fosse espirrar [...]. E já estava morto, porque antes que o corpo arda de todo já se morre pelo grande calor, que faz reventar o coração, e pelo fumo, que invade o peito. [...] e fez-se um grande clarão, [...] pelo pobre corpo carbonizado [...] que ainda se via entre os paus incandescentes (ECO, 1986, p.195 – 196).

Devaneamos que antes do suplício, arguido sobre o último pedido a ser realizado, pedira que eternizasse seu encontro decompositor em palavras do livro “o nome da rosa”, a serem postas em uma cruz erguida em sua memória. Sem que pudessem realizar o pedido, os iletrados carrascos, restringiram-se a ouvi-lo declamar:

Como uma pequena gota de água infusa numa certa quantidade de vinho toda se dispersa para tomar cor e sabor de vinho, como o ferro incandescente e inflamado se torna quase igual ao fogo perdendo a sua forma primitiva, como o ar inundado pela luz do Sol é transformado no máximo esplendor e na mesma claridade, a ponto de já não parecer iluminado mas de ser ele mesmo luz, assim eu me sentia morrer de terna liquefação, de modo que me restou apenas força para murmurar [...] e de súbito vi uma fulgidíssima luz e nela uma forma cor de safira que se abrasava toda num fogo rutilante e suavíssimo, e aquela luz esplêndida difundiu-se por todo o fogo resplendente e aquela luz fulgidíssima e aquele fogo rutilante pela forma inteira. Enquanto, quase esvaído, caía sobre o corpo a que me tinha unido, compreendi, num último sopro de vitalidade, que a chama consiste numa esplêndida claridade, num inato vigor e num ígneo ardor, mas a esplêndida claridade possui-a para reluzir e o ígneo ardor a fim de queimar. Depois compreendi o abismo, e os abismos ulteriores que ele invocava. (ECO, 1986, p. 202).

Condenação cruel e desproporcional ao crime atribuído. Sobre isto<sup>31</sup>, e para denunciar os atos de violência, covardias, que aconteciam na comunidade Chico Gomes (quando do auge do agenciamento de poder) citemos dois exemplos condenatórios, que apesar de abruptos, mantinham certa coerência punitiva. O primeiro nas condenações bárbaras do século XVIII, onde havia a “utilização de suplícios ‘simbólicos’, em que a forma da execução

---

<sup>31</sup> Lembrando que rememoramos o assassinato relatado anteriormente (do homem que apanhara um pedaço de cana para comer e fora condenado à morte).

faz lembrar a natureza do crime: fura-se a língua dos blasfemadores, queimam-se os impuros, corta-se o punho que matou...” (FOUCAULT, 1987, p. 63).

Outro exemplo, quem não se recorda de um dos mitos sobre lampião, contados pelo falatório popular, de que mandara um dos seus capangas comer um quilo de sal puro, pelo mesmo ter reclamado de uma comida insossa? Talvez seguindo este princípio, aquele homem deveria ter morrido de diabetes. Condenado à sociedade do açúcar refinado, carboidratos e *fast-foods*. Tendo seus membros amputados quando em longos picos de glicemia.

*Aqui cada um desses coronéis que tinha por aqui tinha esse direito né? De matar, escravizar, fazer o que bem entendia. Acontecia... acontecia muito. [...] era uma terra de coronel aqui, né? Era uma terra de coronel. Porque... aí tinha muitos que não queriam ficar sujeito às ordens dele, né? Nada mais do que isto. Procuravam seus cantos... seus direitos, e quando não achava findava formando o seu grupo e dando confusão. Ninguém queria perder. [pausa]. Era rapaz! Era... era cheio de coisa... era muita coisa, rapaz. Sofria demais. Os Coronel tinha aquele direito de... de fazer o que bem quisessem. Colocava o coitado para trabalhar e pagava aquela Mixaria. E pronto, era do jeito que eles queriam... E aí ia. Muito sofrido! Muito sofrido mesmo. [ A voz dele entoa triste]” (O Contador de Histórias).*

Neste período do auge do agenciamento de poder na comunidade Chico Gomes os coronéis possuíam um poder acima da lei. Legislavam contra todos que contrariassem suas vontades e condenavam-nos à tortura, morte ou expulsão de sua moradia. Nem mesmo a polícia ousava desatar os nós de uma vítima amarrada que aguardava por seu martírio.

O coronel em nós não suporta miscigenações. Ele estanca o fluxo do desejo: o outro, para ele, é perigo de desagregação; é fluxo que, por arrastá-lo para um além de si, o aterroriza. Tudo o que ameaça de desmanchamento a máscara mortuária de sua identidade, ele vive como força diabólica, que deve anular o mais rápida e eficientemente possível – prendendo e até torturando e matando, se for necessário. Seu projeto é o de extirpar a diferença com o bisturi de suas armas, para sobreviver tal e qual; para impor-se, vitoriosamente, igual a si mesmo, eterno em sua mesmice. É que o coronel em nós, observam nossos amigos, confunde potência com prepotência; fortalecimento de si com subjugação do outro e, se necessário, até sua eliminação. É que Narciso acha feio o que não é espelho, cantarolam nossos amigos quando percebem esse aspecto coronel. [...] sua libido é viscosa: gruda no primeiro território que encontra e dali nunca sai. [...]. Alma sedentária de bronze, o coronel-em-nós, em-todos-nós, tem verdadeiro horror ao nomadismo do desejo e as nômades. [...]. Ame-o ou deixe-o, os brasileiros que goram e grudam querem dizer que o Brasil é um só, que existe uma identidade nacional, fixa e intocável – aquela que o coronel em nós resolveu adotar exclusiva e oficialmente como sendo a verdadeira: a identidade de sua velha e querida casa-grande, com seus cambalachos nacionais e multinacionais. [...]. O cartógrafo e sua amiga se dão conta, estarecidos, de que o amor pela vida está sendo confundido aqui com amor pelo mesmo. É que Narciso acha feio o que não é espelho... [...]. O coronel-em-nós mantém o gesto criador sob terror.

[...]. o coronel-em-nós e sua senhora-que-gora-e-gruda empatam qualquer expressão do desejo que encontram pela frente (ROLNIK, 2014, p.156-158).

Conjuntamente ao poderio econômico que exercia submissão das pessoas que se sujeitavam ao trabalho e moradia oferecidos, havia um poder bélico que docilizava os corpos revoltosos que desafiavam as ordens instituídas. Uma tropa de capangas à serviço do dono do engenho tratava de exercer atos de violência, policiando os trabalhadores, moradores e transeuntes. Aplicavam diversas técnicas de suplício, amedrontamento, para garantir a segurança do território a qualquer pretensão de liberdade. Seus serviços eram objetivos, assegurar a perpetuação da servidão. Para isto, deveriam ser os primeiros exemplos de servos fieis.

*“[...] tem o poderio também... eu não sei se é esta a palavra... mas eu vou utilizar esta palavra, bélica, porque tinha os jagunços, capangas... que... amedrontava. Tinha várias histórias que as pessoas daqui contam. [...] amedrontamento e até vias de fato mesmo” (O Poeta).*

Sobre as histórias que se entrecruzam nos lábios dos entrevistados, citemos algumas para ilustrar as marcas de violência que duram na memória dos indivíduos. A vontade de violência que operava no sítio requeria não apenas as marcas físicas, tortura, assassinato, mas ferir a dignidade daquele que fosse sacrificado. Para tanto, o sangue não era derramado apenas pela tropa, os coronéis participavam ativamente.

*“Quando não... eles pegava e levava la pra um lugar chamado a baixa do lobizome, ai lá eles mandavam cavar a cova, o coitado do infeliz mesmo tinha q fazer isso, ai ficava ele e um dos jagunços dele. Ai quando terminava o coitado se ajoelhava na boca da cova, atirava na nuca, o coitado caia de perna pra cima. Tanto foi, tanto é verdade que uma vez, nem tem tanto tempo não, tá mais ou menos com uns 20 anos, talvez com uns vinte anos... que tinha um camarada que tava consertando a casa dele, ai fez um barrerim de barro, casa de taipa... aí disse que cavando aculá a terra foi afrouxando... e deu fé, achou uma ossada<sup>32</sup>. E era na terra dele, de epifânio. Entupiu ligeiro...e tem muita, tem muita cova por acolá (O Contador de Histórias).*

<sup>32</sup> Corroborando e complementando este excerto, citemos uma outra fala: “Carretão é uma extensão do Chico Gomes. lá existe relatos, O Observador sabe Muito desta história, você falou com O Observador... que o pessoal quando trabalhando lá, em uma casa encontraram restos mortais de pessoas que trabalhavam para o... um dos donos. **E matava. Se matava, simplesmente enterrava em uma vala comum...**” (O Quebrador de Barreiras). Desta forma, os desobedientes eram tratados como refugio, descartados e enterrados.

Contudo, os atos constantes de violência na comunidade não incomodavam apenas os que estavam sujeitos ao massacre, mas também aqueles mais próximos ao povo que habitava a Casa Grande e que possuíam certo conforto. Quando encontravam oportunidade estas pessoas intervinham para que a morte não ocorresse.

*Outra historinha interessante que aconteceu... mas o caba tem que ter tempo. Tinha um camarada aqui chamado pero monte que era morador daqui mesmo, fí da região. Tinha os montes... os caboclos... tudo misturado... ai ele vinha la do Romoalto, ai passando pela baixa do lobizome, ai disse que ouviu aquele gunguzado no mato... – eita, será que já é cumpade epifânio que está atrás de tirar a vida de outro. Ai não sei porque, ele deu vontade de ir lá olhar. Quando ele chegou lá que viu, o coitado do homem com a mão posta pra o lado da cova... Ai ele gritou:*

*- Cumpade não mate esse homem aí não, cumpade! Não mate não, que esse rapaz aí... é da família...*

*Não sei de quem, é uma família bem... ele invetou na cabeça dele que era de um pessoal bem rico, lá do coisa e que era conhecido dele. Isso sem ser, ele pra salvar o rapaz.*

*– Cumpade você tem certeza do que você está dizendo?*

*– Ô cumpade, esse daí é lá de serrita, parente dos rumão, num mate não, se não aqui vai se acabar na bala.*

*Ele mandou o coitado se levantar. O rapaz se levantou.*

*– Pega as suas coisa e vai simhora e tu não conta nada daqui do que tu viu. O caba pegou o matulãozinho dele. Ai ele disse que pegou esse matulãozinho dele e foi “simhora”. Aí ele disse que passou, passou, e quando foi uma vez... Tinha alguns parentes dele lá para o lado de Petrolina. Aí... ele abismado olhando a beleza do Rio, do Rio São Francisco. Aí de repente ele disse que veio se aproximando para perto dele um monte de polícia, de policial. Aí quando foi se aproximando com ele... deve ser o comandante de Tropa que se aproximou dele, aí mandou que os outros policiais fizessem continência para ele. Aí ele ficou abismado imaginando, oxente o que foi que eu fiz?*

*- O senhor está me conhecendo?*

*Aí primeiro ele falou o nome dele, que naquela hora não deu tempo conversar com ele nem nada, para agradecer que tinha escapado.*

*- O senhor está me conhecendo?*

*- Não! Pois eu sou aquele homem que o senhor salvou lá... naquele dia. Faz tempo.*

*Aí disse que foi uma alegria danada... (O Contador de Histórias).*

As marcas de violência que perpassam a fala dos entrevistados remontam desde o processo de ocupação do sítio pelos idealizadores do engenho até as práticas de violência atuais, que são mais sutis e psíquicas (sobre isto discorreremos no próximo item).

Para tanto, as marcas da violência física de outrora não são coisas do passado, pois seus efeitos duram no tempo, propiciando um ambiente adequado ao temor de que tudo possa retornar. Contribuem para isto a memória de longo prazo dos habitantes e as âncoras no território, que disparam nas pessoas lembranças e sentimentos, por exemplo, as cruzes na estrada.

Paralelo a isto, há o engasgo das denúncias reprimidas. Passavam por atos de violência, viam e ouviam torturas, assassinatos e deveriam permanecer calados. Como que escondendo nas profundezas fantasmagóricas do inconsciente seus medos. Transpassavam nas faces o temor, e vez ou outra, contavam aos mais novos, sobre o perigo que habitara no sítio. Desta forma, desenvolvendo-se na comunidade uma cultura baseada no medo:

*“esse processo de ocupação do engenho, também não foi um processo que aconteceu sem conflito. Teve muitos conflitos, tem várias histórias de tortura, de violência que aconteceu com as pessoas que resistiram. E cada engenho tinha um grupo que era, que o pessoal chamava, tinham um nomizinho, mas era uma espécie de jagunços, que tinham em cada fazenda, que eram armados. E aí o que não obedecesse, as regras lá, aí eles seriam violentados ou assassinados. Tem várias cruz aí nas beiras das estradas que ninguém sabe de quem... quem foi que morreu lá. Quem foi que foi assassinado, que morreu. Mas a gente, é... supõe que vem dessa história, dessa prática. Uma pessoa fugia, fugisse, aí ele era capturado, era assassinado. Que era uma forma de fazer com que os outros não fizessem a mesma coisa. E aí os outros, ninguém podia nem falar nisso. Por isso que ninguém sabe de quem é a cruz de quem está lá na beira da estrada. Então foi um processo de muita violência, e que ele é... transcorreu durante muito tempo e que ficou o medo. Então assim, as pessoas têm muito medo. Essa história ela ultrapassa as gerações, essa cultura do medo<sup>33</sup>. E as pessoas tem muito medo, por exemplo, de dizer que a terra é delas. - Ah! Eu estou aqui numa terra que é minha. Então, tem ainda essa cultura do medo que ainda é muito grande. Então, eles... é... isso impede que as pessoas avancem nessa história de exigir o registro formal da terra. Isso implicaria um conflito com quem diz que é dono da terra, e as pessoas sabem que esse conflito pode desencadear questões de violência. Então tem um*

---

<sup>33</sup> Adicionamos aqui um excerto que ilustra o sangue que banhava as terras do sítio Chico Gomes: “Muita gente da arrumou o sangue, suor... deu a vida aqui nesta terra. e tem hoje os seus ancestrais aqui... a sua descendência. Por isso que eu digo que cada um aqui na comunidade é importante. Super importante”. O Quebrador de Barreiras

*medo muito grande das pessoas. Então por isso que elas ficam meio...”(O Poeta).*

Estas circunstâncias marcaram as gerações produzindo corpos reprimidos<sup>34</sup>, medrosos, inseguros. Produzindo, dentre os quais, o medo de dizer que é dona da terra que ocupa, produz. Mas além de restringir os passos dentro da comunidade, há o temor de se compor com as forças que se agenciam fora de seu território, e que podem trazer novas perspectivas, possibilidades. É como que um ciclo vicioso que rebate-os contra as circunstâncias internas da comunidade, ao mesmo tempo que os fixa neste sistema como que produzindo a sensação de segurança às forças do fora. Neste sentido, que se produz a rigidez em torno do que julgam ser suas identidades culturais, bem como o excesso de territorialização que afirmam. Como árvores se enraízam no chão, restringindo os movimentos, diminuindo as possibilidades infinitas que um processo de desterritorialização pode trazer. Contudo, este aspecto será discorrido nas páginas sobre os processos de afirmação de vida na comunidade.

Outra marca profunda que remonta ao auge do agenciamento de poder, mas que se atualiza constantemente na comunidade é a violação do direito de construir ou reformar suas casas da forma que lhes convém (seja na estrutura da moradia ou implementação de atividades econômicas típicas de uma comunidade rural). Há inibição até no plantio de uma árvore em frente à casa. Ou seja, são situações que encadeiam uma rede de opressão, gerando corpos impotentes, reprimidos, que temem implementar qualquer tipo de ação, devido o panóptico<sup>35</sup> risco de desencadear vontades de violência.

*[...] as pessoas aqui estão muito pressas ainda. Porque tem a lenda aqui... Você não pode plantar nada na frente da casa, no muturo da sua casa. Se você plantar, por exemplo, tinha até a lenda assim... se você plantar bananeira ou você morre ou se muda. Se você plantar cajarana ou morre ou se muda. Entendeu? Então você não podia plantar, e principalmente essas plantas que têm um ciclo muito*

<sup>34</sup> Recordando não sei quem, O Poeta, diz: “ela é uma pessoa um pouco ainda retraída, talvez por todas essas questões que eu falei anteriormente, porque a opressão ela perpassa gerações”.

<sup>35</sup> “O efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente. Por isso Bentham colocou o princípio de que o poder devia ser visível e inverificável. Visível: sem cessar o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central de onde é espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter certeza de que sempre pode sê-lo” (FOUCAULT, 1987, p.224).

*longo que tem uma vida muito longa. Então não podia plantar, se plantar... aí já diz, ou morre ou se muda. Aí as pessoas já estavam assim... achavam depois de um tempo... achavam que era porque dava azar. E não é. Então a pessoa morre porquê? Ou se muda porquê? Quem é que mandava a pessoa ir embora? Quem é que mandava caso desobedecesse? [...]. Isso gera impotência no povo [...] eu não posso porque se eu plantar ou eu morro ou eu me mudo. Então já está enraizado” (O Poeta).*

Imaginemos os efeitos nocivos a um povo que possui um modo de vida agenciado na agricultura e que tem refreado em si a vontade de ter uma árvore na frente de sua casa. Como que uma estratégia mordaz para demonstrar o poder sobre o território. Sobre esta questão, há um relato de um dos entrevistados em um poema, que está transcrito abaixo. Para tanto, faremos um trocadilho de poemas, expondo também um excerto de Augusto dos Anjos, como que uma resposta que poderia ser reportada ao patrão.

Um dia meu padrinho passou sob a mangueira e em cima dela os trabalhadores matavam a fome. “Parece um monte de urubus”, bradou. No outro dia mandou que raspassem o tronco da árvore. Ela foi ficando amarela, perdendo as folhas e sem forças para segurar as mangas, que alimentaria os trabalhadores, morreu. Desse dia até aqui nunca mais pedi a benção a meu patrão<sup>36</sup>.

Contudo, em resposta à sua astúcia, escutou de seu patrão:

A árvore da serra

— As árvores, meu filho, não têm alma!  
E esta árvore me serve de empecilho...  
É preciso cortá-la, pois, meu filho,  
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!  
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!  
Deus pos almas nos cedros... no junquilha...  
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma! ...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:  
«Não mate a árvore, pai, para que eu viva!»  
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,  
O moço triste se abraçou com o tronco  
E nunca mais se levantou da terra!<sup>37</sup>

<sup>36</sup> LEANDRO, MANOEL. A morte da mangueira. 2013. 1p. Localizado em: arquivos pessoais do autor.

<sup>37</sup> Augusto dos Anjos (2003, p. 97).

Para tanto, recordemos o que dissemos em uma página anterior. É néscio reportar a um sujeito todas estas marcas. Preferimos desviar o olhar para as forças que produzem estas circunstâncias e que buscam produzir corpos que nunca mais se levantem da terra, como dito no poema anterior.

Estas forças são reativas, no qual o dono (?) do engenho, por exemplo, ocupa um lugar, que apesar de privilegiado, o submete à impotência. Funciona como que uma engrenagem em uma máquina, alimentando uma vontade de poder que ultrapassa seus anseios, vontades, desejos. É como dizer que o lugar que ele ocupa já existia antes dele. Sendo sua atribuição ocupar este lugar e efetuar aspectos que as forças reativas que criaram seu lugar possibilitam.

Dispendendo um olhar sobre as forças reativas, extraímos um aprendizado das funções reativas no poema que se segue:

Canto de onipotência

Cloto, Átropos, Tifon, Laquesis, Siva...  
E acima deles, como um astro, a arder,  
Na hiperculminação definitiva  
O meu supremo e extraordinário Ser!

Em minha sobre-humana retentiva  
Brilhavam, como a luz do amanhecer,  
A perfeição virtual tornada viva  
E o embrião do que podia acontecer!

Por antecipação divinatória,  
Eu, projetado muito além da História,  
Sentia dos fenômenos o fim...

A coisa em si movia-se aos meus brados  
E os acontecimentos subjugados  
Olhavam como escravos para mim!<sup>38</sup>

Ou seja, as forças reativas buscam subjugar os acontecimentos, fazendo-os olhar como que escravos. Separando os corpos do que eles podem, de suas potências e submetendo-os a viver condenadas aos acidentes. Quando não, prendendo-nos nos sonhos de alguém. Sempre apartando-nos dos devires, desconectando-nos dos fluxos de criação. Paralisando os movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, por exemplo. Além de estimular o auto-sabotamento de nossa sensibilidade pela observância da infelicidade em

---

<sup>38</sup> Augusto dos Anjos (2003, p.151).

tudo que ocorre, cegando-nos às oportunidades de vislumbrar o brilho, a transmutação, que está presente em tudo, mesmo nas piores doenças.

É certo que uma força reativa pode ser considerada de pontos de vista diferentes. A doença, por exemplo, separa-me do que posso; força reativa, torna-me reativo, reduz minhas possibilidades e condena-me a um meio diminuído ao qual desejo apenas adaptar-me. Mas, de outro modo, ela me revela um outro poder, dota-me de uma nova vontade que posso fazer indo até o fim de um estranho poder (esse poder extremo põe em jogo muitas coisas, entre as quais a seguinte: “observar conceitos mais sadios, valores mais sadios colocando-se de um ponto de vista de doente...”). (DELEUZE, 1976, p. 32).

Considerando isto, no próximo item, que trata das marcas e efeitos psíquicos no auge do agenciamento de poder, discorreremos sobre três principais consequências. A saber: os impulsos de negatividade, temor e submissão.

#### *2.1.1.2 Marcas e efeitos psíquicos*

Advertimos os leitores a antes de prosseguir esta leitura embebedar-se com doses de alegria. Consideramos que já saibam as composições que lhes suscitem tamanho afeto e que em cada encontro saibam dosar as quantidades. Para os que desconhecem esta arte seletiva de modos de afecção, recomendamos que enquanto não a aprimoram, ingiram o Emplasto Brás Cubas, que segundo seu inventor é “destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade” (Assis, 2004, p. 18). Assim, expurguemos nossas melancolias.

Talvez seja preciso estômago forte para deglutir as palavras que se seguem, e quem sabe aos leitores mais familiares à descrição, suscite dores estomacais, acidez. Mediante esta circunstância, siga a fórmula de Nietzsche (2002): rumine.

Tratamos neste primeiro capítulo de afetos tristes que produzem impotência nas pessoas que vivem na comunidade Chico Gomes. Não fazemos isto por escolha, mas porque os ventos revoltos nos conduziram a tal. Para tanto, estes aspectos não nos servem de lamúria, mas são como lenha a queimar em nosso fogaréu, para aquecer as almas e permitir danças ao redor do fogo. Portanto, denunciemos aqui as marcas e efeitos que querem tristeza na comunidade Chico Gomes, mas que nos servem como lenha ao fogo, para potencializar os afetos alegres por vir no próximo capítulo.

Eis o princípio de Spinoza (2016, p.186) para combater a tristeza: “o riso, tal como a brincadeira, é pura alegria e, portanto, desde que não seja excessivo, é, por si, bom [...]. Por quê, com efeito, seria melhor matar a fome e a sede do que expulsar a melancolia? Este é meu

princípio e assim me orientei". Façamos isto, expurguemos a melancolia, que aqui toma o aspecto principal da negatividade, submissão e temor. Caso necessário, desenvolva uma máquina de guerra e lute.

a) Impulsos de negatividade

O primeiro sintoma das forças reativas que operam na comunidade Chico Gomes, que problematizamos, são os impulsos de negatividade. Entorpecendo as mentes para que neguem antes de afirmar. Estímulos que enganam os doutos reacionários a suporem que a negação de algo tem como posterior consequência a criação de algo diferente do negado. Negligenciam que o que concebem forma um polo oposto que propicia um sistema binário, que hora fortalece um polo, hora outro (DELEUZE E GUATTARI, 2014).

É preciso ir além, e atacar o sistema reativo, ao invés de seus sintomas. E talvez a melhor fórmula para isto seja tornar-se um afirmador por excelência. Seguir a fórmula de Nietzsche (199?, p. 162):

Quero aprender cada vez mais considerar como belo o que há de necessário nas coisas: - assim serei daqueles que tornam belas as coisas. Amor fati: que esse seja doravante o meu amor. Não quero mover guerra à feiura. Não quero acusar nem mesmo os acusadores. Desviar meu olhar que seja essa minha única negação! E, numa palavra, para ver grande: só quero ser um dia afirmador!

Ou seja, é um ataque que mata o inimigo por inanição, sem necessidade de aceitação de sua parte, sem oferecer-lhe atenção. Mas, sobretudo, fortalecendo os impulsos de afirmação. Não é preciso negar o nada para que algo venha a existir. Há outras maneiras de vivenciar o mundo. Afirmar!

Sem que percebamos, os impulsos de negatividade nos fazem desaparecer as oportunidades de transmutação naquilo que nos torna impotentes. Cegamo-nos ao brilho que suscita em cada fato impotente que ocorre, e nos afogamos na tristeza.

É uma noção bem complexa, pois o que nos torna impotentes, como uma saúde fraca ou uma doença..., precisa saber como utilizá-las para, por meio delas, recuperar um pouco da potência. [...] doença, ela aguça uma visão da vida, uma sensação da vida. Quando falo em visão da vida, em vida ou em ver a vida, é ser tomado por ela. A doença aguça e dá uma visão da vida. A vida em toda a sua potência, em toda a sua beleza! [...]. Mas como ter benefícios secundários da doença? É muito simples. É preciso usá-la para ser mais livre. [...]. Tirar partido da doença é se libertar das coisas das quais não se liberta na vida normal. (DELEUZE, 1988, p. 50).

Afirmar em meio a doença, ser seletivo, afirmar aquilo que precisa ser afirmado e sacudir os parasitas que suportamos quando estamos sadios. Tirar proveito da doença. Enquanto permanecemos dizendo que aquela doença é imerecida e o que ocorre é algo mau, tornamo-nos mais impotentes.

Não obstante, os vícios da negatividade nos fazem gastar a energia da vida alimentando aquilo que negamos e que aparentemente não nos interessa. Isso nos enfada. Ficamos cansados, por vezes inertes, dormitando. E quando a vida nos convida para uma dança, o corpo, a mente, não respondem. É preciso fortalecer aquilo que nos interessa. Quer que haja vida naquilo que é alvo de sua negação? Realmente se desinteressa por aquilo que nega? Aquilo que nega te causa tristeza? Então, por que o alimenta? Quem nega, nega-se, pois despende energia na negação ao invés de afirmar-se.

Há desperdício de energia em parte dos entrevistados que acompanhei, aqueles que compõem o grupo Uruongo. Alimentam um discurso de vitimização e negação das engrenagens do agenciamento de poder que ali opera. Sendo a principal engrenagem negada, relativa a tudo aquilo que se refira ao engenho. Para tanto, a principal consequência não provém do ato de negação em si, mas da atitude de enraizamento de tudo aquilo que o engenho desconstrói, ou seja, o que eles julgam ser sua identidade.

Ao transformarem a angústia da desterritorialização em dor de falta da identidade perdida, território-essência que simulam para si e para o mundo, podem evitar o confronto direto com aquela angústia que os aterroriza e sonhar que, um dia, quando resgatarem sua identidade usurpada, sua dor terá fim. De novo, a resistência ao finito ilimitado. Agora nosso amigo entende: é a desterritorialização que eles chamam de estrangeiro. O que o cartógrafo acaba de descobrir é que, para sobreviver, os militantes inventaram o mito da identidade – cultural, de classe ou de nação. Dizem-lhe que pretendem defender e resgatar sua identidade, que lhes teria sido roubada pela América, a do norte. No entanto, para o cartógrafo, é claro que a tal identidade atribuída a algum antigo território transformado em essência, não só é um mito criado no momento mesmo de sua reivindicação como, o que é pior, esse mito alimenta exatamente a micropolítica da captura. E até arrisca uma hipótese: a identidade, no fundo, é um mito funcional desse sistema, mito de referência profundamente ancorado na subjetividade de todos. Nosso pesquisador desenvolveu seu raciocínio: à luz da desterritorialização de todas as linguagens e da centralização de sentidos e valores considerados modernos, os territórios que se desmancham são considerados, por princípio, arcaicos e, também por princípio, são desqualificados. O cartógrafo percebe que, ao invés de combater o sentido de arcaico [...], o que os militantes-em-nós estão fazendo é reivindicar o arcaico como essência: é isso que chamam de sua identidade cultural, que defendem com fervor. E nosso investigador avalia: na verdade, nesta micropolítica se aceita o estigma de arcaico invertendo-se apenas seu valor – de negativo, ele passa a ser considerado positivo e orgulhosamente assumido. [...]. Cultura, aqui, deixa de significar produção de cartografias novas e, portanto, processo de desenraizamento para ser, ao contrário, sinônimo de território fixo, essência – em suma, objeto natural, ou seja, cultura passa a ser sinônimo de raiz. [...] a busca de uma identidade cultural é vontade de enraizamento. Ele agora vê que, se investir desse mito é a forma encontrada pelos militantes-em-nós para resistir à desterritorialização desenfreada e à captura. [...]. E conclui: um agenciamento só pode ser vivido como

sendo uma identidade, originária ou não, por um inconsciente que perdeu força de agenciar ou que precisa enfraquece-la (ROLNIK, 2014, p.130-132).

Para tanto, como forma de resistência ao agenciamento de poder e minimização das tristezas por ele produzidas, a comunidade, historicamente, desenvolveu marcas, ritornelos, territorialidades que foram adquirindo um padrão de repetitividade ao longo do tempo, ao ponto de chegarem a serem fixadas como a identidade daquele povo.

*Devido um processo, e é por isso que eu fotografaria a casa grande e o engenho, devido esse processo de ocupação da fazenda, através da cultura canavieira, do gado. As pessoas passaram a... a ter medo e negar as suas origens. Porque isso significava ser forçado a trabalhar, né... trabalhar na fazenda em condições precárias. E... por isso que as pessoas utilizam isso, a negação da identidade como uma força de se defender da opressão. Mas eu acho que a gente está em um outro momento da história. Eu acho que é fundamental assumir essa identidade para que a gente possa, é... por exemplo, fazer com que a terra seja nossa, para que a comunidade continue lá, naquele local, produzindo, sobrevivendo. Naquele local. Então a questão da identidade é fundamental por esta luta pela terra, eu acho (O Poeta).*

A questão é que adentraram em uma linha dura, inflexível, sendo acometidos por um Édipo de comunidade:

Excessivo endurecimento: é quando conseguem criar território – o da comunidade com seu repertório de gestos, jeitos e trejeitos, procedimentos, figuras, expressões de rostos, palavras... – mas se fecham a tal ponto a tudo e a todos que acabam criando um Édipo de comunidade, às vezes mais inflexível, mais duro ainda do que o Édipo família que pretendem ter superado. De tanto não querer deixar se recuperar pela captura de carece ambiente, seu desejo acaba ficando inteiramente recuperados pelos rígidos preceitos de suas seitas: instalam-se numa marginalidade crônica. Seus terceiros movimentos seguem à risca o código restritíssimo da cartilha de seu grupo. Acabam, eles também, apresentando a síndrome de captura (ROLNIK, 2014, p. 143).

O agenciamento de poder operacionaliza a destruição discursiva e material da cultura popular, ou seja, negando os movimentos culturais e identidades de diversas formas. Em contrapartida o povo da comunidade busca negar o agenciamento de poder, dentre os quais, através da fixação nos movimentos culturais e identidades que o agenciamento de poder nega, ou seja, por meio da fixação, enraizamento, em um modo de cultura e identidade, a partir do qual o povo da comunidade possa se afirmar. Sendo que, tudo que acione uma atualização ou mudança naquilo que julgam ser sua cultura e identidade é negado. Fato este que ocorre com a os signos da modernização.

Por um lado lutam contra o poder enquanto soberania, por outro, do ponto de vista do poder como técnica de subjetivação, não se abrem para a desterritorialização e continuam a se deixar recuperar pela captura, só que a do contrapoder da central de seu partido e de sua linha de história endurecida. Nesse aspecto, sua política de constituição de territórios do desejo acaba sendo idêntica à do sistema que contestam. [...]. Vivem dizendo que a América não passará e, com isso, se por um lado negam-se a se submeter ao imperialismo econômico e político norte-americano, por outro lado defendem-se de reconhecer que, no segundo sentido, o do modo de semiotização, a América, aquela-em-nós, não só já passou e não tem volta, como não para de passar. Não percebem que isso, em si, não é bom nem mau: é apenas o modo de semiotização atual. Não percebem que há muitas maneiras de viver esse modo de semiotização – é que, para discriminá-las é preciso, antes de mais nada, reconhecer sua existência e abrir-se para ela. [...]. Por não se acimatarem ao contemporâneo, perdem a oportunidade de conquistar a potência que aquela abundância de linguagem, com corpo e sem captura, permitiria ao desejo. Perdem a oportunidade de expansão (ROLNIK, 2014, p. 129-130).

Uma das consequências é que negam aquilo que negou o que buscam negar. Parece confuso, mas é simples. Negam a modernização que negou o agenciamento de poder do engenho que ali operava, pondo-o um fim, e que por consequência negou, também, os signos culturais e identitários da comunidade.

Não que seja uma negação, o que há é uma atualização<sup>39</sup> e desterritorialização dos universos de referência do período coronelista-escravocrata que imperava no Nordeste, e que impactou tanto o sistema econômico que operava na comunidade, como os signos, modos de expressão e cultura.

O que atentamos é que é inócuo lutar contra os fluxos de um tempo. Há outras formas de resistência. A via de negar os fluxos do capitalismo, por exemplo, querendo constituir um outro modo de produção, não é a única forma de luta. Mas parece-nos mais sábio selecionar as melhores possibilidades de existência que o sistema capitalista nos permite inventar. É possível criar novos modos de expressão, produção. É possível transvalorar os valores, mesmo nas circunstâncias mais adversas. Precisamos apenas acionar criatividade necessária a esse movimento. É preciso deixar o tempo passar.

Um material resultante das tecnologias modernas, como o walkman, pode ser interpretado de diferentes maneiras. Poderíamos dizer que se trata de um instrumento de sujeição dos jovens às músicas e às tecnologias dominantes, ou de uma espécie de droga estético-tecnológica. Mas também poderíamos considerá-lo como a invenção de um outro universo musical, de uma outra percepção. [...] eu estou tentando falar da mutação dos afetos. Em diferentes etapas tecnológicas, há diferentes tipos de afetos musicais, ou de afetos de imagem, seja qual for seu conteúdo, sua mensagem (GUATTARI, 1996, p.276).

---

<sup>39</sup> Atualizar aqui não significa modernizar, transpassa o movimento do virtual ao real, um fluxo.

O sábio não luta contra um muro, não fica se rebatendo contra ele. Pois a testa aparenta ser mais frágil que o concreto, e mesmo que vençamos essa luta, as sequelas são limitantes. Enquanto nos rebatemos contra os muros, damos oportunidade para que outros sejam construídos à nossa volta. Podendo chegar ao ponto de nos aprisionarmos em uma solitária. Contudo, é possível pular o muro, ou mesmo desviar o caminho. O sábio não se rebate contra uma onda, apesar desse encontro ser inevitável em muitos momentos, mas sempre procura surfar na onda, indo o mais longe que possa e aproveitando o movimento da onda para construir seu caminho.

Rememorando um dia de ensaio do grupo Urucongo, lembramos dos equipamentos tecnológicos que a modernização nos permitiu conhecer. Microfone, amplificadores, caixas de sons, mesa acústica com diversos canais de entrada, instrumentos eletrônicos. Todas essas ferramentas permitem que o grupo amplifique suas vibrações, possa expandir sua sonoridade, reivindicações. É preciso observar essas oportunidades em tudo. Parte da modernização promoveu uma destruição de valores, instaurou outras formas de captura, aprisionamento, impotência, para tanto, nos oportunizou criar tantos outros valores. Ao alimentarem os impulsos de negatividade quanto à modernização, desapercebem a oportunidades de potencializar seus movimentos, os brilhos que suscitam da modernização e que permitem a amplificação de seus fluxos de criação, deslocar os modos de existência, fortalecer processos de afirmação de vida, resistência. Em tudo há oportunidade seletiva, seja para tristeza ou para alegria. Em tudo é possível se aprisionar ou escapar. O que não podemos é nos aprisionarmos em um modo de vida, adoecemos de pura territorialização e não perceber a riqueza dos processos de desterritorialização na construção da vida. A vida é como a água, precisa de movimento, caso contrário, o que antes lhe permitia ser límpida, logo, permitirá o surgimento de formas de existência que tornam a água escura, fétida e o surgimento de parasitas.

É preciso a sabedoria do deserto, adentrar no caos e experimentar o lugar das infinitas possibilidades. O caos, aqui, pode ser exemplificado através de uma faxina. Durante uma faxina todos os móveis ficam dispostos, desorganizadamente, ao padrão que havíamos disposto anteriormente, há poeira se movimentando por todos os cômodos. Uma faxina é uma simples perturbação. Mas, através dela é possível limpar a fundo as sujeiras, nos cantos onde uma arrumação simplória não chega. Sem contar que nos permite organizar o espaço de um outro modo, realocar móveis, inventar uma nova decoração. Vislumbrar outros modos estéticos, deslocar nossa percepção.

[...] de todo modo, seria preciso passar por mortes que nos desorganizam, que de fato nos desorganizam. [...]. Trata-se de um movimento de grande amplitude que faz morrer tudo o que não é necessário para as potências da vida, ao mesmo tempo em que essas mortes interiores sempre correm o risco de nos levar a um projeto mortífero ou suicida. [...] ir ao deserto. Ir ao deserto à maneira dos nômades, ir de encontro com a sua própria solidão, onde se forma o contrapensamento do pensamento. [...]. Despovoar para povoar de outro modo. [...]. Vem, inevitavelmente, o relâmpago do *fiat*, o acontecimento, o encontro, o momento em que tudo enfim explode, conforme as diferenças de potencial. [...]. É que no deserto nós deliramos as moléculas para formar outros corpos, outros seres, a criança, a mulher, pássaros moleculares. Em que consiste tal delírio? É que os corpos não são mais dados, com sua opacidade de sua sombra. São, por assim dizer, deduzidos da luz. Se formam a partir da poeira do deserto” (LAPOUJADE, 2015, p. 22, 23, 292, 299).

Contudo, há grandes enfrentamentos a serem realizados para a ação. Ao longo da pesquisa o cartógrafo percebeu, na comunidade Chico Gomes, não apenas a necessidade de combater a territorialização excessiva e os impulsos de negatividade, mas também as guerras paralelas para que estes aspectos sejam possíveis. Trata-se das dificuldades criadas pela submissão e o temor. A seguir, falaremos sobre a submissão que encoleira as pessoas da comunidade Chico Gomes, atrapalhando suas movimentações, construções e sonhos.

#### b) Submissão

A submissão das pessoas na comunidade Chico Gomes é real e imaginária. Parte dela ocorre pelas ameaças a que são submetidas, caso implementem algum movimento considerado inadequado. Por outro lado, há submissão imaginada, seja pela perpetuação de uma ação refreada por imaginar a presença de uma ameaça que inexistia, seja por imaginar que não se possa fazer algo que seja considerado inadequado pelos mandatários do poder.

Mas, independente da forma de submissão, consideramos aqui este aspecto como um sintoma das forças reativas que operam na comunidade Chico Gomes, que deve ser extirpado. Por isto, este item denuncia os meandros da submissão, sobretudo, a submissão imaginária. Do qual foi constituído um conjunto de estratégias coercitivas, ao longo do tempo, submetendo as pessoas a ordens, regras e normas, que quando não cumpridas tinham por consequência a punição. Para tanto, ao longo do tempo muitas estratégias coercitivas deixaram de operar diretamente e tornaram-se um panóptico que perpetua o refreamento das ações.

A questão principal é que o agenciamento de poder, através das formas, circunstâncias, subjetividades, violência, a que eram submetidos para manter o trabalho e habitação na comunidade, produziu corpos submetidos, impotentes. Gerando impassibilidade, conformismo, cegueira quanto às estratégias de mudança, e tantos outros estágios doentios.

Desta forma, é preciso cortar os fluxos que atualizam a submissão em cada corpo e, paralelo a isto, escapar do controle casual dos afetos, esforçando-se para encontrar os modos de composição que geram alegria, desejos.

Ou seja, por consequência da submissão às ordens vigentes, ficamos ignorantes/servos dos afetos, como que uma vela hasteada que movimenta o barco em qualquer direção a depender da direção do vento. É preciso aprender a manusear a vela e utilizar as ventanias para direcionar o barco. Aprender a selecionar os modos de ser afetado, quebrar hábitos, organizar os nossos encontros. Ser causa adequada das nossas mudanças. Conhecer as doses de composição e decomposição das coisas que nos afetam. Ser seletivo em iniciar um encontro e saber terminar. Só assim deixamos de ser servos para sermos sábios (SPINOZA, 2016).

Desta forma, no auge do agenciamento de poder, duas grandes questões vigoravam quanto aos processos de submissão na comunidade Chico Gomes, mas que duram pelo tempo/espço, perpetuando marcas psíquicas. A primeira a geração de dependências quanto à venda da força de trabalho ao patrão e a obtenção de moradia, ambas se sujeitando às circunstâncias adversas, na tentativa de sobreviver, garantindo o mínimo de subsistência. A segunda questão diz respeito ao sentimento de dívida ao patrão, que estendera a mão oferecendo um emprego e moradia, além de outros favores. Desta forma, o reconhecimento ao patrão conduzia ao fortalecimento do sentimento de submissão.

*Essa questão do medo, né? Do medo... [...] Porque corre na nossa veia essa questão da submissão do senhor do engenho, e... [...] Porque... é... falando nessa linha. Tá.. corre nas nossas veias essa questão da submissão e da venda da força de trabalho, porque ali havia... não, não há mais de fato, porque o que tem ali não é o que se diz dono da terra. Havia engenho, havia produção de animais de grande porte, pequeno porte. Havia a plantação de canaviais, capim pra alimentar o gado. E isso requer muita mão de obra pra trabalhar. Então como era que acontecia a questão de ter uma casa pra morar, em relação às comunidade nessas zonas rurais? Eu ia vendia minha mão de trabalho, e os donos das terras [ato falho], dos engenhos cediam uma casa pra você morar, por família, mas você ia ficar atrelado ao trabalho, às minhas atividades. Recebendo por isso, não necessariamente o que valia, né? Mas é aí onde cria o vínculo, esse vínculo de ceder uma casa, de você trabalhar, e você produzir, e você partilhar isso de forma de meia. Como se fala, meieiros. Eu produzo, eu colho. Uma parte vai pro senhor, dono da terra, e outro parte fica pra subsistência. Então... aí... já atrela a questão de submissão. Então o medo... o medo ele parte daí. Porque você já vai pra um local que você sabe que não é seu, é uma propriedade privada. [...]. Porque*

*a submissão, pra mim, ela começou a ficar muito mais forte em relação a essa percepção, porque... são pessoas que me deram a mão, e que não quer bater de frente com essa pessoa, porque gera esse medo e [não entendo]. [...] Mas... então o medo ele é construído, eu acredito dessa forma. Um ou outro, mesmo, com medo, não querem sair de seu local de trabalho. Acredito que aceita o que vem, né? E... tipo assim. Pra, pra simplificar. Em uma reunião, por exemplo, pode ficar de cabeça baixa, vista baixa, porque sei não, depois eu vou ficar queimado com fulano de tal. É um medo construído. Não, não vou falar não, mas o que for preciso tá bom pra mim. [...] uma população sem educação, tem força de trabalho para ser vendida [...]. E é aí que vem o enraizamento da questão de submissão. [...] a submissão [...] é um modo em relação ao senhor do engenho, que detém o dono da terra e tudo (O Renovável).*

Para tanto, no entremeio dessas causas havia/há estratégias demonstrativas de poder sobre o território e pessoas, coibindo ações e fazendo-as passar sob o julgamento do patrão para obtenção de autorização, reforçando a produção de corpos submetidos.

*[...] que está sendo usurpado até hoje. usurpam-se... a gente não pode fazer, assim... você não pode plantar uma árvore, você não pode fazer uma reforma na sua casa. Embora a gente, teimosamente, de vez enquanto faça. Planta um pé de... [ ele fala de uma forma bem silenciosa, como que contando um segredo. Aumenta o tom de voz para dizer] outros têm medo por aí, [diminui novamente o tom para dizer], mas nós não temos não. [ Aumenta o tom novamente] Por aí quando alguém vai fazer um chiqueiro para criar um bicho, aí... vão lá e dizem: olha não faça isso não, daqui a pouco a gente está dividindo a serra e vai dar uma parte a vocês ( O Quebrador de Barreiras).*

*Por exemplo, o patrão é quem diz quanto é que vai pagar, como é que as pessoas moram... por exemplo, o cara diz que quer plantar uma coisa, tem que ir perguntar ao patrão. Se quiser fazer alguma coisa em casa tem que ir perguntar ao patrão. Tudo né? Então é uma relação mesmo de submissão (O Poeta).*

Se não bastasse, O Renovável manifesta que além da existência de todos esses fatores que condicionavam as pessoas em uma relação social de submissão ao patrão, havia o desestímulo quanto a qualquer fator que propiciasse mudanças. Era preciso manter o sistema de submissão e naturalizá-lo nas diferentes gerações. Para isto, a consciência dos pais era imprescindível para repassar aos filhos a boa forma submetida de viver. Tudo que fosse diferente disto era coibido, por exemplo, a educação.

*[...] o dono do engenho se empoderam disso, se empoderam disso porque eles precisavam disso para passar de geração em geração. Porque quando eles sediam uma casa eles sabiam que ali iam ter família. A certa idade os filhos também estariam atuando no canavial, no engenho, na vacaria, cuidando do gado, do porco, da galinha. E isso para ele era bom, porque quanto mais força de trabalho melhor para o desenvolvimento dele. Então eu acho que ele se empoderava disso, porque, parece que é como se eles não sabem, não sabem que ali eles estão comprando uma força de trabalho. [...]. Eu acho que eles se empoderam disso [...]. De achar que estendeu a mão, e que ali nasceu e se criou, os filhos também se criaram, mas que foi em um sistema de escadinha, foi passando de geração em geração. A consciência ela nunca mudou, ela nunca mudou em relação de pai para filho. Porque se o pai está enraizado naquela, né? Nesse dialeto, aí com certeza é que vai ser passado pra os filhos.*

Os filhos do patrão também eram ensinados a submeter e assim perpetuar as estratégias, circunstâncias de trabalho e moradia, sistema de autorização das ações ou mesmo punição das subversões.

*[...] por mais que essa mudança da globalização teve, mas os filhos dos filhos de quem foi Coronel de quem foi dono de terra do senhor do engenho a mentalidade deles tá ali. Nasceu e se criou com o pai. Achando que tipo, que é superior que tem que ser assim, que fulano é empregado. Então não muda, e para ter mudança é difícil. A mudança quando ela vem já vem em cima de preconceito. (O Renovável)*

Para tanto, a questão é demonstrar as consequências deste sistema de submissão, no presente, que tornou os corpos estéreis à processos de criação, mas com alto nível de reprodutibilidade da memória de submissão. Com isto, há imobilidade, aprisionamento, produção de corpos dóceis.

*Porque assim veja só, teve um dia que eu discuti com um dos dos filhos do dono daí... e ele falou assim: tá lá a terra, a terra tá lá. Tem água lá. O povo não planta porque não quer, não cultiva porque não quer. Ele falou tipo isso com outras palavras. Ninguém impede o povo de plantar não, eles não plantam porque não querem, é porque são preguiçosos. Em outras palavras foi isso que ele falou. E se você me olhar é quase isso que ele disse, realmente. Entendeu? [...] porque é que as pessoas não plantam? A terra tá lá mesmo no muturo deles, então porque que as pessoas não plantam? Talvez tenha falado isso de uma forma irônica. Mas as pessoas aqui estão muito presas ainda. Porque tem a lenda aqui, você não pode plantar nada na frente da sua casa, no muturo da sua casa. Se você plantar, por*

*exemplo, tinha até a lenda assim... se você plantar bananeira ou você morre ou se muda. Se você plantar Cajarana ou morre ou se muda. Entendeu? Então você não podia plantar. E principalmente essas plantas que têm um ciclo muito longo que tem uma vida muito longa. (O Poeta).*

Padecem das amarras do panóptico; refreiam suas ações; mas de quem é a culpa da impassibilidade? Não importa imputar culpas ou culpados, nem mesmo alimentar impulso de negatividade aos opressores, condenar os acusadores. Já nos basta observar que “*isso gera impotência no povo*” (O Poeta), e diante disto querer outro caminho, esboçar linhas de fuga e afirmar os processos de vida. Querer a potência, fortalecer o modo poético de viver. Questões estas que serão discorridas mais à frente.

É necessário não investir em universos de referências extrínsecos do qual nos acoplamos para construir algo, mas que nos roubam da nossa capacidade de criar e que ao invés de nos potencializar nos diminuem. Observamos a expansão do exterior, mas que nos convida para a roda diminuindo aquilo que podemos. Tornar-se farto da doação de energia para a manutenção e crescimento daquilo que nos esmaga gerando tristeza e impotência.

Para isto, devemos ser impiedosos com aquilo que nos suscita sacrifícios, contraindo nossas vidas, e que nos subjetivam à noção do útil, tornando-nos subservientes à entrega de nossa força vital pelo benefício de uma exterioridade. Que não aceitemos nos tornar matéria-prima para saciar a fome de outrem pelo reconhecimento de obter o título de funcionário do mês. Querem-nos humildes como remédio para as humilhações, rebaixamentos. Somos mais que isto, ferveilha-nos vida. Queremos de volta os devires e acontecimentos.

Um dos fatores que conduz muitas das pessoas da comunidade à entrega de sua força vital àqueles instituídos (?) de poder é o apego à retribuição dos favores oferecidos por estes. Contudo, como trata-se de um modelo de reação pautado na ignorância, tanto os favorecidos como os que favorecem, observam um déficit de retribuição, perpetuando a submissão ao infinito, por nunca ser decretado o pagamento do favor.

Ora, o homem livre procura unir-se aos outros homens pela amizade [...], e não pela retribuição de favores que eles, segundo seu afeto, julgam equivalentes, e tenta, em vez disso, conduzir a si próprio e aos demais pelo livre juízo da razão e a fazer apenas aquilo que sabe ser primordial. Logo, o homem livre, para não ser odiado pelos ignorantes, e para não curvar-se aos seus apetites, mas obedecer apenas à razão, se esforçará, tanto quanto puder, por evitar os seus favores. [...] mostra ter um ânimo constante aquele que não se deixa corromper, para sua própria perdição ou para a perdição comum, por qualquer favor (SPINOZA, 2016, p. 201, 202).

Por consideração alheia, o cartógrafo observou durante a pesquisa uma cena peculiar. Refreando uma caminhada à floresta, para cuidar da sua neta, um dos entrevistados pede desculpa por ter que desmarcar o passeio prometido. Enquanto dialoga, permanece com a orelha atenta aos veículos que se aproximavam, perguntando se o cartógrafo havia visto na estrada algum carro com certas características. Com os olhos amedrontados, diz que por consideração ao patrão, cumpri as ordens por ele determinadas, apesar de ter sido submetido a uma vida de sofrimento no trabalho. Chega o carro e o patrão nem precisa descer do mesmo para que o entrevistado se dirija até lá, apressadamente. Conduz-se até o portão da casa e já vai avisando que sua neta deve ficar em casa, porque ele precisa sair. Nada o tirou de casa para que ficasse a cuidar da neta, apenas as ordens de seu patrão.

Como adverte Spinoza (2016, p. 201) é preciso ter a liberdade de perseverar em seu ser e não cuvar-se aos apetites alheios, negando-se à retribuição de favores. Esquecer de si para lembrar o outro. Contudo, como esclarece O Renovável, no excerto abaixo, esta é uma percepção naturalizada na comunidade. Uma cultura do favor que através da consideração subordina a ação (que na verdade são reações) às ordens dos instituídos no poder.

*Tem essa questão. Então... uma coisa, porque sempre que eu começo a falar nessa questão, está atrelado ao modo de desenvolvimento coronelialismo, dos detentores da terra, pra desenvolvimento da região do nordeste. Mas isso ocorre no país todinho, corre isso nas veias. Essa percepção eu acho que vem muito mais de trás, porque quando eu digo que eles detém essa percepção que é uma favor que eles fazem pras pessoas e que se... na residência deles, porque também já foi repassado pra eles, a patente de quem está no alto tem que olhar pra baixo dos outros, e os outros tem que ser submisso a si. Então... é também tanto uma... uma escadinha pra eles, que se detém donos na terra, é... que dá a mão pra quem vai morar em sua resi... como também é uma escadinha pra quem vai morar nas terras e tem essa mentalidade. Segue nesse caminho. Então... isso foi praticamente um elo que foi da constituição de desenvolvimento da nossa região. Isso está em nossa veia. E... nós chegar pra até eles, pra os moradores, falar essa questão. Pra muitos que realmente, está ali bem enraizado. Pra eles não é nada demais, não. Não é nada demais, não. Porquê? Porque pra eles é normal, por que neles está enraizado.*

E os favores que conduzem a este estado de subserviência são diversos, tão caros que é necessário subjugar a vida para conseguir pagar alguma parte.

*por exemplo, as pessoas precisavam de um médico, aí falava com patrão e que falava com um amigo e que falava com fulano de tal. Precisava ir urgente para o hospital, aí era o patrão que levava no carro dele. Então, quando precisava se deslocar para a cidade ia no carro do patrão. Precisava de algum crédito para financiar alguma coisa... aí o patrão... então... então a questão do patriarcado ela é muito forte aqui ainda. E isso gera sensação de que devem favor. A Fulano era muito bom porque eu adoeci e ele me levou para o hospital<sup>40</sup> (O Poeta).*

Desapercebendo que estas atitudes eram realizadas pelo vínculo de dependência que era mantido entre patrão e empregado, bem como pela imobilidade na ascensão social, os que delas (atitudes) dependiam, consideravam como favores. Como consequência acomodavam-se na espera de receber, exigindo tão somente que o patrão lhes oferecesse o que julgasse merecido. Estas são as impressões que os discursos repletos de ressentimento produziram durante a pesquisa.

E nesta rede quase interminável de sintomas reativos, a consequência imediata da consideração ao patrão propiciava um ambiente adequado à leniência. Marca que, para muitos, dura no tempo, atrelada à satisfação com o que possuem. Pois antes de qualquer reivindicação, preferem o caminho que conduza à ausência de conflito, devido as marcas de violência serem profundas e temerosas.

A leniência na comunidade traduz-se em querer a propriedade da terra, mas em esperar que lhes sejam concedido o direito sem que necessitem conflitar os interesses que lhes impedem de possuí-la. Para tanto, como aprendemos na física clássica, na ausência de atrito não há movimento.

Dê prova de vontade, decida que quer o verdadeiro e você já estará neste caminho. [...]. Amar o verdadeiro não é espontâneo. [...]. É preciso que algo force [...], abale-o e o arraste numa busca; em vez de uma disposição natural, há uma incitação fortuita, contingente, que depende de um encontro (ZOURABICHIVILI, 2016, p. 39, 51).

*as pessoas estão esperando esse pessoal aí decidir se vão ganhar uma tarefa de terra, uma casa o que é. um terreno 20 por 20 ou sei lá. estão esperando eles decidirem. Então para mim entra essa questão das discussões do território. então pra gente sobreviver aqui a gente não quer preciso só de uma tarefa de terra por exemplo. e as pessoas acham que estaria resolvido o problema. é muito mais do*

<sup>40</sup> Outros exemplos: “e o medicamento para comprar; fulano morreu e ele comprou o caixão” (A Professora). “E foi só em 1994 que a eletricidade chegou aqui, emprestada né... eles tiveram assim um pouco de bom senso, e emprestaram eletricidade aqui. [...]. E nós tivemos luz emprestada por eles primeiro. Acho que por causa do peso na consciência ( O Quebrador de Barreiras).

*que isto. por que como você já percebeu, são as questões subjetivas. [...] então tem uma questão que vai além de um terreno em um determinado local, e que as pessoas Diz aí eu vou sair daqui vou parar aqui, e pronto está resolvido a situação. eles esperam Você vai sair daí vai morar ali. aí pronto é o que as pessoas estão esperando. muitas pessoas estão esperando isso (O Poeta).*

Concomitantemente ao acesso à terra, a comunidade precisa perseverar na construção de novas subjetividades para que fuja de um modo de vida reativo e possa ativar as forças criativas da vida. Conceber um corpo sem órgãos, estranhando o organismo social que habitam. Desmascarar e destruir as questões subjetivas que lhes mantém aprisionados, imóveis, desesperançosos. Reconhecemos que esta é uma luta ferrenha, mas através da cartografia buscamos ativar fluxos de desejo, quebrar padrões de repetitividade. Ir do plano das formas ao das intensidades.

Força ativa, caracteres de uma capacidade de afetar e ser afetado que conduz ao apropriar-se, dominar, que quer dizer impor formas, criar formas explorando as circunstâncias, cumplicidade com a afirmação. Ou seja, poder de agir, que vai até o fim de suas consequências. Um querer que é criação. Vislumbrar outros mundos, mas, sobretudo, criar realidades (DELEUZE, 1976).

Há outros mundos possíveis, mas pela comunidade há uma enfermidade que se alastra como epidemia. Perspectiva macropolítica de observar as possibilidades de mudanças, reatividades. Desapercebem a via micropolítica.

*da leniência Da Comunidade. das famílias. o povo quer a mudança, mas eles querem que a mudança venha como você falou, ainda a pouco, de forma macro. e não tem coragem de se levantar e fazer com que ela aconteça. tem isso também. Chico Gomes é uma comunidade muito pequena. e no meio desta Pequênês a maioria dorme. [...] tem também o comodismo: - não, eu estou satisfeito com isso. Eu me satisfaço com isto. Isso vem desde, desde os nossos ancestrais [...]. Mas se acomodaram, tem medo ( O Quebrador de Barreiras).*

Alguns já despertaram para esta possibilidade e, à sua maneira, movimentam-se. Postulam a quebra de paradigmas obsoletos, provocam a construção de novas subjetividades, lutam e resistem através da arte, dança, música. Atraem a atenção exterior para a comunidade através de construções coletivas, tais como a mandala. Com isto, ocupam o território e deslocam o centro de representação da comunidade, do engenho para as construções comunitárias. Trata-se do trabalho do grupo Urucongo. Aqui endossamos no leitor a vontade de saber sobre o grupo,

por isto o leitor deve contentar-se com esta rasura de informações. Importa-nos dizer que o envolvimento da comunidade na construção desses movimentos já existentes de luta, seria um dispositivo para desbloquear os processos desejantes, diminuir os efeitos reativos na comunidade e intensificar a reivindicação do acesso à propriedade privada, seja junto aos que foram investidos na posição de donos do sítio, seja junto aos órgãos e entes governamentais.

*Se acordarem desta leniência, sim. Se saírem, se juntarem com aqueles que tem boa vontade, que estão pelejando. E o ponto já está montado. nós temos a associação de moradores, os grupos. o que falta É as pessoas terem a boa vontade de se integrar. a partir desta integração... se já tivessem se integrado eu tenho certeza hoje que tudo seria diferente aqui. mas... ( O Quebrador de Barreiras).*

Contudo, a participação nos movimentos coletivos de construção de territorialidades encontra dificuldades de mobilização por todos os aspectos supracitados. Dentre os quais o temor que impera na comunidade de que seja reativado os conflitos e violências preponderantes no auge do agenciamento de poder. Ou seja, o temor é um afeto que cruza o tempo e espaço da comunidade, gerando marcas psíquicas profundas.

Assim, o temor é o terceiro sintoma, dito aqui, das forças reativas que operam na comunidade Chico Gomes. Este afeto que segundo Spinoza (2002, p. 150): “é o desejo de evitar, mediante um mal menor, um mal maior, que tememos”, desencadeia na comunidade repressão dos processos desejantes. Fortalecendo sentimentos de falta, insegurança e ressentimento.

A origem desse temor que atravessa os corpos da comunidade, crivando-os como um espinho, remonta ao processo de ocupação do engenho na comunidade e das práticas de violência que as pessoas eram submetidas. Violências que querem evitar.

*“Então foi um processo de muita violência, e que ele é... transcorreu durante muito tempo e que ficou o medo. Então assim, as pessoas têm muito medo. Essa história ela ultrapassa as gerações, essa cultura do medo. [...] as pessoas sabem que este conflito pode desencadear questões de violência. Então tem um medo muito grande das pessoas” (O Poeta).*

Deste processo suscitam diversos afetos, que é possível sentir na pele mediante as falas, fisionomias. A sensibilidade do cartógrafo é atravessada como uma flecha pelos relatos, lamúrias, lágrimas. Bem como pelos olhares desconfiados, disposição corporal, organização espacial.

Contudo, restringimo-nos a descrever três dos principais afetos que adoecem as pessoas da comunidade e que devem ser combatidos, pois são chaves que desencadeiam tristeza: falta, insegurança e ressentimento.

O primeiro afeto diz respeito ao sentimento de falta, questão que desvia o desejo de sua tarefa e reprimi-o em um buraco negro. A falta atinge seu ápice quando referida ao acesso à terra, criando condicionamentos, como que programando-os a saírem da comunidade caso queiram melhoria nas circunstâncias de vida.

Para Deleuze e Guattari (2011) a falta cumpre um papel de captura nas engrenagens do poder, produzindo uma necessidade a ser saciada. Sendo que a produção desta falta tende a ser resultado de forças externas, nos dominando e gerando vazios, vergonhas, fantasmas. Não obstante, querendo-nos confundi-la com o desejo. Quando isto ocorre é porque colocamos o desejo do lado da aquisição, que o determina como a falta de um objeto real. “[...] o que não existe não pode querer existir; e o que existe poderia ainda querer existir?”<sup>41</sup> (NIETZSCHE, 2014, p. 150).

A falta é arrumada, organizada, na produção social. [...]. É arte de uma classe dominante essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, descarregar o desejo no grande medo de se ter falta, fazê-lo depender do objeto de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade), enquanto a produção do desejo é vinculada ao fantasma (nada além do fantasma). (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 45).

Pelo contrário, o desejo é produção, ele produz real. Desejar é construir. “O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção”. Deste modo, o desejo e o objeto constituem uma mesma coisa, máquinas que se acoplam, funcionamentos que ora gera um fluxo, ora uma extração. Máquinas conectadas que produzem real, maquinações, que criam realidade (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 43).

O desejo em Deleuze e Guattari (2011) é como o querer em Nietzsche (2014), inseparável de uma atividade maquínica, um ato de realização e não de espera ou sonho.

Então, sempre que produzimos uma falta geramos um fantasma, nos confinamos, criamos um vazio e buscamos preenchê-lo, por vezes, com outros objetos que não o que nos falta. Tudo isto precipita sofrimentos. Dentre os quais, insegurança.

---

<sup>41</sup> “Entre areia, sol e grama o que se esquia se dá, enquanto a falta que ama procura alguém que não há” (DRUMMOND, 1975, p. 245).

Se algo nos falta estamos fragilizados, e quando o que nos falta é a garantia da propriedade de algo, como a terra na comunidade Chico Gomes, isso produz medo da perda. Mas seria possível pensar de modo diferente? É que as vezes o objeto de nossa insegurança é o medo da desterritorialização, aniquilamos esse fluxo e impotencializamos nossas criatividade, devires. Preferimos o controle, a segurança, a comodidade. E se estamos inseguros tendemos a ativar o medo, seja nos discursos, ou mesmo nos refreios de nossas ações.

Tememos, o tempo todo, perder. A segurança, a grande organização molar que nos sustenta, as arborescências onde nos agarramos, as máquinas binárias que nos dão um estatuto bem definido, as ressonâncias onde entramos, o sistema de sobrecodificação que nos domina – tudo isto nós desejamos (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 119).

Por outro lado, esse temor de perder a terra, que gera uma falta quanto à propriedade, impulsionando a sensação de insegurança, medo, compõe-se com o ressentimento, que nutre mágoa aos que se intitulam donos da terra, por todas as marcas geradas desde os ancestrais até as gerações atuais.

O ressentimento é perigoso, hostil, entorpecedor da vida. Retorna contra o ressentido, gerando incapacidade, afudando em si mesmo. Vingança, ódio, mágoa, tudo isto adoecendo-o. Incapaz de esquecer o inimigo, vivencia tudo aquilo que deseja ao outro, reproduz em si (NIETZSCHE, 2002).

*“A todos que vivem aqui e que guardam uma certa mágoa devido todo o tratamento que vem desde lá de longe”. O Quebrador de Barreiras*

Questionámo-nos sobre as possibilidades de ativar o esquecimento sobre estas questões.

[...] apreciar toda a atividade da força contrária, da faculdade do “esquecimento”. O esquecimento [...] um poder ativo, uma faculdade moderada, à qual devemos o fato de que tudo quanto nos acontece na vida, tudo quanto absorvemos, se apresenta à nossa consciência durante o estado de “digestão” [...]. Faculdade ativa [...] encarregada de manter a ordem física, a tranquilidade, a etiqueta (NIETZSCHE, 2002, p. 27, 28).

Concomitante, salientamos que este estudo não visa aprofundar estes sintomas reativos, que impelem os corpos da comunidade Chico Gomes a um estado de impotência, mas ao aludirmos à sua existência buscamos chamar a atenção para que sejam evitados, tanto nas

peessoas da comunidade, como nos leitores. A questão é procurarmos cortar os fluxos que nos conduzem a sermos afetados por estes afetos, desviar o encontro com os corpos que disparam essas afecções e seguir outros caminhos, outros modos de afecção. Quanto a isto, o texto que produz esta dissertação, pincela diferentes formas de produzir este desvio. Não há fórmula, ainda que possa se multiplicar os exemplos. Ao leitor indicamos encontrar suas respostas na experimentação do seu cotidiano. Como desenvolver o cuidado de si? Pense!

Destarte, chegamos até aqui discorrendo sobre as marcas e efeitos físicos e psíquicos que foram produzidos na comunidade Chico Gomes no período do auge do agenciamento de poder escravocrata-coronelista. Marcas e efeitos que duram pelo tempo, sendo atualizados e impotencializando os corpos da comunidade, bem como refreando as ações. Passaremos agora a um outro conjunto de marcas e efeitos físicos e psíquicos, que suscitam, sobretudo, do período do declínio do agenciamento de poder escravocrata-coronelista. Fazemos essa divisão por mera comodidade e para facilitar a escrita. Nossa principal intenção é denunciar a existência de sintomas reativos que paralisam ou refream as ações na comunidade, sem a menor ambição de criar uma história da comunidade ou mesmo mostrar a origem dessas reatividades. Não postulamos culpados, não vitimizamos ou acusamos. Mas, escrevemos como que maquinando processos de afirmação da vida, extraindo aprendizados das forças que operam nos modos de viver, para afirmar os acontecimentos da vida.

## **2.2 Marcas e efeitos no declínio do agenciamento de poder**

Tanto no auge do agenciamento de poder escravocrata-coronelista, como no seu declínio, as marcas e efeitos físicos e psíquicos produzidos nos corpos da comunidade Chico Gomes foram profundos. Sendo que no declínio, parecem ter arquitetado um apego ao passado, tanto multiplicando e fazendo reviverem os fantasmas da psique, resultado dos traumas produzidos no auge do agenciamento de poder, como por gerar saudades dos tempos de prosperidade econômica no sítio, pelo laço de dependência que o sistema econômico-social gerara nos trabalhadores. Mas esta saudade não fora produzida pela satisfação ou felicidade, e sim pelo abandono social e econômico que vivenciaram pela falência das atividades laborais da fazenda.

Por volta dos anos 1989 e 1991, conforme O Poeta, o engenho faliu, resultado de novos agenciamentos advindos da modernização. Desta forma, as atividades econômicas que eram desenvolvidas no sítio passaram a ser obsoletas. Como não houve modernizações ou incrementos no modo de produção, o sítio viu a prosperidade de anos desmoronar. Sem contar

que o êxodo cada vez mais constante dos filhos dos moradores para outras regiões do país colocavam-nos em contato com outras realidades, fazendo-os querer cada vez menos a realidade da comunidade. Além de refinarem suas reivindicações, o modo de observar o mundo.

*Pode até ser que eles tenham essa visão, de que tipo: - ah! O cara não soube administrar direito a fazenda. E mudou... talvez eles nem saibam o que esteja por detrás, que chegou a esse nível que chegou lá. Praticamente o cara vendendo as terras porque vai embora, querendo vender pra outro dono. Ele nem sabe o que está por trás pra chegar a esse ponto. A questão de desenvolvimento, a questão de leis trabalhistas, a questão do dever, do cumprir. A questão de denúncia. Então tem muita coisa por trás que gerou mudança, né? A mudança social, mas a mudança conceitual de mentalidade não mudou.*

Tudo isto somado adianta o esfacelamento do engenho e os poderes que o constituíam, novas formas de poder se agenciam e novos universos de referência invadem a comunidade, modificando suas referências de representação, que aos poucos modificam os hábitos, costumes.

### **2.2.1 Marcas e efeitos físicos**

O resultado imediato no declínio do agenciamento de poder foi que o engenho ruiu e com ele levou seus dependentes.

*Aqui o que tinha de emprego era uma coisa gigantesca. Vinha gente até de fora, né? Aí parou o engenho que empregava muita gente. A vacaria está quase abandonada, que tinha muito emprego também. Aí tinha um eito. Tu não sabe o que é eito não né? [risos]. Um eito eram pessoas que vinham para trabalhar na roça, a mando do [ parece que ele diz: do senhor aí]. Tinha muita gente também, hoje tem só quatro. Para você ver como caiu, eram mais de cem pessoas no sítio trabalhando, e hoje... são quatro mais ou menos. Aumentou mais porque teve um proprietário que alugou a vacaria, porque ele estava com vontade de vender a vacaria, mas alugou. Tem bem uns quatro empregados ou é três (O Filho do Acontecimento).*

*Não! Hoje tá pouco, quase não tem não. Acho que não trabalha dez pessoas ali, antigamente eram trinta, quarenta pessoas... DIRETO. Mas hoje não tem nem cinco pessoas. Aí eles plantam aí roça, né? Roça não, capim, aí eles plantam capim. E o mato que tem cinco pessoas dão de conta. Porque ali no baixi do*

*muquém, ali. Tem um terreno pra lá que toda semana a gente ia pra lá pra plantar capim, feijão lá. Trabalhar lá. Caminhão que ia lotado. Vinte, trinta pessoas. Às vezes ficava lá porque não tinha como vir, lotado de gente. Hoje vai duas pessoas, três. Compraram um terreno lá pro lado do Pará. Venderam a propriedade daqui até lá no Romualdo. Ai hoje não tem como trabalhar. [...] Contava muita coisa, meu avô... casa de farinha, tinha muita casa de farinha por aqui, engenho, rapadura, tinha muito aqui. Daqui mesmo até lá o Romualdo... muita cana de moagem. Hoje nós estamos no mês de outubro... outubro, né? Pronto! Nesse tempo ainda estava moendo. Aí era seis meses de moagem. Dia e noite. Era dois turnos. Tinha tempo que nem ia a moagem toda. Começava a chover, né? Não tinha como lavar. Hoje acabou tudo (O Observador).*

Estabelece-se um dilema. Por um lado, a observância do passado como um lugar de sofrimento, sujeição e dependência. Por outro, o saudosismo impregnado nos discursos de exaltação ao passado econômico da comunidade, por parte daqueles que mantinham um laço direto de dependência. Ora, em uma comunidade onde o trabalho constituía um caminho direto para obter moradia, e uma oportunidade escassa, apesar de imposta, de subsistência, sua perda representava uma morte. Isso conduz a uma balbúrdia de interpretação. Como olhar para o passado? Pareceu-nos que durante a pesquisa essa resposta apresenta uma ressignificação, do sofrimento à saudade:

*Muita gente reclamava, mas hoje muitos que tem saudade do que era os tempos de outrora, no passado (O Filho do Acontecimento).*

Este aspecto apenas intensifica a observação dos sintomas reativos que operam na comunidade. Reforçando que ali operava um vínculo de dependência abrupto. *Leshmania* que parasitando os subjugados infectava-os ao ponto de criar uma dependência de viver. Onde o agente parasitário só morre quando o agente parasitado sucumbe. Sendo que os sintomas podem ser controlados e a vida prolongada, apesar de parasitada. Contudo, a situação na comunidade é menos determinística, e talvez a condução à vontade de morte, caminho ao encontro com o caos, deserto, seja a oportunidade de esboçar um acontecimento transformador e traçar uma linha de vida em intensidade. Uma morte que vivifica, desvia o caminho.

Mas, voltemos ao ponto que paramos, que trata do saudosismo na comunidade.

O Chico Gomes em Versos<sup>42</sup>

*Na nossa comunidade  
Que em um passado foi recheada de glória  
Hoje só resta a saudade  
Do que fora em outrora  
Muitos serviços que tinha  
Do cultivo da terra a outros trabalhos  
Dos realizados na casa de farinha  
Aqueles provindos do cultivo do alho  
A natureza também completava*

*O sustento de famílias com a grande procura  
Por óleo e outros produtos que se encontravam  
Esses que se obtia com a macaúba  
Esses produtos pelo ambiente ofertado  
Era muito utilizado pela comunidade  
Mas pelo industrializado ele foi trocado  
E hoje do mesmo só resta a saudade.*

*É saboroso e cem por cento natural  
Que da macaúba podemos extrair  
Mas infelizmente a mando do capital  
A sua demanda ela deixou de existir.*

*Tínhamos também o algodão  
Que muitos plantavam por aqui  
Seu cultivo muito ajudava a população  
Nos braços que sempre estavam por vir.*

*No começo era tão valioso  
Que por muitos o mesmo era cultivado  
Mas hoje ele faz falta para o povo  
Porque há muito tempo deixou de ser plantado.*

*Há muitas décadas passadas  
Enriquecia o nosso cotidiano  
Sua valia era de tão grande escala  
Que muitos lhe chamavam de ouro branco.*

*A prática “esportiva” também era o nosso forte  
Nos domingos deixava o sítio animado  
Mas quase não se tem mais o esporte  
Atualmente o campo se encontra desprezado.*

*Até os estudos onde muitos se destacavam  
Infelizmente deixou de ser prioridade  
Não sei porque motivo muitos lhe abandonaram*

<sup>42</sup> Feito por um poeta da comunidade (O Filho do Acontecimento), especialmente para compor esta dissertação, e que traduz a forma com que a comunidade é vista por este poeta.

*O qual sempre foi orgulho para a comunidade.*

*Dentre os meios que ainda se tinha  
No enriquecimento da nossa cultura  
Destacava-se naqueles dias  
Um engenho de rapadura.*

*Era através do mesmo  
Que boa parte da população vivia  
Desfrutando dos vários empregos  
E sustentando a sua família.*

*Vários empregos porquê  
A oferta de trabalho era tanta  
Que todos no sítio tinham o que fazer  
Desde o cultivo da cana.*

*Ela era a matéria prima  
Do caldo de cana e seus derivados  
Fundamental para a nossa economia  
Com a oferta de muito trabalho.*

*A produção destacada  
Era de tão grande porte  
Que a rapadura era exportada  
Para o Rio Grande do Norte.*

*Hoje não temos mais engenho  
Nem a cana tem o seu cultivo  
E o nosso desenvolvimento  
Ficou muito comprometido.*

*Lá com os empregos gerados  
Provenientes desse setor  
Pra todos ele tinha trabalho  
Era o efeito multiplicador.*

*Trabalhadores eram mais de cem  
Ofertados de várias partes  
E hoje quase mais não tem  
Na nossa comunidade.*

*Por conta da existência do engenho  
O sítio muito se valorizava  
E agora por falta de movimento  
Abandonaram também a estrada.*

*Ela é de grande valia  
Entre a cidade e nossa população  
E ajuda muito nossas famílias*

*No escoamento da produção.*

*Até a nossa pecuária  
Que muito emprego gerava  
Está muito desvalorizada  
e muitos, pois, não trabalham.*

*A nossa comunidade se vale agora  
Só da agricultura e sua coragem  
Com isso sua vida fica mais espinhosa  
Nos tempos de estiagem.*

*Estiagem esta que muito castiga  
Deixando o agricultor vulnerável e infeliz  
Que tentando muitas vezes mudar de vida  
Vai buscar por melhoras no Sul do país.*

*Finalizando essas minhas letras  
Cito o pé de serra e as suas nascentes  
Que principalmente nos tempos de seca  
Trata-se de atração pra muita gente.*

Há saudosismo em relação ao passado de glórias, mas, aqui há uma questão de perspectiva, e o que parece construir um discurso reativo é tomado por nós como uma elegia, um grande lamento, uma das principais fontes da poesia e que atravessa a boca do poeta como uma inquietude louca. Não é uma tristeza, mas uma reivindicação (DELEUZE, 1988).

*Abolir a escravatura, mas quando abole, quais são as iniciativas para aquela escrava que agora não é mais escrava, no desenvolvimento? Para onde é que elas vão? Qual o salário que elas vão ter? Então o que foi que mudou? Bota duas três quatro na mão de um escravo, de... de... um cidadão e vai trabalhar. Vai! E o que foi que mudou? As condições trabalho como é que tá? A percepção de escravatura e de tal sistema de trabalho e emprego... Então como é que estão... Então o sistema de fato mudou? Então aquela boa parte da população, muita gente necessitava de emprego e de local para morar, [não entendo ], e o que foi que aconteceu? Numa população dessa forma sem informação, continuou. Então a informação... uma população sem educação, tem força de trabalho para ser vendida e que no modelo de desenvolvimento gerado no mundo se aproveita disso (O Renovável).*

Mas, afinal, o que reivindicam?

O lamento é sublime! O queixume popular [...]. São os excluídos sociais que estão em situação de lamento. [...]. Um escravo ainda tem um estatuto, por mais desgraçado

que seja. [...]. Quando houve a abolição [...] não tinham previsto um estatuto social para eles e foram excluídos. Interpretam erroneamente como se eles quisessem voltar a ser escravos! Eles não tinham estatuto. É neste momento que nasce o grande lamento. Mas não é pela dor, é uma espécie de canto e é por isso que é uma fonte poética. (DELEUZE, 1988, p. 43).

Reivindicam um estatuto social que lhes conceda as condições necessárias para que permaneçam no sítio. Isso requer o acesso à propriedade da terra, principalmente. E que possam desenvolver as condições necessárias para trabalhar no sítio, eximindo a dependência do deslocamento para outras regiões do país, ou mesmo da cidade, para que possam encontrar emprego. O que implica ter acesso à água - abundante na comunidade pela existência de diversas nascentes, mas com acesso restringido, inclusive com outorga de órgãos públicos, como a COGERH<sup>43</sup> -, bem como acesso à crédito governamental, que é algo palpável, mas por não possuírem documentação de propriedade não acessam.

Uma das principais atividades produtivas da comunidade na época do auge do agenciamento de poder escravocrata-coronelista era a agricultura. Para tanto, o declínio do agenciamento de poder e o levante da modernização implicaram no declínio da agricultura. Os trabalhadores plantavam, tendo que ceder parte da produção para o patrão, para tanto, o que mantinha o vapor econômico eram as atividades latifundiárias, engenho, plantio e corte de cana, dentre outras. Além de que a inserção nestas atividades era o principal meio de acesso ao dinheiro, que facilitava o acesso às mercadorias.

Estes aspectos, somados: às estiagens; desinteresse da juventude em trabalhar na roça, por maior aptidão à indústria, comércio, construção civil; dificuldade em extrair da agricultura o mínimo necessário para pagar uma diária de em média R\$ 50,00 (cinquenta reais) aos trabalhadores; semiótica da escolarização que implanta nas mentalidades que para conseguir uma sorte melhor que o que a agricultura proporciona é preciso especializar-se através da educação formal para vender sua mão de obra para atividades secundárias e terciárias, constitui uma série de circunstâncias que o mercado cria para aqueles que seguem outro rumo que não o da agricultura. Tudo isto conduz ao declínio da agricultura na comunidade. O que implica trabalhar fora do local que habitam.

---

<sup>43</sup> Afirmamos isto devido um diálogo presenciado entre um morador e um funcionário da COGERH, que arguia o primeiro sobre as pessoas que tinham a outorga de acesso à água para utilização na agricultura, e quais os dias que a água era liberada para cada um. Bem como as pessoas que estavam utilizando a água de maneira ilegal. Não obstante, no decorrer da pesquisa, a mandala desenvolvida pela comunidade ganhou o direito de utilizar a água para produção, o que antes era residencial. Isso é uma conquista, uma vitória, fruto da reivindicação. Para tanto, indica os empecilhos internos na comunidade, os privilégios de alguns em detrimento de outros. Como uma mandala comunitária passara anos utilizando água de forma restringida? Contradições inerentes àquele território, indicador de poder.

Dito de outro modo, a soma de todos estes fatores resulta que o principal fator que lhes atribuíam um estatuto social, o trabalho, enfrenta diversas dificuldades de existência com o declínio do agenciamento de poder escravocrata-coronelista que ali operava. Impulsionando os trabalhadores a encontrarem outras alternativas fora da comunidade.

Mas, antes de prosseguir, no qual discutiremos sobre as alternativas encontradas, daremos passagem a algumas falas sobre o declínio da agricultura na comunidade.

*Arroz, feijão, de primeiro tinha. Dava, sobrava e vendia. Já hoje, nem a maioria dos jovens que é esse negócio de enxada. Com razão né. Porque tem o interesse deles que agora é para escola. Um bocado também não é todos. E os outros não querem porque também não ganha nada, por que ninguém vai poder pagar 40 r\$ 50 em um dia de serviço, na roça? Ai esses a maioria que trabalha que tem coragem de trabalhar, eles estão trabalhando é na construção civil. ganha mais tem mais garantia. e os outros que não tem interesse nem de estudar nem de trabalhar, estão perdidos aí na droga. porque o que é ruim não falta não quem dê. O Contador de Histórias*

*É por que só quer trabalhar um dia e quer ganhar muito dinheiro. E não tem condição não. Não tem dinheiro pra pagar. É melhor pedir... o que Deus tá querendo e pronto. O Alerta*

*Rapaz, hoje não tem mais roça, porque pra começar, a turma não quer mais trabalhar. E os mais velhos que gostavam de trabalhar, Deus já levou, né? Tem uns mais velho que... tem eu, O Contador de Histórias. Hoje não tem como a gente plantar mais como antes. E pra pagar diária não dá, não compensa, né? E aí a agricultura está se acabando. Sorte é que ainda tem essas irrigação por aí... apesar de não ter chuva, né? E a gente, tem o que comprar né? Muito caro, né? Mas tendo um trocadinho dá pra comprar. Mas se não fosse essas irrigação que vem de fora... feijão, arroz... do mercado... ai fica faltando, no campo não tem mais. O inverno também não tá mais como antes, antigamente era 6 meses de inverno. Você plantava no mês de dezembro, e ia quase no outono... era quase no outro ano. [fala algo que não escuto]. Dava pra fazer duas pranta, ai o pessoal tirava o de comer. Arroz, o que sobrava... hoje em ia ninguém planta mais arroz, é tudo comercializado de fora. Até as máquina de pilar arroz já acabou... naquele tempo o pessoal plantava muito arroz... feijão, milho. E outra coisa também... muita mata aí, terra boa pra plantar... hoje em dia a gente não pode plantar em qualquer... cortar pra plantar, né? Os homens não deixam mais. Só a mata, agora ninguém pode mais plantar. Não pode botar fogo... queima assim um matim aqui perto. Roça queima, né? Mas depois disso ninguém pode mais queimar. Tem esses mato aí... mas se for pra plantar é perder tempo, as pernas não ajuda. Hoje tem terra boa e não pode plantar, né? (O Observador).*

Concomitantemente, o que queremos problematizar é que a principal marca e efeito físico do declínio do agenciamento de poder escravocrata-coronelista na comunidade Chico Gomes advém do esfacelamento do trabalho gerando ou impulsionando a vontade e necessidade de sair da mesma à procura de meios de subsistência. Não que queiram a volta das circunstâncias de emprego de outrora, mas ambicionam oportunidades de trabalharem no local onde residem. Sendo que, o principal entrave para que estas oportunidades surjam, remonta ao período do auge do agenciamento de poder escravocrata-coronelista, que implantou e perpetua ao longo do tempo a impossibilidade de acesso à propriedade da terra. Como abrir uma empresa, ou angariar crédito sem propriedade privada ou mesmo garantias? Dificuldades que já são fortes por habitarem um espaço periférico em relação ao grande centro econômico da região, bem como pela alcunha de pobre que o mercado concede a determinada faixa de renda, como justificativa de restringir o acesso a bens, serviços e capital.

Então, as principais alternativas de renda encontradas na comunidade, que observamos no decurso da pesquisa, são três: trabalhar fora da comunidade, mas dentro da região caririense; trabalhar no sul do país ou outras regiões do país; comercialização através de bares.

Sobre o trabalho fora da comunidade, mas dentro da região caririense, as principais oportunidades de emprego advêm de atividades que exijam baixa escolaridade, “*principalmente na área civil, construção civil*”<sup>44</sup> (O Contador de Histórias). Para tanto, há outro segmento notório, educação, sobretudo no que diz respeito à atividade docente na educação básica.

Não obstante, conexo a esta questão do trabalhar fora da comunidade, uma consequência estabelecida, para alguns dos entrevistados, é que se outrora havia uma relação direta entre trabalhar para o patrão e com isso ganhar o direito de morar na propriedade, o não trabalho para o patrão desfaz essa dependência da moradia em relação ao trabalho e passa a ser significada como um favor, reforçando os aspectos de rebaixamento e submissão transcritos anteriormente.

Continuando, uma outra alternativa de emprego pode ser traduzida na canção de Belchior<sup>45</sup>, “pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade, disso Newton já sabia: cai no sul, grande cidade”:

---

<sup>44</sup> “Trabalha mais em construção civil. A maioria trabalha mais em construção, o pessoal daqui” (O Observador).

<sup>45</sup> BELCHIOR. Alucinação. Intérprete: Belchior. In. Belchior, Alucinação. Rio de Janeiro: Polygram, 1976.

*Como eu disse aqui no meu poema, muitos vai pra o sul do país, é o que acontece... para o corte de cana, em São Paulo, naquelas bandas lá do Ribeirão Preto. [...]. Esse ano mesmo tem muita gente lá no corte de cana. Aí não tem trabalho... [pausa]. Esses jovens com uma ruma de filho, mulher. Aí tem que dar de conta de que arrumar trabalho. Esses que não tem filho nem mulher vive por aqui, dá para se virar. Mas quando arruma uma mulher e filho, aí...” (O Filho do Acontecimento).*

Talvez suscite no leitor a pergunta que me sobreveio: mas porquê ir tão longe?

*Você sabe que a nossa economia está muito exigente, o nosso mercado está muito exigente, cada vez mais quer gente preparado para comandar o serviço. Aí a maioria não tem... a maioria aqui não sabe nem assinar o nome. Aí qual é a alternativa? Serviço braçal. O emprego está meio ruim até pra quem tem segundo grau” (O Filho do Acontecimento).*

*Acabou também aquele negócio de plantar roça, a roça quase não existe mais, porque não tem a... porque não tem terra suficiente. Aí eles procuram sua sobrevivência fora. Muitos vão para São Paulo para o corte de cana. Trabalha lá seis meses, um tanto... Aí quando recebe os direitos vem tudo empregar aí... (O Contador de Histórias).*

Paralelo a estas circunstâncias de obter emprego fora, a principal<sup>46</sup> fonte de renda ativa na comunidade, a partir das lentes do cartógrafo, advêm de bares.

*Só tem isso daqui mesmo que eu tenho, que é um barzinho, tem João Caboclo ali, que é um bar... para cima mais um pouquinho tem mais um outro, ali pra baixo da capela, e o outro de Raimundo biola, que é para o lado de cima. Um bucado de coisa só nesse curriculozinho aí (O Contador de Histórias).*

O cartógrafo chega a uma conclusão, é preciso suscitar outras suavidades para que as sensibilidades dos olhares percebam aquilo que pode ser feito para gerar outras formas de renda. Há reações de inconformidade com esta situação, ambicionando outras formas de renda, os entrevistados denotam a vontade de que na comunidade seja desenvolvida atividades produtivas que gerem emprego para que seja rompido o ciclo de evasão para obtenção de emprego. O que poderia ser feito?

---

<sup>46</sup> Há também turismo comunitário, trilhas, rapel, requeridos em visitas de escolas, universidades, turistas. Por não ter sido uma atividade ativada pelos entrevistados, bem como por ser utilizada como uma fonte de renda complementar, menciono-as apenas em nota de rodapé.

Os dias na comunidade enfatizam que muitas formas já são existentes. O principal é acreditar nestas formas! Suscitar nas pessoas a mobilização para uma construção coletiva no plantio na mandala, fortalecimento da casa de sementes<sup>47</sup>, expansão dos quintais produtivos<sup>48</sup>, criação de novos pontos de visitas para os turistas<sup>49</sup>, observar os artífices com habilidade para produção de artesanatos, multiplicar as poesias dos poetas. Contudo, um sonhador sozinho não concretiza realidades coletivas, sendo necessário foco para selecionar os principais meios e não se perder no caminho.

Referimo-nos a um outro cartógrafo que encontramos na comunidade, de nome O Poeta. Muitas são as ideias, muitos são os esforços, muitas as lutas que trava quase sozinho. Muitos dos movimentos pensados para atingir a comunidade. Sua principal marca, a de um líder. Quantos não esperam por uma palavra sua para que se ponham em ação. O cartógrafo percebe o potencial para que tantos outros desenvolvam visões futuristas, de ânimo, alegria, invencionices. Mas, é preciso romper os laços de dependência, passar a pensar juntos, sem esperar pelo dia que chova orientação de como ser feito.

O cartógrafo percebe mais, o melhor meio para que intervenha nesta circunstância é animar aqueles que já sonham. Animar as construções já em curso, mesmo que desativadas. Disparar uma palavra, uma nova ideia, a sugestão de uma pequena mudança ou simplesmente escutar. Nada de sugerir verdades, caminhos, apenas cantarolar: queira acontecer, faça acontecer e acontecerá. Tomemos posse da parte que somos no todo e nos conectemos às possibilidades que podemos acessar para construir desejos.

Por enquanto a realidade coletiva da comunidade é outra, há muita desconexão, individualidade, interesses que conduzem a outras escolhas que fortalecem as forças reativas que operam. São etapas a serem vivenciadas com habilidade para construção de outros valores.

Uma escolha que denota preocupação em todos os entrevistados é a preferência da juventude pelos encontros coletivos nos bares. Talvez a forma mais forte que estimule a participação comunitária. A problemática talvez não seja o ato em si, mas a possibilidade de geração de dependência química, bem como a possível esterilidade destes encontros como meio de problematização das questões internas. Seria esta uma maneira de escape de certos

---

<sup>47</sup> Local onde os moradores armazenam sementes com o intuito de preservar sua matriz genética.

<sup>48</sup> Projeto de plantar no quintal de casa, ou no terreno da moradia. Pequenas hortas que produzem alimentos para consumo pessoal ou para venda.

<sup>49</sup> A comunidade é turística recebendo turistas de locais diferentes. Durante a pesquisa visitantes da França estiveram lá, por exemplo. Existem trilhas a serem percorridas, mirantes no topo da chapada, podendo, inclusive, a realização de rapel. Além disso promovem acampamentos, visitas à mandala, casa de sementes.

sofrimentos ou realidades? Questões inconclusas aqui, mas que serão desterritorializadas em um contexto macro, para que possam ser alvo de problematização.

Enquanto este momento não chega, falaremos de outras questões. É notório o encontro coletivo nos bares, principalmente em finais de semanas, é como percorrer uma cidade fantasma nos dias da semana e mensurar a quantidade de pessoas que residem na comunidade pelos finais de semana. O silêncio dos dias da semana torna-se expressão sonoras nos finais de semana. O canto dos pássaros na chapada se mescla com a sonoridade artificial.

*Aqui quem mais se reúne são os jovens nos bares. Quando chega o final de semana aí tem um monte de gente, tem reunião de todo jeito (A Destemida).*

*Que a comunidade mais se reúne... assim... é... na missa. E nos eventos que a gente faz, da balada coco, que a gente faz... [pausa]. E assim também eles se reúnem muito nos bares... que é praticamente diariamente (A Shaman).*

Mas qual o motivo desta atitude de encontros coletivos em bares preocuparem os entrevistados? Questão que não ousamos responder, mas nos serve como porta de entrada para descrever as seguintes palavras que atravessaram os ouvidos do cartógrafo:

*Aí a gente vê criança com oito, dez anos é sentada em uma mesa de bar. Pode prestar atenção que criança não fica não. Mas por ou por todos esses outros cantos aí criança com o pai, ou sozinha mesmo. Nos barzinhos destes por aí, e laga o pau a beber... pinga, cerveja... usando droga, o diabo a sete. E ninguém reclama. Então o que mais está chamando atenção dos jovens (O Contador de Histórias).*

*Primeiro: a questão de ter o desenvolvimento e práticas que na zona rural não existiam bares, drogas, baladas... esses movimentos aí que já fazem parte do sistema que se aproveitam de boa parte da população que não tem conhecimento, maturidade em relação a essa globalização que se aproveita da população mais frágil em relação a conhecimento. Então é jogar para a juventude uma forma de diversão que para mim tipo é muito forte esta forma, e que desvia todo um pensamento de um projeto de vida de um jovem (O Renovável).*

Talvez mais um impulso de negatividade que busca anular os costumes e hábitos da modernização... não, a questão é mais profícua. Parece que resulta de um caminho de escape de desilusões, faltas, necessidades. Em uns um meio de alívio, em outros um meio de diversão,

alegria. Em todo caso, iremos desterritorializar esta questão e torna-la uma forma de problematizar tudo aquilo que nos gera dependência. Como feito no item seguinte. Advirto, não criaremos uma verdade sobre este tema na comunidade, apenas utilizaremos esta questão por uma via que libere um fluxo de vida.

### ***2.2.2 Marcas e efeitos psíquicos***

Das marcas e efeitos psíquicos do declínio do agenciamento de poder escravocrata-coronelista multiplicam-se sintomas reativos de desconexão, um desgosto potencializado que gera processos de drogatização, isolamento/desilusão, segregação ou condicionamentos subjetivos ao êxodo.

O desgosto carrega em si um estado de inconformismo, uma vontade de mudança. É como sobreviver em uma circunstância dolorosa, amarga. Suportar uma dor, mas querer que ela acabe, passe. Há doses homeopáticas para que suportemos carregar uma dor, bem como há movimento que esboçam um escape, uma fuga, construir uma saída. Um limiar que pode fazer escapar um fluxo de transmutação, mas que corre o risco de ingressar em um processo de abolição, morte, autodestruição. É que quando há um movimento de fuga, nos desfazemos daquilo que nos constituía, nosso EU, e que nos mantinha territorializados, seguros. Quando nos desterritorializamos precisamos de prudência e constituição de outros modos de existência, reterritorialização, pois a pura desterritorialização em si pode se reverter contra nós e ocasionar uma autodestruição. Perigos de quem implementa uma linha de fuga (DELEUZE e GUATTARI, 2012).

Consideramos que os processos de drogatização, bem como os condicionamentos subjetivos que induzem os moradores à evasão da comunidade, fazendo-os crer que essa é a via para se melhorar de vida, podem se constituir como movimentos de escape da situação de desgosto, enquanto os processos de isolamento/desilusão e segregação, implementam movimentos de interiorização do desgosto, como que um auto flagelo. Ambos com potencial de gerar fragmentação e destruição.

Iniciando com os processos de drogatização que desenrolam-se na comunidade, atentemos para a fala seguinte:

*Num tempo desse para se virar, se os pais não quiserem que os filhos busquem melhora em outras regiões, aí fica complicado. Aí eles não veem outra saída e se envolvem com droga, com... a*

*tendência é esta, né? Procurar... o estudo que é bom... (O Filho do Acontecimento).*

Disto é possível extrair duas visões, que abordaremos ao longo do texto, por um lado há uma “visão derrotista, com uma abordagem da droga como algo que estaria expressando a falta. [Contudo,] existe aí também uma micropolítica ativa, uma micropolítica de apreensão de si, do cosmos e da alteridade” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.253). Em todo caso o problema da droga remete à questões sociais, um conjunto de fatores que em alguns casos culminam na dependência, pois “não há exemplo de drogatização que dependa de uma única coisa” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.252).

Para tanto, antes de adentrarmos nestas questões, tanto da droga como uma linha suicida, que remete a questões de ordem social, somadas e que impelem corpos a utilizarem a droga pela droga, gerando dependência, como a droga como uma experimentação que quando não utilizada por si mesma possibilita novas conexões e que podem gerar um fluxo de vida. Um meio que desconecta de uma via sôfrega possibilitando outras conexões, sem que haja a dependência de utilizar a droga para escapar de certos sofrimentos. Ou seja, a droga seria uma experimentação temporária, que possibilitaria chegar em outras conexões, pois ela atuaria naquilo que Spinoza (2016), atenta: eliminando a excitação de certas partes do corpo, que nos mantêm presos, e assim nos possibilitando encontrar outras formas de ser afetado.

Mas antes, expurguemos as mitologias que se seguem e que tratam deste problema:

*Aí, nesse tempo aqui, do engenho, não existia essas coisas de... pelo menos aqui no sítio, né. Não existia essas coisas de droga. Rapaz, aqui a droga, o comércio de droga tá muito pesado. Eu não sei se existe uma correlação direta, mas com a desativação do engenho, a falta de trabalho aqui, onde muitos vão para o sul do país cortar cana, aí muitos dizem que eles aprenderam esse negócio da droga lá e depois trouxeram pra cá. Mas eu não sei se -este negócio realmente aconteceu... outros dizem que não, que... (O Filho do Acontecimento).*

*Vem a prostituição, vem o uso de droga... um bocado de coisa... porque já tem o problema de não ter o sustento no seu canto que mora. Aí vai buscar fora, aí lá já tem também. Aí já vai aprender a fazer o que não presta. Aí chega aqui senta numa boca daquela e e diz: Zé vamos uma coisa que eu vi assim em tal canto. Aí vai. E os outros que não tem interesse nem de estudar nem de trabalhar, estão perdidos aí na droga. Porque o que é ruim não falta não quem dê (O Contador de Histórias).*

Atentamos que é arcaico imaginar que “as pessoas entram na droga por causa de ‘má influência’ [...] ou escutam os chavões do tipo ‘é porque se começa com as drogas leves, que se acaba chegando nas pesadas’, ou ainda se incriminar a ‘época atual’ e o desespero ao qual ela condena os jovens” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 252):

Trata-se mais de algo que envolve um certo tipo de fenômeno probabilístico. Um só componente nunca dará um quadro singular; um meio social ou familiar que secreta um certo "abandonismo"; um contexto de deriva social, combinado com certo espírito de recusa dos valores dominantes; um terreno de "prematuração" biológica; um certo modo de oralidade; uma predisposição à reviravolta narcísica; impasses objetivos... cada um desses fatores, tomado isoladamente, pode ter sido um baque - que, no entanto, não teve grande alcance. Mas todos esses componentes acumulados podem dar consistência a uma mutação de personalidade; eles podem transformar os universos de referência de uma subjetividade - produzir um outro sujeito, um outro indivíduo. [...]. Só uma conjunção contingente, "probabilística", de fatores heterogêneos pode engendrar tais ultrapassagens de fronteiras e acarretar remanejamentos de personalidade. Poderse-ia até dizer que é por definição que uma multiplicidade de fatores deve ser posta em jogo, para que haja efeito subjetivo de transformação ou de invalidação (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 253).

Sob esta perspectiva o processo de drogatização resulta de um conjunto de desgostos que apesar de terem uma aparência individual, é uma expressão de problemáticas sociais, de um contexto. Mas o que queremos dizer é que a soma das marcas e efeitos descritos ao longo deste capítulo podem conduzir a este processo. Como um meio para superar angústias, sobreviver, ter momentos de gozo, escape, vislumbrar outras subjetividades.

Contudo, este processo não é fatalista, o que significa dizer que deva recair necessariamente em uma invalidação. A questão da droga é um liame que se coloca entre uma experimentação vital (micropolítica ativa onde o desejo investe diretamente na percepção, fazendo vislumbrar novas suavidades) e empreitadas mortíferas. (DELEUZE, 2016).

A experimentação vital é quando uma tentativa qualquer lhe pega, se apodera de você, instaurando cada vez mais conexões: tal experimentação pode comportar um tipo de autodestruição, ela pode passar por produtos de acompanhamento ou de arrebatamento, tabaco, álcool, drogas. Ela não é suicida, porquanto o fluxo destruidor não se assenta sobre si mesmo, mas serve à conjugação de outros fluxos, sejam quais forem os riscos. Porém, a empreitada suicida, pelo contrário, é quando tudo está assentado sobre este único fluxo: meu tiro, minha sessão, meu copo. É o contrário das conexões, é a desconexão organizada. [...] a droga existe pela droga e suscita um suicídio estúpido (DELEUZE, 2016, p. 160).

Por fim, havendo a possibilidade de escolha entre as formas de ser afetado para delinear uma linha de fuga às questões dolorosas que a vida às vezes nos impõe, é adequado escolher aqueles que não nos coloquem em risco de esboçar um projeto mortífero. Nunca se

sabe qual será a dose fatal. Sendo assim, é adequado escapar do processo de drogatização, pois apesar de possibilitar novas conexões, propicia um perigo eminente de esboçarmos uma linha suicida. E há outros meios de ser afetado que gerem conexões múltiplas. Os observados, primordialmente, na comunidade são relativos aos movimentos do grupo Urucongo.

Outrora, quando do auge do agenciamento de poder escravocrata-coronelistas as linhas de fuga eram esboçadas através da execução de ações, advindas da arte, nos grupos de reisado, coco, nos adjuntos, cantigas<sup>50</sup>, que fortaleciam as mentes e músculos para enfrentarem a jornada de trabalho, combater os sofrimentos. Parece-nos que hoje na comunidade Chico Gomes os hábitos de tédio conduzem a juventude a ser capturada por processos de drogatização. Todavia, qualquer que seja a situação é preciso termos mais acuidade social com nossos jovens e crianças<sup>51</sup>, uma vez que estão em situação de vulnerabilidade.

Portanto, este esfacelamento do coletivo deve ser combatido, tais como o processo de isolamento e desilusão que ocorrem na comunidade. Questões que são nocivas e enfraquecem aquilo que unidos podem conseguir, através das lutas e movimentos de resistência.

---

<sup>50</sup> O Reisado, Coco são expressões culturais de dança, música, com características religiosas e folclóricas.

<sup>51</sup> Como atenta o poeta no poema abaixo:

*Juventude*

*Fraternidade e Juventude*

*Eis o binômio pedido  
Tão implorado pela sociedade  
Que em 2013 foi pedido  
Para a campanha das fraternidades*

***Nossa Juventude vive sem rumo  
Como uma folha seca levada pelo vento  
Trilhando o nosso desenvolvimento  
Pois o jovem é aquela semente  
Que quando criança entre nós foi plantada  
Se vive sem trato e muito carente  
A sociedade será castigada  
E harmonia que era para existir  
Termina indo para o espaço  
A fraternidade entre os jovens deixa de existir  
E o desejo de muitos é fracassado***

*Se a juventude for bem preparada  
Sem ser explorada pelo nosso sistema  
A sociedade será bem comandada  
E todos terão a sua recompensa  
Porém, se o binômio destas palavras  
Não receber o apoio que é necessário  
As autoridades terão cometido uma falha  
Onde rios de lágrimas serão derramados  
(O Filho do Acontecimento).*

Além do que as territorialidades construídas de forma coletiva são um meio possível para a ativação de modos de afecção que os façam afirmar a vida ao invés de invalidá-la.

Outro sintoma reativo que desconecta e corta os fluxos de composição na comunidade é o isolamento entre as pessoas, sobretudo entre os mais idosos. Questão que aqui é transcrita como uma marca e efeito psíquico que foi produzido no declínio do agenciamento de poder, mas que não, necessariamente, seja resultado deste.

Apesar de não ser uma regra entre todos, durante a pesquisa era comum se ouvir pessoas citando outras com alegria, admiração, como tendo um forte laço de amizade. Contudo, aprofundando o diálogo era mencionado que a última vez que havia visto aquela pessoa já fazia dias, meses, até anos. Recordando um diálogo presenciado em um encontro coletivo, em uma oficina de aprendizagem para produção de turbantes, o cartógrafo presenciou uma fala entre duas mulheres, que eram vizinhas, na qual foi possível abstrair que as mesmas há muito não se encontravam.

Mas o que notamos durante a pesquisa é que havia inúmeros pontos desconectados, com enorme potencial de formar uma rede. Com isto, ao longo da pesquisa fomos estimulando os olhares um para os outros, reconectando vínculos desativados, estimulando encontros. Dando ideias para que nos movimentos coletivos já existentes fossem colocados na roda outras pessoas. Além de estimular encontros impessoais, com outras ideias, livros, músicas...

Sacudir as poeiras que nos sujam, causando-nos uma apatia ao encontro com o outro. A questão é que o isolamento produz tristeza em muitas faces que cruzamos, apesar da vontade de que o ânimo fosse reavivado naqueles que se abatiam.

É preciso lembrar da fórmula de Deleuze e Guattari (2014, p.64): “o perigo [...] [é] o fechamento de toda saída, a toca entupida por todo lado. O medo. [...]. A gente faz se reedipianizar, não por culpa, mas por fadiga, por falta de invenção, por imprudência do que desencadeamos, por foto, polícia”.

*Esse jeito que a gente tinha, esse movimento que a gente tinha, de fazer isso quase não se ouve mais falar disso hoje (O Contador de Histórias).*

*É... hoje em dia ninguém festeja mais nada (A Destemida).*

*É tudo diferente. Antigamente quando chegava aqui era uma animação medonha. Era... muita gente brincava aí... Hoje é... muita... o povo quase não sai é de casa. No mundo tá tudo diferente (O Alerta).*

Parte deste desânimo, que impele as pessoas a se isolarem, que gera um processo de desilusão, advém, por exemplo, da morte do devir criança em cada um. Uma naturalização dos problemas na comunidade, um ato de desacreditar nas mudanças. Ou acreditar numa mudança que seja demorada e complicada demais, impedindo que seja observado a importância da simplicidade, o impacto das coisas simples, e que isso pode gerar grandes revoluções internas<sup>52</sup>. Desilusões que se materializam nas falas abaixo. Com a devida vênua do leitor, faremos um trocadilho em cada fala transcrita, expondo abaixo uma pergunta que desloque o limite criado.

*Nessa idade a gente não tem mais sonho pra realizar. Tempo. O que Deus deu pra gente já dá pra ir levando a vida pra frente (O Observador).*

[O que mais é possível na idade que estou que me possibilita enxergar o mundo de outra forma, ou mesmo realizar coisas que nunca fiz, mas que eu nunca considerei antes?].

*Desacredito, desacredito atenção a permanência neste sentido sem acesso à informação. Mas acredito na mudança a partir do momento em que o indivíduo é estimulado a isso. Eu entendi de você querendo saber ele por si só. A busca pela visão de uma outra oportunidade fica difícil, se eu tenho uma população que está atrelada apenas aquela forma de pensar... porque na verdade quando já tem alguma população que ela já é instigada a manter aquela rotina em relação a... para eles terem uma mudança de hábito e achar uma outra oportunidade de trabalho, de trabalho independente, é muito difícil. Eu acho muito difícil. Se eu tenho uma população que está que vem nesse enraizamento e permanece numa atividade contínua, e que não é estimulado de forma alguma mudar seus hábitos, sem ter acesso a nenhum sistema que faça pensar. Como é que essa população vai ter a percepção de uma oportunidade individual e de desenvolvimento? Então o que você espera que uma população saia de sua zona de conforto, entre aspas, para buscar uma outra oportunidade. A oportunidade que vê é a oportunidade de ganho imediato. A única oportunidade que se ver é a venda da sua força de trabalho. A única oportunidade que elas veem é vender a força de trabalho em uma outra atividade. Tu tá entendendo? É manter ativa a venda da sua força de trabalho para poder ter retorno imediato (O Renovável).*

[O que mais é possível para suscitar revoluções moleculares que não através da utopia de uma sociedade instruída?].

---

<sup>52</sup> “As perguntas das crianças são mal compreendidas enquanto não se enxerga nelas perguntas-máquinas” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p.44). Aprender com as crianças, que colocam tudo em funcionamento. Onde cada encontro é novo e inusitado, causando surpresa, alegria. Emergir um devir-criança, que pretende liberar fluxos de desejo e criatividade, maquinando novos mundos, realidades. Por isso, é tão evidente que não deixemos morrer nossas crianças internas.

É preciso extirpar os fluxos de desânimo que nos conduzem a desacreditar ou mesmo a acreditar em vias únicas, estas ferramentas nos rebaixam frente ao que é possível. Há sempre algo possível a ser feito, mesmo que seja preciso aguardar o momento, o instante mais adequado. Mesmo que aguardar o por vir. Aliás, é preciso adiantar o relógio para que muitas mudanças possam suscitar.

A normose da mudança via instrução é recorrente, mas precisamos de outras vias. Há todo um campo de micropolítica ativa a se agenciar. Somos condicionados a pensar, numa iniciação que se desbobra da creche até os mais altos níveis de escolarização, como um importante meio para mudar o mundo, somos uma sociedade da instrução. Como diria Nietzsche (2014, p. 51): “mais um século de leitores, e até o espírito terá mau odor”. Há todo um campo da sensibilidade a se descobrir.

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. [...]. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (DELEUZE, 1992, p. 218).

Desviamos o olhar da questão da consciência, ou mesmo da percepção de que alguns detém a consciência enquanto outros não. “Não é mais uma questão de um operariado a quem bastaria tomar consciência” (DELEUZE, 1992, p. 213). Essa visão míope é combatida aqui por, dentre os quais, criar uma segregação. Como que criando o imaginário de que haveria um grupo seletivo de conscientes que detém uma sabedoria difícil de se alcançar e que deveriam ajudar aqueles que não a possuem, indicando os caminhos a serem seguidos, ou desenvolvendo o sentimento de superioridade, ainda que velada.

De modo variante isto ocorre na comunidade Chico Gomes. Havendo indícios de segregação nos discursos constituídos no grupo Urucongo, de onde percebemos a indicação de que a inconsciência estaria localizada nos não-participantes do grupo. De outro modo, a segregação se manifesta também na repartição discursiva entre antigos e novos moradores da comunidade. Sintetizamos estes apontamentos em algumas falas, que serão utilizadas como um meio de passagem para problematização. Inicialmente citaremos duas falas de um mesmo entrevistado, transpondo a suposta consciência que o grupo Urucongo detém:

*Enquanto nós lá estamos com consciência, Tentando mudar a consciência dos jovens em relação a essa percepção, Lá fora, nem precisa ser lá fora não, em casa mesmo com a televisão, o rádio, a mídia, uma música, né... então é uma forma assim de barrar e praticamente ter a população que está aí fora fora da linha em relação à percepção de mundo de desenvolvimento, ela fica totalmente susceptível a isto, suscetível a isto e para o sistema é bom porque tudo que o sistema mandar fazer eles vão fazer por quê, Porque a população tem uma certa... dançar conforme a música. E de fato é isto ficar submisso é uma questão de se mover como se fosse uma marionete. Então a população quando ela tem esta abertura, chega ao ponto em que está hoje, que já acontece, que aconteceu hoje né. Todo momento de desenvolvimento atrelado a esta questão, vem esta questão da submissão da falta de informação (O Renovável).*

*Então é uma população que não teve acesso à informação. [...]. Não tem grandes revoluções para acontecer, se são necessárias (O Renovável).*

A invenção é que o grupo Urucongo detendo um grau de consciência mais elevado em relação à média da comunidade, deveria estender a mão para abrirem suas mentes, fazendo-os adquirirem a consciência que julgam ser necessária. Além disto, havendo a necessidade de que, para que haja a mudança que se espera, toda a comunidade adquira o nível de consciência que o grupo possui. Como se o fato de não terem conseguido realizar as pretensões, que a comunidade tanto almeja, fosse resultado, dentre os quais, do coletivo não ter um determinado nível de consciência.

De outro modo, o processo segregacional se manifesta entre os antigos e novos moradores. Como se os novos habitantes fossem culpados de determinadas mudanças de hábito na comunidade, ou mesmo que tenham trazido aspectos problemáticos que antes não existiam. Ainda argumentando sobre este ponto, recordamo-nos de um diálogo presenciado, onde um morador dito antigo falava sobre os conflitos internos devido a questão do acesso à água, reprovando os novos moradores por reclamar da dificuldade de acesso à água. Como se suas reclamações fossem incoerentes. Além do mais, reprovando àqueles que se apropriavam da água sem autorização. Manifestando de modo geral que os novos moradores diminuía a média *per capita* de acesso a água.

*Mesmo um pequeno povoado como este daí... já vem gente que é acostumado a fazer isso. aí já vai colocando mau costume nos outros filhos, que não sabiam aí abriu os olhos para ver aquilo, gostou e pronto. Por que vem a prostituição, vem o uso de*

*droga... um bocado de coisa... porque já tem o problema de não ter o sustento no seu canto que mora. Aí vai buscar fora, aí lá já tem também, Aí já vai aprender a fazer o que não presta. Aí chega aqui senta numa boca daquela e E diz : Zé vamos uma coisa que eu vi assim em tal canto. Aí vai. O Contador de Histórias*

*Eu num sei se, se valia a pena a gente fotografa assim, essa vilinha aí. Que ninguém sabe, talvez nunca imaginou de acontecer de ser povoado dessa maneira, né ? Mas acho que seria né? sinceramente eu achei bom por uma parte, porque agente vê que o lugar da gente por uma parte ela tá melhorando, mas já tem aquele negócio de aumentar a população, aí “lai vai” a depredação, né ? aí fica meio chato. Mas é isso aí, eu acho difícil, se a gente fosse fotografá, mesmo assim, a gente tem que admitir... que é progresso, né? (O Contador de Histórias).*

Em suma, o que queremos dizer é que há um processo segregacional em desenvolvimento na comunidade, sendo visível quando se manifesta separando a ala dos conscientes e dos inconscientes que precisam ter os olhos desvendados, como entre os moradores antigos e novos, demonstrando que há conflitos internos.

Parece-nos que os sintomas reativos que marcaram a comunidade por décadas, crivaram os corpos, programando-os com a lógica senhor/escravo. Diante disto, aproveitamos a oportunidade para desterritorializar esta questão e problematiza-la.

Para Nietzsche (2002) o escravo é aquele impotente à ação, mas que institui-se nas reações. Como tal, necessita da negação como meio de constituir seus valores. Não é uma questão de posição, mas de disposição, atitude frente à vida. Não sabem ser mestres de si, precisam, antes, negar os valores dos seus mestres para criarem os seus. Assim se dá seus pressupostos de mau, antítese do bom dos seus inimigos. Moral escrava. “O homem rancoroso medita continuamente no inimigo, cria-o, concebe-o como ‘milagre’, como antítese do bom, de si mesmo”.

A questão é que o homem escravo se vê inferiorizado, e tende a perpetuar essa lógica de hierarquias, inferiorizando, quando possível, àqueles que estejam em uma situação de menor privilégio que a sua. “Não basta tomar o poder para ser, como diz Nietzsche, um ‘senhor’. Com frequência são justamente os “escravos” que tomam o poder, e que o mantêm, e que permanecem escravos ao preservá-lo” (DELEUZE, 2002, p. 146, 147).

É que a o ressentimento marca esta lógica, aprisiona as vidas no poder e perpetua uma lógica binária, onde o sonho é percorrer de um polo a outro. Mas isto não destrói o sistema, apenas o prolonga mudando as engrenagens.

O desejo que qualquer um tem pelo poder é somente sua fascinação diante dessas engrenagens, sua vontade de fazer funcionar certas engrenagens dessas, de ser ele mesmo uma dessas engrenagens – ou, na falta de coisa melhor, por ser material tratado por essas engrenagens, material que é ainda uma engrenagem à sua maneira (DELEUZE E GUATTARI, 2014, p. 103, 104).

É preciso atentar para estas vontades de poder, bem como as manifestações que nos induzem a crer que temos privilégios frente aos outros, pois só a moral escrava é que tem essa necessidade de se afirmar rebaixando o outro.

Em toda parte, onde encontrei a vida, ouvi falar de obediência. Tudo o que vive obedece. E eis o segundo ponto: manda-se naquele que não sabe obedecer a si mesmo. Tal é frequente entre os vivos. O que eu aprendi em terceiro lugar: foi que mandar é mais difícil que obedecer. Não somente porque aquele que manda assume a carga de todos os que lhe obedecem, e que esta carga arrisca esmagá-lo, mas porque reconheci que mandar comporta uma aventura e um risco, e cada vez que manda, arrisca a vida. E até quando é ele mesmo a quem manda, não escapa à expiação. Torna-se fatalmente juiz, vingador e vítima de sua própria lei. [...]. Prefiro perecer a renunciar a essa única aspiração; e, na verdade, quando se ver morrer os seres, e cair as folhas, é que a vida se sacrifica... pelo poder (NIEZSCHE, 2014, p.148, 149).

Concomitante, problematizamos uma outra marca presente na comunidade. É forte a aptidão para o êxodo da comunidade em busca de melhorias. Como que programando a percepção para que vislumbrem que apenas saindo da comunidade haja mudança de vida.

*Quando a gente organiza... esse conhecimento que está na memória do coco aí as pessoas começam também a olhar pra o local já com outro olhar. Lá as pessoas tinham vergonha de dizer que moravam lá.. a maioria das pessoas tinham vergonha, os jovens a formação era para sair de lá. Inclusive meu irmão, meu irmão mais velho, ele foi o primeiro filho de trabalhador a cursar uma universidade e se formar. Isso em 89 eu acho, 88 ou 89. E eles foi dá aula lá em Rondônia, e assim, era sempre assim. O sonho das pessoas eram sair de lá. E quando meu irmão saio aquilo... a minha mãe sofria muito porque era o filho mais velho, e ela tinha uma ligação muito grande com ele, e meu pai sofria muito, e aquilo me deixava... é... incudado, porque que a gente não pode se formar e ficar por aqui, tentar... e aí, hoje quando eu vejo, hoje eu vejo lá pessoas tirando foto das belezas, porque é uma coisa que a gente queria mostrar pra comunidade, a... a beleza do lugar, a boniteza do lugar (O Poeta).*

*Por que as pessoas não podiam permanecer lá. Primeiro, porque, as pessoas que ficassem lá eram obrigadas a trabalhar na fazenda, trabalhar pra um terceiro, né? E aí o que essas pessoas ganhavam era muito pouco. E a relação de opressão era muito grande, por isso que as pessoas queriam sair. O sonho era sair. Porque existia essa relação de exploração da mão de obra, relação*

*de opressão mesmo. E por isso as pessoas se formavam para sair dali, sair daquele local que tinha muita dificuldade (O Poeta).*

*Essa questão de querer sair de lá se tornou uma coisa cultural, que pra reverter isso vai demorar muito tempo, porque as pessoas acham que não é possível conseguir, conseguir a terra a água, as condições adequadas para viver bem lá. E essa é uma questão cultural e que a gente avançou muito pouco em relação a isso. Embora tenha alguns passos, mas ainda é um desafio muito grande. É... então as mudanças são muito poucas (O Poeta).*

Esta marca resulta de todas as outras marcas. Como se, mau comparado, fosse um estado de metástase em um canceroso, programando as pessoas para que desde pequenas observem que um dia terão que sair da comunidade em busca de melhorias. Como se houvesse duas certezas na vida, uma de morrer, a outra de evadir-se. Para tanto, este estado de metástase das marcas, gera também o desenvolvimento de um olhar de rebaixamento em relação à própria comunidade, que passa a ser observada como um lugar ruim para se viver. Mas como intervir neste estado de metástase? Talvez esta seja a principal questão deste estudo, que busca nas próximas páginas, mostrar os encontros que foram desencadeados para gerar novos afetos e fortalecer os movimentos de afirmação de vida.

Nas páginas que se alongam até aqui, quisemos apenas demonstrar as marcas produzidas durante o desenrolar da comunidade, apesar de em determinados momentos pincelar intervenções na percepção. Recomendamos ao leitor que não entenda que estas páginas postulam verdades sobre as marcas e efeitos transcritos. Quando citamos estas marcas e problematizamo-as, geramos novas afecções discursivas a partir das mesmas, quisemos, dentre os quais, afetar os leitores, além de nos afetar com o texto. Tudo até aqui é um indicativo de um olhar voltado para os sintomas reativos que impelem a vida, mas que podem ser dobrados, a depender da astúcia de quem os percebe. Quisemos fazer desta pesquisa um grande campo de experimentação, tanto prática como teórica, pensando em fortalecer os processos de afirmação de vida. Questão esta que ganhará impulso nas próximas páginas.

### 3 MOVIMENTOS DE AFIRMAÇÃO DA VIDA NA COMUNIDADE CHICO GOMES

No giro da vida, às vezes, caímos atirados ao chão, como bicicleta desgovernada guiada sem as mãos. Criança encantada provocando alegria, sem mensurar os perigos de desafiar a solidão. Mar, onda, corda bamba, expande sabedoria da vida, que encontra no silêncio uma mão estirada aos braços do infinito. Que já não sabe negar, apenas puro afirmar, o que possibilita encontrar brilho a fustigar. Entre soluços, solucionar!

Os fatos que nos sobrevêm na vida, às vezes, são duros. Mas e se o brilho de viver não dependesse daquilo que nos ocorre, dos acidentes? E se mesmo diante a pior circunstância, intempérie, nos guiássemos a partir de uma perspectiva ante o fato, e não pelo fato? Fazer da vida um acontecimento. Querer não o que ocorre, mas algo no que ocorre. “Um amor à vida que pode dizer sim à morte” (DELEUZE e PARNET, 2004, p. 84).

Contudo, a vida não é a bestial vontade de afirmar uma positividade, mesmo em tempos onde o modismo é o pensamento positivo. Como se bastasse. É preciso muito mais. Afirmar a vida não é “carregar, assumir, suportar uma prova, encarregar-se de um fardo, [...] ao contrário, desatrear, livrar, descarregar o que vive. Não carregar a vida com o peso dos valores superiores, [...] porém, criar valores novos que façam a vida leve ou afirmativa”. A vida deve ser criada, não aproveitada, suportada, carregada. Ante qualquer circunstância. Para uns que haja mais esforço, para outros menos. Cada um com seu campo de possibilidades (DELEUZE, 2011, p.134).

Esse é o grande movimento de afirmação da vida, criar. Criação que não é separável dos perigos e mortes que devemos passar para liberá-la. Fazer existir novas populações, criar

novos espaços tempos e a nova terra que a eles correspondem. Uma alegria de dentro em contato com o fora no qual se nutre e recria incessantemente (LAPOUJADE, 2015).

Nesta perspectiva é que falamos de movimentos de afirmação da vida na comunidade Chico Gomes, sem, contudo, julgar, enquadrar qualquer que seja o movimento. Verificar seu grau de afirmação. Basta-nos o movimento. Tudo aquilo que nos fora apresentado, discorreremos nas próximas páginas, mesmo que, em alguns casos apenas citemo-nos.

Antes, um suspiro. Cruza a mente do cartógrafo uma imagem. Enquanto o suor pingava no solo árido, aproxima-se uma matilha, cães guiados por seu líder, em cima de um cavalo. Pareciam ir à caça. Dentre todos, havia um que se destacava, não por possuir três entre quatro patas, mas pela astúcia e atrevimento. O único que demonstrava destemor e enfrentamento, demarcando seu território. Para nós, um exemplo de acontecimento. Que naquela tarde não fora o único.

Metros adiante, quase sendo atropelados, fomos surpreendidos com uma beligerante bicicleta guiada prudentemente, mesmo que em alta velocidade, por um filho do acontecimento. Descrevemos. O solo era arenoso, exigia habilidade para manter-se equilibrado sob as duas rodas. A poeira levanta, pedaladas firmes, com direito a um pequeno toque no freio para desviar de transeuntes desatentos. Passa tão rápido que não os vemos sumir. Mas não tão rápido que não me fizesse perceber um detalhe. Na condução de duas mãos aquele artifício já seria louvável, mas o filho do acontecimento, guiava com uma mão, pois a outra inexistia.

Ficamos emudecidos. Paramos nosso cavalo de rodas e contemplamos o silêncio que estas duas cenas nos produziram. O que fizeram? Um afirmou suas três patas, outro a sua mão. Pois lamuriar e criar para si uma falta embargaria seus movimentos de afirmação da vida.

Os exemplos se multiplicaram ao longo da pesquisa. Dos que tivemos oportunidade de vislumbrar, dois serão destacados aqui. O primeiro, o trabalho do grupo de artes Uruongo. O segundo, um poeta do acontecimento, O Filho do Acontecimento. Para tanto, para que cheguemos até eles, devemos citar um conjunto de causalidades, anteriores a estes.

Iniciaremos com os movimentos feitos espontaneamente, pautados na solidariedade. Uma construção coletiva, vida comunitária. Destes movimentos destacaremos três: por um lado, o trabalho em sistema de mutirão, que articulava toda a comunidade; de outro, os movimentos culturais sonoros, que suscitavam da aptidão ao ânimo, diversão; por fim, pessoas que são aclamadas na comunidade, pela determinação e força.

Feita esta etapa, passaremos aos movimentos de afirmação articulados para construção de identidade, territorialidades e evocação de ancestralidades. Três movimentos serão destacados, com ênfase para o último: o primeiro diz respeito ao papel da educação na

criação de novos universos de referências na comunidade; o segundo, como consequência das percepções geradas pelo primeiro, a construção de movimentos sociais; o terceiro, a construção de uma máquina de guerra chamada Urucongo. Paralelo a tudo isto, arrola-se um movimento individual, isolado, através da poesia. O Filho do Acontecimento, faz de um acidente em sua vida, um acontecimento.

### **3.1 A solidariedade como movimento de afirmação da vida na construção coletiva da comunidade Chico Gomes.**

O acaso reservou ao cartógrafo a não concretização de planejamentos, a não realização de encontros agendados, uma série de desencontros. Provocando pequenas desterritorializações e o estímulo a movimentos outros no território-pesquisa. Tateando o espaço como em um labirinto, encontrando o imprevisto, fomos afetados por formas que enriqueceram a sensibilidade ao lugar, às pessoas, descamando nossas cascas e tornando-nos mais sensíveis ao toque de um olhar, de um gesto, de uma palavra. Coisas que a normatização e a estruturação comprometem. Foi estupendo passar por este processo.

Diante disto, percorrendo o território como que perdido, fomos impulsionados ao contato direto com pessoas desconhecidas, mas que apresentavam uma grande atitude, o acolhimento. Algumas sequer esperavam o contato. Logo ofereciam uma cadeira, água, refrigerante e conversavam assuntos que diziam respeito ao seu dia-a-dia. Éramos recebidos como amigos. E quando tardávamos em retornar, recebíamos um recado de uma outra pessoa ou escutava diretamente que passasse qualquer hora para manter um diálogo.

Durante a pesquisa, pudemos compreender que no passado da comunidade, quando do auge do agenciamento de poder, essa atitude solidária, com forte perspectiva de construção coletiva, tanto em torno do trabalho, como de movimentos culturais, festividades, era a principal forma de criar outros mecanismos que tornassem a vida mais suave. Eram submetidos a um sistema de opressão, que os impeliavam a passar por tantos sofrimentos, sacrifícios, mas desviavam o olhar e criavam circunstâncias outras.

A solidariedade não era algo forçado, mantido para suportar as circunstâncias de vida. Era uma força que permeava o modo de vida da comunidade e que atravessava o tempo, sendo anterior à instalação do agenciamento de poder escravocrata-coronelista na comunidade. Desenvolvia-se no meio do poder que ali operava, mantendo sua dinâmica própria, abrilhantando as percepções das pessoas. Eram naturalmente solidários, risonhos, festivos, uma subjetivação outra à máquina de captura do engenho.

Vibrava essa aptidão à conexão, como que enredando uma teia de aranha coletiva, apta a receber todos. Nada era forçado, pensado, era feito espontaneamente, como que sendo o modo de existência daquele povo. Como talvez seja esse o modo de vida para uma tribo.

Dois aspectos atravessaram a boca dos entrevistados com brilho, quando rememoravam esse período. Era uma construção coletiva que se delineava em duas principais vertentes: tanto no trabalho, que reunia as pessoas com o objetivo de ajudar as demais no plantio, colheita, construção de casas, reparos da estrada; como nos movimentos festivos, dançantes, pois eram vibrantes, animados, divertidos e se reuniam para abrilhantar a vida. Tinham um ritornelo sonoro característico, pautado no Reisado, Coco e Banda Cabaçal. E que se manifestava em todos os aspectos de suas vidas, seja no trabalho, nas datas festivas, comemorações.

Ora, os componentes vocais, sonoros, são muito importantes: um muro do som, em todo caso um muro no qual alguns tijolos são sonoros. Uma criança cantarola para arregimentar em si as forças do trabalho escolar a ser feito. Uma dona de casa cantarola, ou liga o rádio, ao mesmo tempo que erige as forças anti caos de seus afazeres. Os aparelhos de rádio ou de TV são como um muro sonoro para cada lar, e marcam território (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 122).

Partamos para algumas falas dos entrevistados, inicialmente discorrendo sobre a solidariedade mantida na construção coletiva do trabalho:

*Adjunto era isto, chegava um dia de segunda-feira, aí ajuntavam os 20 e 30 camarada que vinham só para, beber e jogar conversa fora... aí naquele dia a gente aproveitar e dizia Ei vamos botar um adjunto. aí já sabia... tu vai fulano, tu vai fulano? Ajuntava 20 30 40, Tudo Novo... aí já sabia no dia marcado juntava todo mundo na casa, tomava café Ia para a roça. Se fosse pra plantar se fosse para brocar, tudo era desse jeito, ninguém pagava. a gente ficava só com a obrigação de quando o outro um daqueles que ajudaram, a gente tinha que estar presente também, aí era bom demais. eu mesmo gostava quando era de noite. eu gostava mais de plantação de mandioca. [...]. Comprava uns camburão de vinho. [...]. levava duas Canárias de cachaça ou então de vinho, colocava dentro do caçoar, e levava pra roça, isso na boca da noite. aí a mulher já ficava fazendo a janta, a gente terminar só 10:00, 11:00 da noite. Aí quando terminar vou virar tudo já zoadado... era carne de porco galinha, era uma.. igual uma festa. Muitos daqueles nem queria vir, vinha só pelo prazer de estar com a gente, está brincando, na tropa mais a gente. era bom. e muitos viviam destas desse jeito, dava para fazer umas coisinhas. Esse jeito que a gente tinha esse movimento que a gente tinha, de fazer isso quase não se ouve mais falar disso hoje.*

Para tanto, o principal aspecto afirmativo na vigência do agenciamento de poder, era o ritornelo sonoro que produziam. Aspecto que suscitavam outros modos de ser e ver o mundo, travando uma luta constante, destruindo as subjetividades que o engenho produzia. Sem que esta fosse uma meta, era apenas uma consequência.

*A primeira coisa é a questão da solidariedade. Lá o pessoal tem o costume de trabalhar em regime de multirão. Lá o pessoal chama de adjunto. Por exemplo, eu trabalhar pra plantar macaxeira ou mandioca, ai eu reunia os homens e iam pra roça de fulado depois pra roça de sicrano. Eles tinham esse costume, né? Por exemplo, casava uma pessoa e juntava uma quantidade de homens na comunidade e iam fazer a casa da pessoa. E todas essas atividades eram permeadas pelas canções do coco, as canções de trabalho. Então pra mim o coco ele tras essas questão da solidariedade. A segunda questão é o trabalho coletivo, então o adjunto é um trabalho coletivo e o coco é também uma manifestação coletiva. Então, quanto mais gente mais fica bonito, quanto mais gente respondendo aos versos fica mais bonito, então o coco é uma manifestação que é também coletiva. E as canções, também, elas... elas não estão... aliás, elas estão relacionadas com toda essa... com as relações que existem com a comunidade. ela traz essa forma como se relaciona com a natureza, como apreciam a natureza, a própria questão da opressão (O Poeta).*

Mantinham uma relação com a natureza, com o trabalho, o plantio, a colheita, com as pessoas, permeadas pela sonoridade, poética, suscitando em si a arte da dança, do movimento rítmico, compassado, problematizando as dificuldades e agruras na comunidade, mas em tudo encontrando uma oportunidade de criação de novos modos de expressão, reivindicação. Em suma, tinham o comprometimento em afirmar sua vida, encontrando no movimento sonoro, corporal, suas formas de expressão e alegria. Criando novos territórios existenciais, tendo acesso a outros territórios, indo além das engrenagens de poder que lhes tolhiam.

*Tinha a banda cabaçal. Uns tinha aí... ai tinha bumbo, caixa, pife, né? Ai convidava pra ir tocar. Convidava pra ir tocar até no Pernambuco. Ai tinha uma banda cabaçal que cada uma festinha que tinha era convidado pra tocar. Ai tinha leilão. Aquela brincadeira todinha... tinha aquela festa, papae... todo mundo interessado a brincar. Aí... assim, era animado demais. E... quase todo final de semana nós estávamos brincando nos terreiros. Reisado, maneiro pau. Era tanta brincadeira assim que até hoje eu esqueço. Maneiro pau, reisado e o coco.*

*Mu-danças* acionadas através da arte musical. Questão esta que atravessa a história da comunidade, ocasionando transmutações nas percepções e por consequência permitindo a criação de novas realidades, novas suavidades.

*Então, o coco traz nas canções a reflexão sobre o modo de vida da própria comunidade. Então eles simbolizam isso, a mudança. Então é isso, é a dança, mas não é a dança pela dança, só a dança. É a dança mais ela como um elemento que traz esse sentimento de mudança, de comportamento, na mudança da pessoa, no crescimento pessoal mesmo, é, na relação nossa com o nosso meio. Sobre essa própria questão do nosso olhar pra nossa comunidade, e... (O Poeta).*

Ao longo da pesquisa, muitos dos que compunham estes movimentos foram citados como expoentes, desbravadores ou despertadores de uma nova consciência. Enfatizamos, contudo, que priorizamos o coletivo às individualidades, apesar de compreender a relevância dos processos de singularização. Dessas histórias, tratadas aqui de modo impessoal, registramos que são pessoas que fortaleciam os movimentos internos coletivos, repassando conhecimentos, adiantando aspectos políticos de reivindicação e direitos trabalhistas, fortalecendo os movimentos culturais, enfrentando os investidos no poder ou mesmo desenvolvendo aspectos inerentes à espiritualidade. Sendo que, muitos vislumbravam novas oportunidades para os filhos e adiantavam o por vir. Impulsionando-os à construir novas realidades.

*É uma coisa que fizeram inconscientemente (O Poeta).*

No entanto, para além do inconsciente teatral, representante, cristalizado em complexos codificados, consideramos o (?) inconsciente como um mapa em construção, produtivo, criativo, aberto ao novo, fazendo nascer novos mundos, pensamentos (DELEUZE e GUATTARI, 2011a). Não é porque não se enquadravam na cultura mediana da escolarização moderna que não tinham ciência dos seus atos e de suas pretensões. O querer nunca foi ignorante.

*Nós temos essa mentalidade porque nós estamos na academia, nós estamos no campo do conhecimento, mas pra quem nunca teve contato com o conhecimento? (O Renovável).*

Gostamos de ideias perigosas, e sobre este tema, educação, atravessamos este texto com um grito produzido por Fuganti (2016, p. 1) - longo, mas necessário - quase que

instaurando um rasgo, um buraco no papel. E que dancem as letras em direção às mentes dos leitores, talvez chocando as ideias preconcebidas, enraizadas, normatizadas, talvez... talvez... talvez...

Educação para Potência é um nome que contrasta com os modos tradicionais que, a meu ver, são todos voltados para uma educação para a obediência. Nossa ideia é desmontar, desconstruir o sentido que se tem de educação. É muito raro ver uma educação que, de fato, se volte para a potência. Existem escolas que trabalham a competência, mas a competência é ainda algo que se refere às disciplinas. [...]. Então você adquire um saber e na medida em que se torna apto a aplicar esse saber, você adquire uma competência e também uma autoridade. A educação está toda fundada neste modelo. Por mais que se diga que a educação liberta, a nosso ver, esse tipo de educação aprisiona. A educação é uma forma de engajar o desejo, assim como a família e outras instituições, numa forma humana de viver, que a nosso ver, ao longo da vida, vai despotencializando a vida. [...] hoje em dia os homens mais conservadores, os mais moralistas, os mais místicos, os mais de esquerda, ou seja, todo espaço entre deus e o diabo, entre o bem e o mal, todos dizem, unanimemente: a educação é a saída. É de se estranhar essa unanimidade? Não, porque a educação sempre foi uma máquina de fazer com que a vida, de alguma maneira, se conformasse com um modo moral e racional de ser. [...]. O desejo é sistematicamente quebrado sempre que ele tenta mudar uma postura, ou inventar outra maneira, ele é quebrado pela máquina de anti produção social [...]. O que mais a gente vê são professores, coordenadores, diretores, educadores, se queixarem que o ensino está ruim, a rede do estado, do município, da união, etc. E há um investimento de forma quantitativa na educação, assim como na saúde e outras áreas. Nenhuma criança fora da escola. Será que não seria uma sorte uma criança ficar fora desse tipo de escola? Ser incluído neste sistema educacional é bastante complicado, pois é um sistema que está montado numa certa formatação, cujo objetivo nunca é dito. A transmissão de conteúdo, de verdades é secundária em relação a uma operação formal de corte, de separação da vida do que ela pode. É isso que a máquina da educação faz efetivamente.

Sabemos da importância da razão, e o seu papel no conhecimento da causa daquilo que nos afeta, na compreensão dos modos de ser afetado e que nos geram alegria, das composições de corpos e suas quantidades para que tenhamos um ganho de potência. Em suma, de um conhecimento sobre si mesmo e dos corpos e encontros que nos expandem, provocam alegria, ganho de potência, bem como para a amplitude das percepções, capacidade analítica. Contudo, não é a educação formal que nos propicia isso, ela é apenas um pequeno fragmento dentro do esforço que devemos despender para gerar esse conhecimento de tão alto nível, e que Spinoza chama de conhecimento de segundo gênero.

Em Spinoza (2016) os afetos produzem ações ou paixões. Por afeto entendemos a capacidade de afetar, transmutar. Sendo que essa afecção pode gerar aumento de potência ou diminuição. Quando há aumento de potência, quando há expansão diante um encontro, nós temos alegria, do contrário, diminuímos nossa potência e sofremos tristezas. As paixões são afetos gerados passivamente, quando o meio externo nos afeta pelo acaso. Somos como que uma vela estendida sendo conduzido pelos ventos que o meio externo nos impele, a mercê dos

ventos que sobrevêm, ficamos alegres ou tristes. Não obstante, por desconhecer a causa desses afetos, qualificamo-os como bons ou maus. Noções universais que nos fazem julgar o mundo, os encontros. É como cair na água e se afogar, e intitular a água de má, universalizando essa noção.

O segundo gênero do conhecimento é uma questão de compreender o que nos afeta e se compõe conosco ou que nos decompõe. Mas sobretudo as doses, quantidades nos encontros que nos geram alegria ou tristeza. Não julgamos os encontros, pois compreendemos os modos de ser afetados. Há os maus encontros, aquilo que nos afeta e gera tristeza. É uma questão de um encontro que nos decompõe. Não que aquilo que nos afetou seja mau, para outros podem ser um bom encontro, afetando-os e gerando alegria. Para tanto, uma dose de algo que nos gerou tristeza pode em uma outra quantidade e qualidade gerar alegria. Mas tudo isso é desenvolvido no ato. Assim, passamos a compreender os encontros que nos geram alegria e expandimo-os, escapando das tristezas. Atividade seletiva dos afetos, escolhemos afetos alegres (SPINOZA, 2016).

Mas mesmo o conhecimento de segundo gênero ainda carrega passividade, pois o que provocamos é o encontro, os modos de ser afetados, apesar de aprendermos a agir no mundo. Escolhemos os bons encontros. Mas no campo das ações, onde somos seres ativos, somos dotados de conhecimento de terceiro gênero. Nada passa sem que seja uma oportunidade de criação, afirmamos a pior circunstância, a pior doença e fazemos disso uma matéria prima à criação de modos de estar no mundo, provocando alegrias. Tornamo-nos seres intuitivos, tomamos parte daquilo que somos no todo e criamos mundos, ideias, pensamentos, modos de vida, espacialidades, corporeidades, territorialidades, encontros. Capacidade inventiva de produzir a si e ao mundo. Aqui tudo é belo (SPINOZA, 2016).

Ao dizermos estas coisas, problematizamos discursos internos à comunidade, querendo estimular a observância da beleza em cada movimento, e distanciar comparações. Bem como, atentando para os aspectos discursivos que geram segregação micropolítica na comunidade, na pretensão de desmobilizar aspectos segregacionais. Mas, sobretudo, requeremos uma educação para a potência. Não uma educação que se dá pelo disciplinamento e que crescendo em uma escala de anos percorridos faz olhar para outrem como que com desdém, atribuindo a alcunha de que lhes faltam consciência. A consciência é cúmplice da impotência e das armas mortíferas à vida.

[...] pegar autênticas armas. Armas que combatem tudo que vive das paixões tristes. Armas que produzam uma máquina de guerra em relação a tudo que precisa ser combatido, da miséria, da tristeza, do enfraquecimento, da opressão, da apropriação

para viver e fundar o seu poder. [...] Não [...] achar que pelo convencimento racional vai se chegar a alguma coisa. [...] Mas nosso argumento essencial é reencontrar o imediato do movimento e do tempo [...] o que é dominante em nós é uma mediação. Essa inversão que precisamos operar, essa desconstrução, sob o ponto de vista crítico e um cultivo sob o ponto de vista criativo para que essa dimensão se torne dominante em nós e auto sustentável. Esse é o desafio. [...] A primeira esfera [...] filosofia na primeira idade. [...] A primeiridade [...] é uma conquista da capacidade de manter esse imediato como comandante na minha vida [...]. Ser capaz de conduzir o próprio destino e criar a si mesmo. Estilizar a existência. Criar corpo, pensamento, desejo, capacidade seletiva. [...] Auto fabricação de si, de modo ativo, afirmativo, sem ser determinado de fora. O fora como excitante e aliado, e não como opressor, determinante ou algo que submete a vida a alguma atuação. [...] você é condicionado na experimentação a investir num certo padrão, numa certa referência, num elemento que legitimaria uma experiência tolerável. Admissível socialmente, politicamente, moralmente, economicamente, racionalmente, religiosamente. Isso para o seu próprio bem, senão você vai ser esmagado. [...]. Então, o primeiro reencontro que precisamos operar em nós, a lição que temos que fazer no corpo, que é a nossa casa, é cultivar a capacidade de experimentar realmente. [...] Spinoza chama de potência de ser afetado, que não é uma passividade, é uma potência em ato, não uma mera paixão. [...] se passa na relação da vida com o que envolve a vida, não tem atravessador, não tem intermediário, é uma relação direta. Aí se dá uma experimentação. [...]. Experimentação implica não em consumo. O que a gente chama de consumo é, geralmente, consumo de coisas mortas ou o que institui em nós a morte lenta, a morte em vida. Experimentar é modificar-se. A modificação não é uma transformação, não é uma mudança de forma, [...] Mas se modifica no limiar do próprio desejo, no modo de desejar. A gente se transmuta e não se transforma. A modificação só é verdadeira se existe transmutação. Experimentar, modificar e transmutar. Para experimentação é preciso de transmutação ou produção de si (FUGANTI, 2016, p. 1).

De todo modo, é forte o discurso em torno da escolarização na comunidade, considerada como um destaque no processo de transformação. Ao propiciar um deslocamento das percepções quanto à realidade e propiciando o surgimento de novas possibilidades, formas de luta, bem como sendo um passaporte de entrada para outros territórios. Assim, segundo os entrevistados, a educação seria decisiva para a construção de movimentos estruturados, organizados e que seriam mais eficientes quanto às conquistas. Deste modo, a partir do acesso à educação passam a construir movimentos organizados em prol da construção de identidade, como ferramenta de luta às adversidades enfrentadas.

### **3.2 A educação como ferramenta transformadora e mecanismo de luta.**

Educação, um dispositivo gerador de movimentos de afirmação na comunidade, considerada pelos entrevistados como um meio amplificador das percepções na construção de novos modos de relação com o mundo, possibilitando a quebra de padrões naturalizados, oportunizando vislumbrar a construção de novas subjetividades, relações econômicas e potencializando fluxos de criatividade. Bem como, uma ferramenta de combate aos impulsos de negatividade, rebaixamento, submissão, temor, produzidos historicamente nos indivíduos.

Produzindo novas sensibilidades no cuidado de si, e no modo de observar a comunidade, no que diz respeito à valorização dos aspectos culturais, riquezas naturais, modos de existência, costumes. Um meio para o desenvolvimento de valores outros àqueles exercidos pelo agenciamento de poder escravocrata-coronelistas.

Contudo, o acesso à escolarização por parte dos trabalhadores da comunidade fora uma conquista árdua, conseguida à contragosto dos interesses dos investidos no poder. Todavia, os anseios contrários não foram suficientes para obstruir tal acesso. A questão principal era impedir o desmantelamento das relações sociais que mantinham a estrutura oligárquica, as relações de classe e privilégios. Uma vez que observavam na educação uma capacidade de gerar mudanças internas capazes de desorganizar as relações de poder. Marcas que quando atravessam a boca dos entrevistados geram incômodos, por vezes, revolta.

*Em relação aos que se dizem donos da terra, para eles é ruim. Para o sistema é ruim (O Renovável).*

*O homem ali mesmo... que às vezes quando os coitadinhos... quando o carro é de leite vinha saindo corria para pegar carona no carro do leite. Aí o homem gritava: não dá para ir essa ruma de gente no carro não, e outra eu não quero Doutor no meu sítio não, doutor no meu sítio só os meus. Disse várias vezes. Agora hoje ele está vendo aí... tem Doutor de todo jeito de toda cor [kkkkkkk]. Tem Doutor de toda qualidade. Doutor, professor, de todo jeito (O Contador de Histórias).*

A orelha cauta dos adiantadores de relógio da comunidade adiantaram o por vir, estimulando os filhos a permear outros encontros, provocando o desmembramento das estruturas de poder do engenho. Questão decisiva para que enfrentassem, em parte, a falência do engenho e de sua capacidade empregatícia, encontrando outros meios de subsistência.

*Eu sou a primeira pessoa dessa comunidade que teve nível superior. Meu pai foi insistente, meu pai e minha mãe. Os meus filhos vão estudar a não ser que eles não queiram. e na qualidade de filho mais velho eu quis, Eu quis mesmo. saia daqui debaixo de chuva quando chovia de noite. fui fazer estudo à Noite a partir da sexta série, eu tinha 13 anos. Pense aí? e quando eu tinha 16 anos eu já ia e voltava sozinho. e a gente descia e era Vereda não tinha estrada, e até o Parque Granjeiro descia até a caixa d'água. descia e subia. então assim eu me sinto também um protagonista. Porque a partir de mim outros interesses foram surgindo. Então me sinto assim, um quebrador de Barreiras.*

Deste modo, a conquista de um estimulava outros a seguirem caminho semelhante, como que apresentando aos demais novos modos de ser afetado, novos mundos possíveis, apesar de requerer enfrentamentos, esforços, batalhas diárias. As dificuldades eram diversas:

*Nós não tínhamos eletricidade aqui. eu para estudar ela colocava um candinheiro assim, outro aqui e o livro aqui no meio, em cima da mesa. às vezes eu chegava da faculdade 11:30 da noite e ainda tinha que estudar, aí colocavam candinheiro aqui outro aqui estudava às vezes até quase de manhã, a luz do candinheiro. [...]. Eu já tomei muito café na minha vida. [...]. No meu tempo a gente ia e voltava a pé. Inclusive, A Professora participou deste processo. Ia e voltava a pé. No meu tempo também não se oferecia livro. Não se oferecia. Nada dessas coisas. Então, a melhoria veio a conta gotas. (O Quebrador de Barreiras).*

Contudo, mantinham-se firmes no propósito, por almejar a criação de novas realidades. Como diria Lapoujade (2015, p. 297): “Quando o homem se levanta, é por pretensão. São suas pretensões que o fazem levantar e fazem dele um homem direito. [...] plano vibrante [...] a pulga-do-mar enterrada na areia que descobre, num salto, toda a extensão da praia como um plano de imanência”.

*Questão de querer. Do querer mesmo, sabe, do querer. E eu acredito que o apoio, a família conta muito (O Renovável).*

Visivelmente aparentava ser um único indivíduo sentado naquela cadeira. O mais míope entre os professores, colegas, poderia não enxergar a multidão que sentava ali, que utilizava aquele caderno, lápis<sup>53</sup>... Era a formação de um agenciamento complexo, onde muitos estavam envolvidos. Mas a cada indivíduo que enfrentava esta guerra, que habitava outros territórios, em uma qualidade de fortalecimento, preparação e engajamento, a comunidade medrava seu território, suas territorialidades. Expandindo, inclusive, sua capacidade de resistência.

*Eu diria assim, se o povo desta casa, não tivesse a formação que tem, já teria sido expulso, ó... [Ele fala este ‘ó’ estralando os dedos]. Não foi porque eles têm medo da formação, elo*

---

<sup>53</sup> Somos uma multidão de corpos, moléculas, átomos, bactérias, partículas, partes moles e duras, nas palavras de Spinoza (2016), ou nas palavras de Raúl Seixas: “cada um de nós é um universo” (RAÚL SEIXAS. Há 10 mil anos atrás. Intérprete: Raúl Seixas. In. Raúl Seixas, Há 10 mil anos atrás. Rio de Janeiro: Philips Records, 1976.

*para chegar no que o povo desta casa tem ( O Quebrador de Barreiras).*

Deste modo, a educação constitui como uma frente de resistência na comunidade Chico Gomes, transpassando autoridade. Ao colocar os moradores em contato com outros agenciamentos e formas de afetar e ser afetado, *experenciaram* outros modos de existência, outros pontos de vista sobre as relações sociais, bem como sobre os direitos trabalhistas, de moradia, escapando da subjetividade do agenciamento de poder escravocrata-coronelista, que lhes docilizavam. Passaram a observar as circunstâncias internas da comunidade com maior criticidade, escolhendo outros caminhos e provocando as mudanças necessárias<sup>54</sup>. Ao mudar a percepção, provocaram um encontro externo diferente.

O sócius escravocrata-coronelista tornava-se arcaico aos novos interesses do Estado, o funcionamento econômico permeava uma industrialização, e a escolarização era exigida como passaporte para acesso ao mercado de trabalho. As oportunidades de estudar se expandiam cada vez mais, priorizando a zona urbana, mas a sensibilidade daqueles que espreitavam uma oportunidade de transmutação, na zona rural, era tamanha que acreditaram no acesso. Provocaram esse acesso, fazendo a estrutura educacional cratense perder cada vez mais seu aspecto oligárquico.

*Nós quebramos a hegemonia, daquele negócio de quê: filho de trabalhador tem que trabalhar na cana, no capim e blá blá blá...*

*Tá na questão da quebra do paradigma em relação ao acesso à educação. Acesso à educação. Então, antigamente, quem se via filho de agricultor estudar? Como era o sistema de educação naquela época onde o coronelismo de engenho era bem enraizado e realmente condicionava a todo vapor esse sistema (O Renovável).*

Concomitantemente, os novos universos de referência experimentados através da educação, permitiram o contato com linguagens e formas de expressão diversas, bem como teorias e pensamentos provocativos de mudanças, estranhamento das realidades naturalizadas, estimularam quebras de padrões comportamentais, analíticos, racionais, em suma, de

---

<sup>54</sup> Em um dos movimentos recentes, a comunidade se mobilizou, como prova de força, resistindo ao fechamento da escola que funciona na comunidade. Enfrentando a prefeitura municipal, que buscou um ajuste fiscal desafogando a folha salarial e as despesas do setor público a partir de uma tentativa de fechamento de escolas rurais no município. Não conseguiu, pois a força das ruas foi maior. Nas palavras de um morador da comunidade: “tavam, tavam querendo fechar, aí... Manel mesmo fez uma forcinha pra não fechar, né? Juntou uma turma aí e botou pra... um bucado de gente está estudando lá” (O Observador).

paradigmas. Pontos de vista fixos tenderam a desmoronar. Ruindo as semióticas do engenho e o agenciamento de poder que o mantinha.

Mas, talvez, o que a educação nos põe em contato, e que seja sublime, é gerar enfado. Enfado ao mundo do pensamento teórico, que busca moldar nossa vida a uma realidade pensada em outras circunstâncias. Enfado que nos faz refletir que o pensamento deve surgir a partir de um modo de vida, e não o inverso, um modo de vida que surja de um pensamento retirado de um livro, de uma teoria.

Em Deleuze e Guattari (1995) o pensamento é produto de um modo de vida, processo onde a vida produz pensamento. O encontro com o não pensado, inesperado, afetando e gerando o pensar. Operação que elimina todo pressuposto inicial. Contudo, somos estimulados socialmente a esmagar e rebaixar a vida, enquadrá-la a pensamentos produzidos em outros mundos. Mundos onde o pensamento é anterior a vida, uma operação platônica, idealista. Somos forçados a reproduzir esses pensamentos, adaptando-se, teatralizamos nossas vidas nos costumes, hábitos, valores.

Então, até que ponto a educação que nos provoca uma transformação de ver o mundo, e que nos incomoda e gera estranhamento ao mundo a nossa volta, fazendo-nos crer e querer uma realidade que fora construída e pensada em outros modos de vida que não o nosso, é de fato um mecanismo de resistência? A resistência é um ato subversivo de criação. A potência da educação não se faz pelo deslocamento de um modo de vida a outro já existente, sem que o tenhamos concebido. A educação é útil para nos esclarecer qual a melhor escolha ou decisão a ser tomada, dentre às existentes. Mas torna-se potente quando nos incomoda a criar escolhas e novos mundos que só passam a existir quando os parimos. Quando inventamos novos modos de composição.

Isso é possível dentro de outros modos de aprender, no qual o modelo educacional modelizado no século vindouro é insuficiente. Inventar mundos não requer o aprendizado de conhecimentos já desenvolvidos, é preciso ir além. Inventar mundos requer desenvolver novos modos de conhecer. “Essas relações envolvem um sentir dimensionado como poder de ser afetado por acontecimentos de fora. [...] acontecimentos tão irredutíveis à organicidade cerebral quanto ao uso ordinário da linguagem” (LAPOUJADE, 2015, p. 15).

Para tanto, “quer se trate de pensar ou de viver, o que sempre está em jogo é o encontro” (LAPOUJADE, 2015, p.52), então, se a educação nos provoca encontros que deslocam nossa percepção, fazendo-nos vislumbrar novas sensibilidades, nos incitando ao movimento, somos afetados a construir outras possibilidades de vida, fabricar novos sentidos.

Considerando isto, concluímos, a partir dos entrevistados, que o processo educacional na comunidade Chico Gomes incitou à construção de movimentos sociais, pelo deslocamento das percepções que provocou. A educação funcionando como um dispositivo que aciona movimentos coletivos e sociais, que permitiram a construção de diferentes territorialidades. Questão que será considerada aqui como outro movimento afirmativo da comunidade.

Trata-se de fabricar o real de não de responder a ele. [...] não é em função da percepção (e da não percepção) do estatuto das populações concernidas medicinalmente, afetivamente, politicamente pelo HIV que se criam órgãos de luta e novos corpos sociais? O mesmo pode ser dito pelo GIP, dos black Panthers ou do Movimento dos Sem Terra no Brasil. Em todos os casos, os órgãos de luta procedem da percepção do campo social – e não o inverso (no qual a percepção depende de órgãos instituídos, como na lógica de aparelho e de partido). É por aí que se criam novas realidades e novos possíveis (LAPOUJADE, 2015, p. 305).

Mas para eclosão e surgimento dos movimentos sociais na comunidade, que serão citados no próximo item, foi preciso um encontro que afetasse e demonstrasse aos indivíduos uma prova de existência, um campo de possibilidades. Essa afecção veio através de um projeto desenvolvido na comunidade pela igreja católica.

### **3.3 Movimentos sociais como campo construtor de territorialidades.**

Os movimentos sociais constituem um campo de experimentação na comunidade Chico Gomes, incitados tanto pelas percepções suscitadas pelo processo educacional, como pelo encontro deste com um projeto desenvolvido outrora pela igreja católica, intitulado de Projeto Partilha. Ou seja, a erupção de movimentos sociais ocorreu pelo encontro entre conhecimento sistematizado e o fomento de intervenções a partir de um projeto social. Sendo que, nada disso seria possível caso não houvesse a necessidade, o anseio por mudanças.

O projeto partilha estimulou a comunidade ao ato de partilhar, sendo uma prova demonstrativa da possibilidade de construção de outros movimentos coletivos. Utilizando-se de sua capacidade de aglomerar indivíduos, a igreja possibilitou a articulação interna das pessoas para que o projeto se tornasse possível. Um ganho secundário desta questão é que as pessoas potencializaram esse movimento e desenvolveram outras formas de articulação.

Não nos interessamos aqui pelo projeto partilha por si mesmo, por isto nos contentaremos em demonstrá-lo, apenas, através do diálogo transcrito abaixo. Nosso principal interesse no projeto partilha é o que foi feito após ele e a partir dele.

*Se você talvez perguntar sobre isso talvez ninguém fale sobre isto. E eu acho que ela não é daqui de dentro, ela vem de fora, e ajuda um pouco aqui, e que se chama... o projeto partilha que é da igreja, que nós somos da Paróquia de São Francisco. E lá foi criado um projeto que é chamado projeto partilha... (O Poeta).*

*Com o padre Raimundo Elias (A Professora).*

*e este projeto partilha, ele diz assim na igreja, o próprio nome diz, a questão da partilha e da participação, ele incentiva a partilha e a participação. Então foi um projeto que ele teve, no início aquela empolgação, e depois teve aqueles tilhimentos, que você sabe como é a igreja. Mas não só aqui em outras comunidades eles incentivam à participação, e aqui de alguma forma ele teve contribuições (O Poeta)*

*Inclusive, muitos que vieram quiseram acabar, quiseram acabar o movimento da partilha e colocar outro (A Professora).*

*Porque a partir do projeto partilha A Igreja Vem para comunidade... (O Poeta).*

*Eles celebram na comunidade Por que não existia. não existia esse contato mais de perto na comunidade. as pessoas contribuem se sentindo parte, elas não contribuem porque são obrigadas. eu me lembro que tinha um momento que ele fazia que era o domingo não partilha. era uma vez ao mês né? Você podia contribuir não só com dinheiro mas com o que você tivesse, Então você contribuir. por exemplo eu não tenho um centavo mas eu tenho Banana, então um dava uma fruta outro dava outra (A Professora).*

O projeto partilha tornou-se uma porta aberta. Uma porta que deu acesso ao engendramento de novos movimentos de afirmação. Travessia que estimulou a ultrapassagem de limites, como em um salto, pondo em comunicação os disparates. Dando razões para acreditar. E sobretudo, deslocar a solidariedade da comunidade para outras vertentes, invadindo e se proliferando no campo social, indo além da solidariedade transposta ao trabalho e festejos.

[...] eles nos dão razões para acreditar no mundo. O que perdemos são as razões para acreditar nesse mundo. Só novos delírios, novas fabulações nos farão crer nele outra vez. Por isso, é preciso recriar a terra, os corpos, as linguagens, a memória, partir das populações moleculares, das matilhas, dos bandos e inventar sua genealogia [...]. Os seres moleculares não são seres miniaturizados, mas “transvistos”, percebidos segundo seus fluxos, suas singularidades, as variações atmosféricas pelas quais passam e fazem passar o que os cercam (LAPOUJADE, 2015, p. 306).

Do projeto partilha surgem outros movimentos de afirmação da vida na comunidade Chico Gomes, movimentos sociais que se ramificam entrelaçados, um potencializando o outro, atingindo diferentes frentes da comunidade. Estimulando os diferentes segmentos a se envolverem em uma construção coletiva de novas territorialidades.

*Esse projeto partilha contribui com a criação da associação, que contribui para o nascimento do Urucongo, que contribui para o nascimento das meisinheiras. Para ativação dessas forças.*

*O desencadeador de tudo isto, se chama este daqui [educação], mas esse daqui [Projeto Partilha] tem uma contribuição. Porque essa comunidade aqui é muito religiosa, muito apegado a essas coisas da igreja. Aí quando tem um projeto que as pessoas podem participar, podem opinar, que podem partilhar... Então, que muda uma postura. Então isso contribui para a questão da participação, da partilha, da comunidade para tudo o que foi construído. Mas o ponto-chave é este daqui [educação].*

*Então, o projeto partilha também deu uma força. Então, é assim, está tudo entrelaçado. A gente não pode dizer que uma coisa é melhor do que a outra. Mas se, por exemplo, você pegar a questão da educação formal, sem a participação no movimento social, talvez não tivesse desencadeado. Porque essa questão do movimento social ela é fundamental para a visão crítica. (Falas de O Poeta).*

Então, ao unir a educação formal com a construção de movimentos sociais, desenvolveram uma visão crítica a respeito das circunstâncias sociais da comunidade, procurando intervir nos agenciamentos através de novas maquinações para a construção de novas realidades. O ponto inicial fora a construção da associação dos moradores. Espaço aberto à participação de todos, permitindo a discussão das problemáticas internas e construção de estratégias para resolução dos problemas, sempre articulando conexões internas e externas<sup>55</sup> à comunidade, para fortalecimento dos movimentos necessários à mudança<sup>56</sup>. Constituindo-se,

---

<sup>55</sup> Registramos aqui alguns contributos externos mencionados e que atuaram no fortalecimento dos movimentos da comunidade: i) “algumas contribuições que vieram para a comunidade, formações, pessoas que vieram para conversar sobre o movimento de apoiar de alguma forma: Cáritas, ACB, GRUNEC, João do Crato. Foram importantes no aspecto cultural” (A Professora); ii) “Aí tem outros movimentos... o fórum araripense de preservação e combate à desertificação; tem o fórum cearense pela vida no semiárido; rede de educação cidadã” (O Poeta).

<sup>56</sup> Transcrevemos, aqui, algumas falas dos entrevistados sobre estas questões: i) “A reunião da comunidade, que é mensal, para discutir o destino, o que deve ser feito e o que foi feito, para prestação de serviço, prestação de conta. Aí tem que tá todo mundo junto, que é para saber se deve ser feito ou não” (O Contador de Histórias); ii) “... mas é... depende da agricultura, né? Porque... cada lugar que tem a comunidade tem que ter atendimento. Pra o povo falar o que tá precisando na comunidade” (O Observador).

inclusive, um espaço aberto a disputas, uma vez que permite discussão a respeito do compartilhamento, ou acesso à água.

*A associação dos moradores, ela é precursora tudo isto daqui. E a associação foi o primeiro movimento, a primeira tentativa de organizar os trabalhadores. e foi feito pelos próprios Agricultores, pelos Trabalhadores. e eles buscaram. e de certa forma inspira os outros que vem. por exemplo me inspirou, inspirou o meu irmão ali também. cicim que foi outra pessoa que participam muito... várias pessoas. e incentivou a participação de jovens na época. (O Poeta).*

Essa inspiração, retratada na fala anterior, permitiu o surgimento do grupo de artes Urucongo. Grupo que aprimorou as táticas de guerra. Guerra que nada tem a ver com violência, mas sim com conquistas, transformações, criação de novos agenciamentos, implosão de máquinas de captura. Por isto, reportamos ao grupo a invenção de uma máquina de guerra.

Em Deleuze e Guattari (2012b, p. 117) uma máquina de guerra

tem por objeto não a guerra, mas o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso e o movimento dos homens nesse espaço. [...], a máquina de guerra efetivamente encontra a guerra, porém como seu objeto sintético e suplementário, dirigido então contra o Estado, e contra a axiomática mundial exprimida pelos Estados.

A violência é algo de inútil, que captura, é uma mina de reatividades a impotencializar, criar soldados, obediências. A questão é um revide ativo, revolucionário. Aprender a desfazer e a desfazer-se. Romper equilíbrios, se lançar, projetar, revidar, evitar, inventar. Ser força centrífuga. Aspectos estes que em Deleuze e Guattari (2012b, p.76) caracterizam a ação das armas e o funcionamento de guerreiros nômades, que “são, diga-se o que se quiser, grandes inovadores. Mas, justamente, eles inventam uma territorialidade”.

Eu vejo muitos soldados; oxalá possa ver muitos guerreiros. [...]. Deveis buscar o vosso inimigo e fazer a vossa guerra, uma guerra por vossos pensamentos! E, se vosso pensamento sucumbe, vossa lealdade, contudo, deve cantar vitória. [...]. Para o verdadeiro homem de guerra soa mais agradavelmente o ‘tu deves’ do que ‘eu quero’. E o que mais gostais, faze-o como se vos ordenassem. Que vosso amor à vida seja [...] o mais alto pensamento da vida. E vosso mais alto pensamento deveis ouvi-lo de mim; ei-lo: o homem é algo que deve ser superado (NIETZSCHE, 2014, p. 61-63).

O soldado é uma figura uniforme, disciplinada, tolhida. Almeja por uma ordem, quer executar uma determinação. Espera por um ‘tu deves’. Vive em função de uma reação. É uma engrenagem de um aparelho de Estado. “Sem dúvida, o aparelho de Estado tende a

uniformizar os regimes, disciplinando seus exércitos, fazendo do trabalho uma unidade de base, isto é, impondo seus próprios traços” (DELEUZE E GUATTARI, 2012b, p.88). E são esses aspectos que uma máquina de guerra destrói, mas tendo por objetivo primeiro a criação, proliferação, afirmando a potência, atacando o poder apenas indiretamente, e apenas implementa uma guerra direta como consequência sintética, quando o aparelho de captura se coloca contra a proliferação da máquina de guerra, dos movimentos afirmativos, ou quando a máquina de captura se coloca em seu caminho.

O que o guerreiro em uma máquina de guerra quer é uma linha de fuga, “uma pura possibilidade, uma mutação, [...], que inventam e amontoam involuntariamente cargas de saber e de ação virtuais, utilizáveis por outros, minuciosas, contudo fáceis de adquirir, para novos agenciamentos” (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 89-90).

Considerando estes aspectos, todos os movimentos afirmativos, mencionados até aqui<sup>57</sup> se entrelaçam, formando um campo de experimentação com duração que atravessa tempo e espaço, contribuindo, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento de uma máquina de guerra chamada grupo de arte Uruongo.

### **3.4 Grupo de arte Uruongo como máquina de guerra.**

O Uruongo é um grupo de arte, dança, música que atua na comunidade com pretensões firmes, incidindo diretamente nas marcas geradas historicamente pelo agenciamento de poder escravocrata-coronelistas, provocando saltos nos processos de subjetivação, criando novos universos de referência, produzindo novas territorialidades, modificando a configuração territorial, criando ritornelos... além do enfrentamento ao processo de modernização que implementou uma destruição das manifestações culturais da comunidade, modificando costumes, hábitos.

Contudo, em uma demonstração de habilidade estratégica, restringem parte de suas pretensões ao público, que recebe-os com o seguinte texto:

O Grupo Uruongo de Artes nasceu em 2006 como uma articulação de jovens da comunidade do Sítio Chico Gomes na zona rural do Município de Crato/CE, que visa

---

<sup>57</sup> Desde a construção coletiva no trabalho, bem como dos festejos, que permeava a criação de grupos culturais, canções que atravessavam o cotidiano da comunidade, impulsionando a solidariedade bem como desmobilizando os sofrimentos a que eram submetidos, dando ânimo aos enfrentamentos, fazendo-os desviar o olhar para os brilhos da vida; passando pelos deslocamentos de percepção provocados pela educação, fazendo-os vislumbrar novas realidades e impulsionando o querer; até os movimentos sociais, que passaram a atuar de forma interventiva na resolução das problemáticas da comunidade, perpassando resistências e lutas às adversidades, estimulando diálogos e elaboração de estratégias, maquinando construções coletivas e de territorialidades.

a realização de atividades artísticas, culturais, de geração de emprego e renda, etc. como estratégia de combater a marginalização, êxodo, ociosidade e melhoria das condições de vida da juventude daquela comunidade, que fica localizado no sopé da Chapada do Araripe. Tendo em vista o alto índice de desemprego na comunidade e a exploração da mão de obra dos jovens surgiu como demanda a criação de um grupo que lutasse pelo desenvolvimento da cidadania de seus membros e da localidade. Através das parcerias, o grupo viabiliza oficinas de construção de instrumentos musicais, biojóias, ritmos musicais, etc. Hoje, os jovens do Grupo Uruongo constroem seus próprios instrumentos e viabilizam capacitações para outros jovens, de outras localidades, inclusive. Visando o protagonismo juvenil e o desenvolvimento local sustentável valorizando o saber tradicional e as manifestações artístico culturais da comunidade (CRISTINA, 2012, p.1)

No entanto, o alcance de suas pretensões tem maior impacto. Buscam uma transmutação do modo de vida. Provocam a construção de outras realidades. Lutam para que suas reivindicações se concretizem. E utilizam o grupo Uruongo de Artes, como uma maquinação para tornar possível seus anseios, objetivos.

Um movimento artístico, científico, “ideológico”, pode ser uma máquina de guerra potencial, precisamente na medida em que traça um plano de consistência, uma linha de fuga criadora, um espaço liso de deslocamento, em relação com um phylum. [...] faz valer seus próprios poderes de desterritorialização, suas linhas de fuga, seus espaços lisos que vivem e que cavam seu caminho para uma nova terra. [...]. Máquinas de guerra se constituem contra os aparelhos que se apropriam da máquina, e que fazem da guerra sua ocupação e seu objeto: elas exaltam conexões”. (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 117-118).

Contudo, o grupo de Artes Uruongo ocupa-se de maquinações de criação, desviando-se de práticas destrutivas e apenas enfrentando os agenciamentos de poder de modo indireto, evitando choques, conflitos, recuando sob risco. É que uma máquina de guerra tem um objeto positivo e um negativo. No negativo há forças de aniquilamento, destruição dos poderes imobilizadores, que rebaixam. No positivo faz-se crescer o deserto, a estepe, o espaço liso, as desterritorializações, é uma prática criativa, afirmativa (DELEUZE, e GUATTARI, 2012b). Nesse sentido, qual o alcance da máquina de guerra Uruongo? Não questionamos isto aqui, apenas dizemos que o grupo é ou tem uma potencialidade de máquina de guerra.

*quando a gente começa a fazer o trabalho com o grupo a gente percebe que lá não é ruim, ruim são as condições a qual as pessoas estão sendo submetidas, as pessoas estavam sendo submetidas. O ruim era aquilo. O ruim é a falta de terra, a pessoa não poder... a falta de água, a falta de políticas públicas, a falta de crédito pra produção. Então isso que é ruim. Então a gente resolve lutar pra que a gente possa ter isso, a condição adequada pra que a gente possa viver bem lá, na comunidade. O Poeta*

*quando chega a modernidade nos ensina que temos que buscar outras coisas. Então, a cultura de massa veio e massacrou a*

*cultura da comunidade, a cultura da comunidade. Então a gente pensou o Urucongo como uma forma de **revitalizar essas manifestações dentro da comunidade**. A comunidade é uma comunidade de sem terra, então através da arte **a gente questiona a situação das pessoas**. Então a cultura é uma forma de você se identificar com sua terra, se identificar com o seu lugar. Aí eu acho que é mais difícil a pessoa que valoriza as manifestações de sua comunidade perderem o seu chão” (O Poeta)*

*Se apoderar da terra. Por esse movimento de luta e graças a deus ela criou um despertar de desconstruir esse medo, sabe? De **desconstruir esse medo** (O Renovável).*

*é por isso que a gente criou o urucongo. Quando eu digo aí que a arte, a cultura é uma forma de provocar, **fazer com que as pessoas reflitam** sobre isso, de uma forma lúdica e tal, porque eu chegar e dizer assim, tem uma peso é uma coisa, e a gente, numa encenação, dizendo é uma coisa, e as pessoas vão tomando aquilo pra si, **então é uma forma da gente ir trabalhando a questão da consciência, da... das pessoas se perceberem naquele local**. Assim, eu acho que a gente avançou ainda pouco nesse sentido, mas já tem alguns passos. Então assim, quando a gente trabalha a questão da identidade, eu acho que nessa questão da identidade, **eu acho que a gente já avançou mais, das pessoas valorizarem o local e perceber a beleza do local, que tem no local**. Eu acho que nesse sentido a gente já avançou muito. Mas nesse sentido da pessoa saber que, **reconhecer mesmo que existe o conflito de interesse**, e tentar incidir nisso, ainda não, a gente avançou muito pouco. (O Poeta)*

*A partir do trabalho com o urucongo eu percebi, que nós juntos podíamos fazer alguma coisa para **transformar**... Então acho que me importância é justamente no trabalho com o urucongo, quando **a gente resiste e tenta trazer pessoas** (A Shaman).*

A máquina de guerra Urucongo ainda tem compromissos com o passado, não aprendeu cantar nos termos da música ‘como nossos pais’, de Belchior<sup>58</sup>. Capturam seus movimentos de criação, afirmação ao reforçarem processos identitários. Como árvores estendidas às alturas, enraízam-se no chão e perdem a mobilidade, diminuem o que podem. É que homens de guerra devem renascer e não ressuscitar “velhos mitos ou figuras arcaicas [e sim] a nova figura de um agenciamento trans-histórico (nem histórico, nem eterno, mas intempestivo) [...]. Uma figura trans-histórica deve defender-se tanto dos velhos mitos como das desfigurações preestabelecidas, antecipadoras” (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 89).

<sup>58</sup> BELCHIOR. Como nossos pais. Intérprete: Belchior. In. Belchior, Alucinação. Rio de Janeiro: Polygram, 1976.

*É o tripé do urucungo, trabalhar isso. da percepção na comunidade, e a partir daí eles criarem esta consciência diferenciado do que eles estavam seguindo, E com isso agregar neles O Despertar de sua identidade. O que nós desenvolvemos na comunidade? como é nossas relações? Nós somos o quê na comunidade? como é nosso dia-a-dia? o que nós buscamos, nós somos submissos ao que, nós somos donos de nossas terras? mas porque nós somos donos de nossas terras, vamos conversar, discutir. então isto gera uma percepção diferenciada do indivíduo. então a identidade, despertar esta identidade... a identidade que praticamente foi perdida com este desenvolvimento atrelado que nós temos aí atrelado no mundo. então, uma identidade que nós sabemos que ela está ali é enraizada mas que ela está apagada. né? apagada. Acredito que para mim não só aquele sistema que se enraizou, o sistema de coronelismo de Engenho, mas com o desenvolvimento em si o pessoal ainda se torna muito alienado quanto ao modo de vida ao modo de viver. então isso vai perdendo os laços, os laços de sua identidade da escola raízes, quem foram os seus familiares o que eles faziam. então urucungo eu acho que ele discutir isso e traz isso. O Renovável*

*Despertar essa consciência na população.  
O Renovável*

Independentemente do que objetivam, a construção desses objetivos requer conquistas, enfrentamentos, esforços. E a forma que o grupo desenvolveu para intervir nessas problemáticas, tanto à nível da percepção, como nas questões territoriais, perpassam atividades desenvolvidas através da arte. Durante o decorrer da pesquisa encontramos apenas os ecos das atividades que foram desenvolvidas outrora. Os movimentos do grupo estavam em estado de hibernação, inativos. Contudo, havia movimentos feitos através dos discursos, que perpassam a impressão de uma atividade intensa aos visitantes que estão de passagem.

O cartógrafo percebe ao longo dos encontros que o grupo se mantém vivo, durante os períodos de dificuldades, através dos discursos, como uma tática de sobrevivência. Há muitas lutas solitárias, onde, por vezes, o desânimo abate à guerra, paralisando os fluxos, dispersando os guerreiros. O discurso funcionando como que pavio passando entre o fogo, esperando a oportunidade para flamejar e explodir.

A cartografia foi uma espécie de fogo, incomodando os integrantes ao movimento. Foram surgindo ensaios, trabalhos com as crianças, bem como realização de uma oficina de elaboração de turbante, com a parceria do grupo Coletivo Camarada<sup>59</sup>, que realizam-na à

---

<sup>59</sup> Em seu site (<http://camaradas.org/quem-somos>) intitulam-se como “uma organização política que atua no campo das artes, da pesquisa, da produção e difusão cultural e das lutas por políticas públicas para cultura”.

convite. O grupo Urucongo intencionou, através da oficina, a formação identitária das crianças, preparando-as a adquirirem ideologia, discursos e reações que se enquadrem naquilo que supõem ser a identidade da comunidade<sup>60</sup>.

O grupo passa por períodos de inoperância, um vai e vem, apesar de transpassar aos transeuntes outra impressão:

*Assim... o urucongo... ele sempre passa por essa... essa... uma hora ele está lá... outra hora ele estar... porque eu acho que... que as coisas que vêm de fora, elas são muito fortes e nós somos muito pequenos ainda diante de tanta coisa que está na mídia, de tudo que... de toda essas coisas que está no sistema, é organizado de uma forma muito eficaz, e a gente ainda consegue fazer muito pelo que a gente, pelas condições que a gente tem, mas que a gente ainda é muito pequeno, para a gente se comparar com todo esse sistema organizado. aí tem vezes que... por exemplo agora, a gente está com dificuldades de reunir as pessoas, e tem uma época assim que agente consegue ter mais... assim, eu não sei te explicar (A Shaman).*

O cartógrafo percebe ao longo da pesquisa que o grupo não tem o controle sobre o começar e o terminar, que é determinado pelas oportunidades de apresentação que surgem. Observando uma articulação interna para ensaiarem, o cartógrafo vê que aquilo só se dava devido a mostra Sesc<sup>61</sup>. Acompanha, inclusive, diálogos sobre chamar outros instrumentistas manifestando oportunidades de angariarem renda. Conjecturamos que este seja um ponto que

---

<sup>60</sup> As creches e a iniciação, um texto produzido por Guattari (1981, p.50 – 55) que nos ajuda a problematizar esta questão. A estratégia mudou, o grupo Urucongo focaliza nas crianças, formatando-as, introduzindo nelas identificações, identidades. Modelagem no mundo dos adultos. “Trata-se pois de uma iniciação ao sistema de representação e aos valores [da comunidade] [...] que passa cada vez mais pelos meios audiovisuais que modelam as crianças aos códigos perceptivos, aos códigos de linguagem, aos modos de relações interpessoais, à autoridade, à hierarquia, a toda [normoze] [...] das relações sociais dominantes. [...]. O ponto que nos parece, pois, importante é que cabe às crianças formar-se o mais cedo possível em uma certa tradutibilidade do conjunto dos sistemas semióticos [...]. A criança não aprende somente a falar uma língua materna, aprende também os códigos de circulação na rua, um certo tipo de relações complexas com as máquinas, com a eletricidade, etc... e estes diferentes códigos devem integrar-se aos códigos sociais do poder. [...] Como conduzir uma luta micropolítica? [...] Não se trata de proteger artificialmente a criança do mundo exterior, de criar para ela um universo artificial, ao abrigo da realidade social. Ao contrário, deve-se ajuda-la a fazer frente a ela; a criança deve aprender o que é a sociedade, o que são seus instrumentos. Mas isso não deveria efetuar-se em detrimento de suas próprias capacidades de expressão. O ideal seria que sua economia de desejo conseguisse escapar ao máximo a política de sobrecodificação do capitalismo, ao mesmo tempo suportando, sem traumatismo maior, seu modo de funcionamento. Não se trata, pois, de contornar os fluxos descodificados do capitalismo, mas de dar-lhes o devido lugar, de localiza-los, e, de um certo modo, de governa-los. A luta pela polivocidade da expressão semiótica da criança nos parece então ser um objetivo essencial dessa micropolítica ao nível da creche. [...]. Se, ao atingir a idade adulta, num momento ou noutro ele decide assumir as roupas e papeis que o sistema lhe apresenta, convém que ele possa fazê-lo sem que eles lhe colem à pele a ponto de não mais poder desfazer-se deles e então passar a investir nos próprios valores repressivos de que estas roupas e papéis são portadores”.

<sup>61</sup> Mostra Sesc Cariri de Culturas é um evento realizado pelo Sesc – Serviço Social do Comércio, no Ceará, com diferentes manifestações artísticas. Shows de bandas, teatro, apresentações culturais...

inativa o grupo, pois suas perspectivas de apresentação voltaram-se para o externo, o fora da comunidade, para a máquina de captura cultural do Cariri.

*A bala coco a princípio, a princípio a gente fez, a princípio Era a [ fala algo que não dá para entender] E a gente se reuniu por quê também era uma prática comum e que hoje as pessoas não se reúnem. cada um fica na sua televisão na sua casa... hoje na sua internet. isso já era uma forma da gente... porque um dia um para casa do outro que cuidava da colheita né, E também era uma forma de se reunir, conversar. e hoje é uma prática que não existe mais. **Uma coisa que Fazia parte do nosso cotidiano hoje em dia virou um evento** (A Shaman).*

São questões que podem ser pensadas, modificadas pelo grupo, caso julguem necessárias. É imprescindível ter o comando sobre o iniciar e terminar, em todos os movimentos da nossa vida, o que nos atribui ares de liberdade, saída. Sendo, inclusive, uma das conquistas necessárias no cuidado de si.

É importante se liberar das demandas que nos recompensam. [...] é muito importante a gente não precisar mais das recompensas. [...] porque a partir daí a gente se liberta de sequestros de tempo, de movimento ou de energia. [...] Não é um poder que exclui, é um poder que sequestra para incluir. Ele sequestra, encerra, gera um corpo disciplinado, dócil, uma alma dócil. Ele fabrica corpo e alma e inscrevendo no seu horizonte uma função sem a qual você não seria nada na vida. [...] O poder não quer excluir, só em último caso que ele exclui, ele mata. Ele quer rebaixar e fazer funcionar para ele. Então, a primeira coisa é ser bastante sensível a isso. Vai se tornar função de alguma coisa? Só se você conseguir se liberar o mais rápido possível e aproveitar aquela energia para dar passos mais ousados. [...] Sempre tem alguma coisa à espreita para lhe fazer função. [...] As pessoas inventam mecanismos para gerar distância, esperas. [...] Outra coisa é ter ouvidos para si de tal jeito que você aproveita as coisas que te acontece para criar algum tipo de realidade. Como se faz isso daí, é difícil, às vezes você acha que não vai ter saída. Mas você tem que estar disposto a morrer à mingua se não tiver saída, você tem que ter esse desprendimento. [...] Quando você começa a vislumbrar um jeito, você começa a criar valor a partir daí. E quando você cria valor, você pode até ter o retorno material, sem o qual você não come... [...] Que é geralmente o que as pessoas mais se queixam. “eu não posso fazer isso porque tenho que trabalhar”... [...] Procure um mínimo de demandas e aproveite o ócio, esse tempo perdido, para durar, começar a criar realidade a partir daí gerar valor, e é possível que a sociedade queira trocar alguma coisa. Não que você vai se vender. Você gera isto como um excedente, você pode vender sem ficar mais pobre. [...] E o capitalismo fomentou uma coisa horrível. É ele quem diz quando... e na arte isso é uma coisa, nossa... e o cinema nem se fala. Se não tiver o produtor, se não tiver a grana, a obra não sai. Mas aquele que é artista, que cria alguma coisa, ele sente muito este aspecto, porque ao mesmo tempo que a grana faz iniciar uma coisa... claro que tem que ter alguma energia, se não a coisa não ia acontecer... [...] mas quem dá o acabamento? É o artista ou o capitalista? Geralmente é o capitalista. E o acabamento talvez seja o mais importante. Porque os ressentidos nunca sabem acabar. Saber acabar é a eternidade na finitude. Ou seja, quando uma coisa acaba ela vira plataforma de lançamento pra uma coisa ainda mais forte. [...] Ora, se o outro diz o momento de acabar, eu perdi isso. É assim que os artistas ficam reféns. [...] Fazer igual as crianças,

elas sabem acabar. [...] se você não sabe acabar, você perde o retorno do jogo (FUGANTI, 2016a, p.1).

Concomitante, o grupo Urucongo de artes é um potencial criador de valores. Marcam o território com seus rastros, passos, caracterizando-o, ocupando-o.

Recordando um dos dias que o cartógrafo esteve na comunidade, denotamos uma percepção de um morador, que viu que o mesmo havia ido à sua casa, devido as marcas que deixara no solo. O rastro da bicicleta. Ficando à sua espera, pois percebera que havia se dirigido a uma casa mais adiante, e como o único caminho para volta era a estrada onde sua casa se encontra, o encontro ocorreria inevitavelmente, caso o cartógrafo regressasse. Mas o que queremos ilustrar com esta descrição é que há uma habilidade na comunidade de marcar o solo e perceber os movimentos que neste ocorrem.

Em um dos modos de marcação territorializam-se através da música, semelhante à cantiga de ninar que territorializa o sono e a criança. Um ritornelo territorial que busca, marca, agencia um território, constrói um ‘em casa’. É como um pipoqueiro que estaciona seu carrinho e expande o cheiro da pipoca, demarcando seu território, caracterizando-o pelo olfato. Quem não reconhece uma pipoca por seu cheiro característico? Tal é com a música. Uma banda que apresenta um ritmo peculiar, um balbuciar com pausas, clichês, marcações características.

Uma criança no escuro, tomada pelo medo, tranquiliza-se cantarolando. Ela anda, ela para, ao sabor de sua canção. Perdida, ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha. Esta é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos. [...]. O ponto cinza saltou portanto de estado, e representa não mais o caos, mas a morada ou o em-casa. [...] ritornelo: [...] um agenciamento territorial. O canto de pássaro: o pássaro que canta marca assim seu território (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 122, 123, 124).

Tal como as galinhas ciscam o chão e marcam-no, deixando a terra toda desenhada como se fosse um mosaico, assim faz o Urucongo, quando dançam e cantam. Desta forma, implementam a maior conquista de um território, ocupá-lo e territorializá-lo.

Ocupa-se a terra [...] segundo os agenciamentos. [...]. Chegar num meio, nele criar hábitos, nele inscrever suas marcas e suas referências como delimitações, nele adotar condutas de acordo com determinados ritmos, em suma, compor um ritornelo, já não reivindicar um território, à maneira de um direito consuetudinário? Há reivindicação territorial assim que há composição de espaços-tempos determinados, mesmo quando provisórios ou móveis. [...]. Com efeito, as pretensões não passam de composições de espaços-tempos – ou de ritornelos, isto é, uma vez mais, de territórios. [...]. Uma terra se estende tão longe quanto o direito que se pretende exercer sobre ela. (LAPOUJADE, 2015, p. 39, 40, 307).

Através da dança conquistam territórios, criam, expandem, provocando sobre ele motivos de sorrir. Fora nos ensaios com dança que o cartógrafo mais presenciou sorrisos, risos frouxos. É realizada uma grande *mu-dança* como forma de trabalho, atuação, modificação. “O regime da máquina de guerra é antes a dos afectos, que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidade e a composições de velocidade entre elementos. [...]. As armas são afectos, e os afectos, armas” (DELEUZE e GUATTARI, 2012b, p. 84).

*É a dança, mas não é a dança pela dança, só a dança. É a dança mais ela como um elemento que traz esse sentimento de mudança, de comportamento, na mudança da pessoa, no crescimento pessoal mesmo, é, na relação nossa com o nosso meio. Sobre essa própria questão do nosso olhar pra nossa comunidade, e... (O Poeta).*

*Fazer com que as pessoas reflitam sobre isso, de uma **forma lúdica** e tal, porque eu chegar e dizer assim, tem um peso é uma coisa, e a gente, numa **encenação**, dizendo é uma coisa, e as pessoas vão tomando aquilo pra si, então é uma forma da gente ir trabalhando a questão da consciência, da... das pessoas se perceberem naquele local (O Poeta).*

*A sensibilização é das pessoas... o trabalho de conscientização é esse, e que também não é um processo que acontece de uma hora para outra. então não é só chegar e dizer, e a pessoa... então tem que esperar que a pessoa processe e é um processo lento. e o grupo tá trabalhando para isto, então **através da dança, dos poemas, fazer esta reflexão, e é um trabalho que que é lento, que não é imediato** (A Shaman).*

*Assim, a partir do trabalho com o urucongo eu percebi, que **nós juntos** podíamos fazer alguma coisa para transformar... Então acho que me importância é justamente no trabalho com o urucongo (A Shaman).*

*Os que vieram Antes de nós. Da Comunidade. de que a maioria é família. pessoas que foram... eu acho que foram importante para que a gente chegasse até o urucongo. para chegar até essa questão que urucungo Fala. de perceber de uma **forma mais organizada**, porque eu acho que tinha muitas pessoas na comunidade que tinha essa consciência, mas que não tinham esta organização que o urucungo Tem, mas que foram importantes para que... urucungo. que é um grupo que está organizado.. Que com esta organização tem uma eficácia maior. (A Shaman).*

*A luta na concepção de abrir a mentalidade da comunidade em relação a isso é um **trabalho de formiguinha** (O Renovável).*

Muitas já foram as conquistas, as transformações realizadas, sobretudo, nas mudanças de percepção, promovendo novos olhares para si, impulsionando o destemor a reivindicar direitos, mas sobretudo, construí-los. Ou mesmo valorizando os modos de vida, histórias, a comunidade em si. Desacreditando na comunidade como um lugar de sofrimento para acreditar nela como um mundo possível e rico de se viver.

*quando a gente organiza... esse conhecimento que está na memória do coco aí as pessoas começam também a **olhar pra o local já com outro olhar**. Lá as pessoas tinham vergonha de dizer que moravam lá.. a maioria das pessoas tinham vergonha, os jovens a formação era para sair de lá. [...]. O sonho das pessoas eram sair de lá. E quando meu irmão saio aquilo... a minha mãe sofria muito porque era o filho mais velho, e ela tinha uma ligação muito grande com ele, e meu pai sofria muito, e aquilo me deixava... é... incucado, porque que a gente não pode se formar e ficar por aqui, tentar... e aí, **hoje quando eu vejo, hoje eu vejo lá pessoas tirando foto das belezas, porque é uma coisa que a gente queria mostrar pra comunidade, a... a beleza do lugar, a boniteza do lugar**. O que eu achei de interessante nessa questão da fotografia é porque, eu conversando outro dia, que é por causa disso, mostrar pra comunidade a boniteza que tinha lá, a trilha, a própria floresta, as nascentes, o soldadinho do Araripe, e hoje eu fico feliz demais de vê as pessoas, vão lá na bica, ai tira foto, posta “no Chico Gomes”, então essa estão vem trabalhando a questão do **sentimento de pertencimento, e fazer com que as pessoas encontrem a beleza que existe naquele lugar** (O Poeta).*

*Eu acho que o urucongo como ele foi ímpar. o urucongo foi ímpar nesta questão de querer **mudar a percepção** dos que moram na comunidade, Então a partir daí usar da arte e da Cultura, da forma de se manifestar e de conscientizar a população em relação a mudar e querer Mudar e ver diferente. que aquela trajetória que estávamos seguindo de fato não era aquela. Qual a ruptura que chega para querer mudar? acho que **abrir o leque de informações e começar a buscar o que é que está acontecendo lá fora**. que a questão de deter enquanto deter o indivíduo sem formação melhor para o sistema. então enquanto me já detém a informação tenta multiplicará isto dentro da Comunidade. então, **o urucongo foi capaz nesta questão de multiplicar a informação e de tentar construir uma conscientização política na população**. e a questão do urucungo também é tentar buscar outras formas de manifestação dentro da Comunidade que acabou se perdendo com esta trajetória de Mesmice de força de trabalho que as pessoas vendiam dentro da Comunidade, que hoje nós podemos citar por exemplo as mulheres, no grupo de maisinheiras. minha mãe por exemplo, ela tomou essa percepção de visão a partir disso a partir da presença nas reuniões nos grupos (O Renovável).*

*É o urucongo que ativa estas forças aqui. As meisinheiras é uma força que é Ativada a partir das ações do urucungo. por exemplo chanan, xavier. esse conhecimento que eles têm... essa força que eles têm é Ativada a partir da atuação do urucungo. [...]. eu acho que ele ajuda a ativar estas forças que estavam inativas (O Poeta).*

Dispositivos de produção de subjetividade que são acionados, seguindo outras lógicas que a vendida no mercado. Movimentos que conduzem à criação de territórios existenciais, valores, universos de referência, sentidos, polifonias, ética coletiva de viver e estar no mundo.

Os dispositivos de produção de subjetividade podem existir em escala de megalópoles assim como em escala dos jogos de linguagem de um indivíduo. Para apreender os recursos íntimos dessa produção – essas rupturas de sentido autofundadores de existência -, a poesia, atualmente, talvez tenha mais a nos ensinar do que as ciências econômicas, as ciências humanas e a psicanálise reunidas! As transformações sociais podem proceder em grande escala, por mutação de subjetividade [...]. Mas elas podem também se produzir em uma escala molecular – microfísica, no sentido de Foucault -, em uma atividade política, em uma cura analítica, na instalação de um dispositivo para mudar a vida da vizinhança, para mudar o modo de funcionamento de uma escola, de uma instituição psiquiátrica (GUATTARI, 2012, p.33).

Não obstante, além destas conquistas e avanços sobre o território, há outros movimentos de afirmação pujantes na comunidade, que surgem conectos ao Urucongo. Por um lado, o Urucongo revive, renasce, estimula individualidades, memórias, pessoas, em um processo de valorização, ativando-os. Por outro, cria outros grupos, atravessa-se neles. Grupos autônomos que se fortalecem entre si, atingindo e deslizando por linhas diferentes, linhas de vida. Referimo-nos, sobretudo, ao grupo de meizinheiras, “mulheres e homens que encontram nas plantas a cura para diversas patologias” (TAVARES, 2013, p.6).

*Começa com esta história do saber, também, sobre as ervas, da questão cultural (O Poeta).*

*Das ervas medicinais (A Professora).*

*Que a partir daí onde começa o trabalho com mães da Comunidade. Então começa [...] este desejo de fomentar este desejo de participar, este entendimento da importância de participar da Comunidade, do processo político. mas [...] o Despertar, começa talvez com as ervas (O Poeta).*

*[Articulação comunitária a partir] do trabalho com as meisinheiras. E com este trabalho nasce uma outra consciência, da*

*participação, no movimento comunitário, uma consciência maior na questão do... (A Professora).*

*E também a questão da autoestima, também, da autoestima delas (O Poeta).*

*Meizinheiras [...] ao meu ver [...] traz esse rosto dessas mulheres que foram sofredoras, mas que guardam essa questão da afetividade e da amorosidade (O Poeta).*

O que está em jogo é muito mais do que uma composição química. Muito mais do que um rótulo, um diagnóstico, uma avaliação, uma receita, um divã, medicina alternativa. Agenciamentos sociais, composições que utilizam as ervas como ferramenta de intervenção, mas que abre portas às intervenções sociais. A seus modos, interferem nas mentalidades, modos de observar, afetam-se afetando o outro. Das ervas chegam aos centros de percepção. Intervenção que se faz com o outro, mudanças que chegam no conjunto. Intervenção que é medicinal sendo política.

Prática que ganha contornos esquizoanalíticos:

Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomara sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir mulher, devir criança, devir velho, devir animal, planta, cosmos, devir invisível... tantas maneiras de inventar, de maquinar novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (GUATTARI, 1981, p. 139).

*Hoje nós podemos citar por exemplo as mulheres, no grupo de meizinheiras. minha mãe por exemplo, ela tomou essa percepção de visão a partir disso a partir da presença nas reuniões nos grupos (O Renovável).*

Das meizinheiras partimos para outro movimento de afirmação, também conecto ao Urucongo. Desejo construído a partir da conquista do prêmio “culturas populares”, do Ministério da Cultura, no ano de 2009, por parte do grupo. A partir do qual foi ganho um montante e comprado um terreno na comunidade, desenvolvendo nele, tanto a balada coco, como construindo uma casa de sementes e uma mandala. Aqui, destacamos a mandala. Um trabalho de construção de subjetividades a partir do plantio.

*a mandala, as casa de sementes, porque é a partir dela que a gente está trabalhando novas linguagens e novas formas de produção, que não é nem tão nova, que já foi utilizada por nossos*

*ancestrais, mas que devido a esse processo de modernização do campo, ele ficou esquecido (O Poeta).*

Cria-se novas territorialidades, modos de ver a terra, ocupá-la, novos modos de plantar, relacionar-se. A mandala integrando outros agenciamentos coletivos de enunciação, criando novas palavras à comunidade, interferindo nas percepções, mas também efetuando atos, materialidades, reconfigurando o espaço.

Um enunciado vindo de outros mundos, agenciamentos, distantes da comunidade. Atravessando a boca das pessoas. Atualizando as formas de plantar e relacionar-se quando ao plantio. Em Deleuze e Guattari (1995) o agenciamento coletivo de enunciação consiste em atos imanentes à linguagem, atos redundantes aos enunciados e que criam palavras de ordem. As palavras de ordem, ou ilocutório, são determinadas ações que se realizam quando falamos, pressupostos implícitos, comandos e todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma obrigação social (interrogo dizendo ‘será que...?’, prometo dizendo ‘eu te amo...’, ordeno empregando o imperativo... etc.) Mistura entre corpos provocando ações e paixões e que produzem transformações incorpóreas.

Portanto, é preciso que determinadas circunstâncias existam para que um enunciado seja efetuado. Precedendo, para tal, que haja uma mistura entre corpos, determinados estados de coisas, determinadas variáveis. Só é crível o enunciado ‘eu te amo’ na existência de um destinatário, de um determinado agenciamento. Em suma, há uma condição de existência para os enunciados e atos em um agenciamento coletivo de enunciação, e o próprio termo mandala, que atravessa a boca das pessoas na comunidade, é sintoma de modos de existência e que incidem nos modos de vida, atualizando-os, deslocando-os (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

*A importância da mandala, eu não sei bem te explicar, porque foi a primeira vez que eu vi, que não tinha mandala por aqui, ai a primeira vez que eu vi, que eu tive conhecimento. Ai tem aquela mandala ali, mas é uma coisa boa, é bom. Pelo menos dá emprego, por causa da emprego, não dá há muita gente, mas a alguém vai dá. Tem muito cultivo, se a pessoa quiser plantar lá, planta. Tem espaço lá, água (O Observador).*

- *Tem na comunidade aí um negócio dele, como é o nome?*  
(O Alerta)
- *Mandala (A Destemida)*
- *Mandala! (O Alerta)*

Concomitantemente, a mandala permitiu o deslocamento de interesses deslocando a atenção do Engenho para a organização comunitária. Esta é uma grande conquista, um exemplo de resistência, criação destruidora.

*Durante muito tempo a nossa comunidade ela era, as visitas que tinham era por causa do engenho, as pessoas iam lá por causa do engenho, pra ver o engenho, pra pegar rapadura, o mel, essas coisas, e... e... e... Isso era uma prática do fazendeiro, do dono do engenho. E a mandala ela hoje... Hoje as pessoas vão lá pra visitar a mandala, e ela é uma forma de organização nossa, da comunidade, do povo. E ela trás esse símbolo de... de... uma organização da comunidade, ela trás pra nossa comunidade palavras que a comunidade nem sabia o que era, por exemplo, a própria palavra mandala. A questão da agroecologia, tecnologias simplificadas, como o composto orgânico para que se possa produzir bem na terra. Então ela, ela... a mandala simboliza, ela é um símbolo dessa transformação (O Poeta).*

Então, a mandala se constitui como uma ferramenta política, como uma peça em um tabuleiro que é mexido e altera o jogo, dando novos contornos.

*as questões subjetivas que estão também dentro dos anéis da mandala. Porque geralmente quando você vai numa mandala, as pessoas apresentam os anéis, os anéis estão lá bem pertim, são os círculos que eles produzem ali dentro de um determinado espaço. Mas pra nós, a mandala ela tem um anel que ele é fundamental, que é onde estão as coisas subjetivas. Que é onde está o corpo, é onde está o saber das mezinheiras. Nesse anel ele está a espiritualidade. Na forma com que as pessoas se relacionam com seus deuses com seus ancestrais. E... e... e ele é fundamental que ele exista, e que a gente tenha consciência da existência desse anel e que a gente cuide bem dele. Porque a gente cuidando bem desse anel, então ele vai fazer com que... é... é... a... a... a comunidade, as pessoas que estão envolvidas, se fortaleçam, elas cresçam enquanto pessoas, entendam essa interligação que existe entre o que é objetivo e o que não é aparentemente concreto. (O Poeta).*

*a mandala é feita de anéis. Os anéis que estão em volta e que está tudo interligado com a produção ali. Então como é que a gente coloca a comunidade, as casas, as pessoas como se fosse um dos anéis. Então assim, a última reflexão que a gente fez tem isso, encontrar um meio pra que a comunidade faça parte dos anéis da mandala. E além disso a própria floresta, se torna também uma dos anéis da mandala, porque a água que a gente utiliza vem de lá da floresta. Então o cuidado com ela é fundamental para que a mandala funcione. Então esse entendimento sobre a floresta já estava mais claro do que a comunidade. Agora como a gente vai fazer com a*

*comunidade, pra que ela seja um desses anéis e se entender como um desses anéis da mandala. Então, é... ai a gente está pensando algumas estratégias na questão da formação, porque lá as pessoas tem os quintais produtivos, que produz os quintais. E muitos utilizam a técnica ainda, essa técnica convencional de queimar, de... de usar insumo químico: a veneno a ureia. Então de repente a gente conseguir ali na mandala, a gente fazer com que as pessoas dos quintais produzir sem utilizar as queimadas. Cuidando dessa biodiversidade. Então talvez a formação ela seja um dos elementos que possam integrar as pessoas dentro desses anéis. Outra questão que eu acho que pode fazer com que isso aconteça... é a criação de um fundo rotativo. Se a gente construir um fundo rotativo pra gente utilizar no quintal. Por exemplo, o cara tem lá uma criação de galinha, no quintal dele. E aí no grupo a gente ter um recurso que possa fortalecer essa... essa... essa produção de galinha. Então através desse fundo a gente tentar trabalhar outros elementos. Por exemplo, a semente genética. Porque, por exemplo, nós temos, que para mim é uma riqueza, que é a galinha de capoeira. Que a gente chama, é uma galinha que veio, se adaptou aqui, e que a criação dela vem de muito tempo. Só que com essa história do melhoramento genético ai vem a galinheiro de granja e o caipirão. Que são melhorados, melhorados entre aspás, geneticamente. Então aí, a gente conseguir preservar essa galinha capieira que vem lá de nossos bissavôs. Então cuidar dessa semente genética para que ela consiga existir. Então seria um elemento que a gente poderia trabalhar. A questão mesmo do... dessa questão mesmo da solidariedade, de você não priorizar o lucro, mas de você priorizar a vida. Então eu acho que é possível a gente fazer isto. Mas pra gente conseguir eu acho que é preciso a gente dar alguns passos, pra que por exemplo, a gente possa ter o fundo rotativo. Pra que a gente possa fazer esse acompanhamento mais de perto, das famílias, nos quintais. E também nas famílias que produzem hortaliças, ai a gente trabalhar com eles. Ai a gente consegue esse recurso, esse fundo e a gente vai trabalhando o composto orgânico, como faz, como faz com o mato que fez a poda, pra não queimar, ai você transforma em composto. Etc. e fazer com que as pessoas percebam que há uma ligação entre o que ela produz com a floresta, com o que ela produz, com a mandala. E que está tudo interligado. Ai a gente vai precisar de alguns passos pra que a gente consiga fazer isto (O Poeta).*

Essa é a mandala, arma que dispara transmutações, maquinando produções, linguagens, criando redes de conexão interna, mas também convidando o externo a se conectar à comunidade através dela, destruindo caracteres do agenciamento de poder. Permitindo vislumbrar desejos, construindo-os e adiantando-os. Um trabalho rico que germina frutos múltiplos, nem todos comestíveis.

Destarte, tudo até aqui perpassou movimentos de afirmação da vida, construção que permitem a capacidade de vibrar, corpo vibrátil. Emanando transsubstanciações entre corpos,

quando um encontro transforma-os. Tais movimentos provocam acontecimentos, com capacidade de permitir mudanças, gerar vida. Que este seja nosso compromisso, uma vida potente que afirme a alegria, mesmo na pior das circunstâncias, fazer da dor um intermédio ao riso.

Estas coisas não são ditas para as orelhas compridas. Nem qualquer palavra convém a qualquer boca. [...]. A dor faz cacarejar galinhas e poetas. [...]. Tende coragem! Isso que importa? Quantas possibilidades permanecem ainda. Aprendei a rir-vos de vós como é mister saber rir! [...]. A terra é rica de pequenas perfeições, de afortunados resultados! Rodeai-vos de pequenas coisas boas e perfeitas. [...]. A sua dourada maturidade cura o coração. As coisas perfeitas ensinam-nos a esperar. [...]. Até uma criança encontra aqui motivos. [...]. Precisamos acaso maldizer o que não amamos? Para mim, é coisa de mau gosto. [...]. Afastai-vos do caminho de todos esses intolerantes! Pesam-lhes os pés e o coração; não sabem dançar. [...]. Há coxos de nascimento que fazem bizarros esforços à maneira de um elefante que tentasse suste-se sobre a cabeça. Mas vale mais estar doido de alegria do que de tristeza; vale mais dançar pesadamente do que andar claudicando. Aprendei, pois, comigo o que ensina a minha sabedoria: até a pior das coisas tem pelo menos dois lados bons. A pior das coisas tem pernas para bailar; aprendei, pois, [...], a firmar-vos sobre boas pernas. [...]. Louvado seja o inimigo das folhas murchas e mortas; esse espírito de tempestade, esse espírito selvagem, bom e livre, que dança acima dos atoleiros e das melancolias, como no meio dos prados! [...] o pior que tendes é não haverdes aprendido a dançar como é preciso dançar: a dançar por cima de vós mesmos! Que importa se tiverdes malogrado! Quantas possibilidades permanecem ainda: aprendei, pois, a rir acima de vós mesmos. Elevai, elevai cada vez mais os vossos corações, bons bailarinos! E não esqueçais também o bom riso! [...]. Canonizei o riso: aprendei, pois a rir (NIETZSCHE, 2014, p. 362, 365, 366, 367, 369, 370).

Paradoxo do comediante, guardar do acontecimento senão o esplendor, tornar-se o comediante de seus próprios acontecimentos (DELEUZE, 2015). Neste sentido, atravessa nosso texto uma vida poética, fábrica de movimentos afirmativos.

### **3.5 O Filho do Acontecimento, uma vida poética**

Por força do acaso somos conduzidos a um encontro emudecedor. A partir de um dos entrevistados, o cartógrafo toma conhecimento da existência de um poeta na comunidade. Ex-carteiro que por conta de um acidente teve que largar a profissão. Coincidentemente, o cartógrafo tinha assistido dias antes o filme ‘O Carteiro e o Poeta’, um filme adaptado de uma obra de Pablo Neruda, que retrata um encontro transformador entre um poeta e um carteiro. Este último sendo afetado por uma vida poética, que emergiu de si mesmo, mudando suas percepções.

Encontramos O Filho do Acontecimento, o carteiro que, vitimado por um acidente, faz desse evento um acontecimento em sua vida, transmutando-se como um poeta. Fazendo da

poesia um endereçamento de suas mensagens, de suas elegias. Deslocamento parado em velocidade infinita.

Que haja em todo acontecimento minha infelicidade, mas também um esplendor e um brilho que seca a infelicidade e que faz com que, desejado, o acontecimento se efetue em sua ponta mais estreitada, sob corte de uma operação [...], tornar-se digno daquilo que nos ocorre, por conseguinte, querer e capturar o acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos e por aí renascer, refazer para si mesmo um nascimento, romper com seu nascimento de carne (DELEUZE, 2015, p. 152).

Um acontecimento em nossa vida não é aquilo que eventualmente nos ocorre. Por mais drástico que seja, um acidente, um encontro que fragmenta, decompõe, machuca, macera, suscita oportunidades. O acontecimento é a atribuição de sentido para o que ocorre, é algo naquilo que ocorre, é o esplendor. Mas isso requer esforços, atitudes, ter uma relação poética com uma ferida. Aqui, recordamos de um garoto que atravessou a vida do cartógrafo. Ele caiu, se machucou, ralou a pele e conseguiu a ventura de nomear sua ferida por um nome, uma relação de ânimo. (DELEUZE, 2015).

Tudo o que “foi” é fragmentado, enigma e espantoso acaso, até que o querer criador declare: “Mas eu o quis assim”. Até que o querer criador declare: “Mas é assim que eu quero, e hei de querer assim”. [...] O que deve querer o querer, que é querer de potência, é que ultrapassa qualquer reconciliação; mas, como chegará até lá. Quem o ensinará a querer até o retorno de tudo quanto já foi? [AMOR FATI] (NIETZSCHE, 2014, p. 184).

Rasgado por uma palavra contundente, o cartógrafo escuta que quando paralisado em casa e numa cama, decidiu:

*“Mandei comprar um caderno e um lápis e comecei a escrever poesia” (paráfrase de fala de O Filho do Acontecimento).*

Transformação incorpórea<sup>62</sup> que transmuta um corpo em outro, onde a palavra já não existe sem ganhar vida e atravessar o presente afetando o passado e o futuro, carregando brilho, expandindo potência e secando a tristeza. Levantar que não é apenas físico, mas também mental, fortalecendo as sensibilidades e atentando para os fenômenos que sacodem a vida, dobrando-os em um papel, na boca... como um espinho que arrancamos da carne, expressamos nossas percepções, por vezes, arrancando-as da alma.

---

<sup>62</sup> “Em um sequestro de avião, a ameaça do bandido que aponta um revólver é evidentemente uma ação; da mesma forma que a execução de reféns, caso ocorra. Mas a transformação em reféns, e do corpo-avião em corpo-prisão, é uma transformação incorpórea instantânea” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 20).

Os lapsos, os atos falhos, os sintomas, são como pássaros que vem bater seus bicos no vidro da janela, não se trata de “interpretá-los”. Trata-se, isto sim, de situar sua trajetória para ver se eles têm condições de servir de indicadores de novos universos de referência as quais poderiam adquirir uma consistência suficiente para provocar uma virada na situação. Vou dar um exemplo pessoal: considero a poesia como um dos componentes mais importantes da existência humana, não tanto como valor, mas como elemento funcional. Deveríamos receitar poesia como se receitam vitaminas. "Atenção, cara, na tua idade, se você não tomar poesia, não vai ter jeito..." (GUATTARI, 1996, p. 222-223).

É preciso provas de força, esboçar uma reação e escapar da morte. Não se deixar atrofiar por um ocorrido, uma circunstância. Provocar uma virada. Nunca se enfadar da vida. Ficar à espreita de uma oportunidade e encontrar uma porta aberta no vagão que nos conduza a outros atravessamentos, vielas, intensidades, universos. Criar nossas venturas, alegrias. Ser um puro afirmador.

Assim fez O Filho do Acontecimento através da poesia, por isto, consideramos-o um filho do acontecimento, dedicando um espaço especial na construção deste texto, que comporta, a seguir, sua própria fala:

*Cartógrafo: quais são os temas das poesias que você faz?*

*O Filho do Acontecimento: alguma coisa que me chame atenção. Eu tô ouvindo assim, as vezes o rádio, as vezes vendo alguma coisa e me chama atenção, por exemplo, eu fiz um poema sobre a globalização, eu tava lendo um livro ali, ai passou a globalização.*

*Cartógrafo: você lê muito?*

*O Filho do Acontecimento: é porque, depois do acidente que eu tava no correio ne, tem esse poema aqui também que acho que irá lhe interessa, eu trabalhava no correios e sofri um acidente e, eu fiquei só em casa, ai eu falei, espera ainda, eu vou mandar comprar um lápis, um caderno e vou ocupar o tempo, ai, as vezes eu dou uma de poeta, eu não sou um poeta nato como patativa, que falavam: fala um poema sobre tal coisa, que ele fazia em cima da hora ne.*

*Cartógrafo: então quer dizer que teve um acontecimento na sua vida e você se descobriu poeta.*

*O Filho do Acontecimento: antes eu já tinha uma tendência para a poesia, mas devido ao trabalho eu não tinha muito tempo para tá escrevendo, ai eu fiquei só em casa, sem fazer nada, eu digo não vou ocupar a cabeça com alguma coisa, mandei comprar um lápis e um caderno.*

*Cartógrafo: o que a poesia representa na sua vida?*

*O Filho do Acontecimento: Rapaz, a poesia, além dela representar a ocupação de tempo, ela representa também uma forma deu expressar muitos fatos do cotidiano, eu tento expressar através da poesia.*

[...]

*Cartógrafo: a minha questão é a seguinte, será se a poesia tem o poder de tirar essa desilusão, e ocasionar uma transformação.*

*O Filho do Acontecimento: olha, a poesia de certa forma pode, porque no caso o poeta alerta o eleitor e ao mesmo tempo alerta o político, através da poesia, através do poder da palavra, se a pessoa interpretar bem o que o poeta está falando. Você vê que na minha poesia eu procuro ser claro, usando palavras claras, para que as pessoas que estão ouvindo poderem entender, porque muitas pessoas que escrevem usam palavras complicadas e a maioria da nossa população tem o conhecimento um pouco baixo, aí fica um pouco sem saber o que o poeta está transmitindo, sem saber o que o poeta tá querendo dizer, eu procuro ser claro quando eu fala para não deixar dúvidas.*

*Cartógrafo: um poeta tem um olhar diferente?*

*O Filho do Acontecimento: olhar, as vezes sim, ele consegue ver as coisas por um ângulo que as pessoas que não... as pessoas que não tem o poder da poesia não enxergam, principalmente quando o poeta tem um grau de estudos mais elevado, ele é capaz de transmitir coisas, por exemplo, você sabe que patativa ele não... segundo a história não teve oportunidade de estudar muito, é impressionante, Patativa ne, ele cria poesia, o povo diz que ele é um gênio da poesia porque ele conseguia escrever bem e passar uma mensagem pro povo, impressionante.*

Para além das palavras reside uma atitude. E essa atitude deslocou o cartógrafo. Decidir-se a viver, fazer de um obstáculo uma oportunidade de pular. A cada encontro com o poeta O Filho do Acontecimento o cartógrafo se molha mais no acontecimento, olha para sua vida, grita silenciosamente. Quanta riqueza, força, determinação. Decidiu-se a sorrir, sufocou a tristeza. Movimento de afirmação da vida.

*Cartógrafo: você é um poeta político ne? A sua fala, e a sua poesia, eu percebo nela, um tom de luta e resistência, de denuncia pra determinadas situações, por exemplo, você fala e denuncia o sistema político, a questão da roubalheira e denuncia também que o dinheiro não vai pra quem precisa, então através da poesia você também luta e denuncia uma situação política?*

*O Filho do Acontecimento: eu escrevo, já me disseram, essas poesias, você deveria tá divulgando, pra chegar nos ouvidos de quem realmente é para ouvir, aí eu digo, não, eu vou dá um jeito aí.*

*Cartógrafo: em suas poesias você escreve num tom, sobre o que você fala, denuncia determinadas situações políticas.*

*O Filho do Acontecimento: exatamente, eu tendo denunciar determinadas situações políticas tentando alerta o povo para a situação que o país tá passando, por exemplo, a política infelizmente a população, a sociedade depende muito da política, eu já pensei na cabeça, uma forma da pessoa não depender da política, mas infelizmente não tem como, ainda não tive um solução, eu fico me*

*perguntando, mais rapaz, o que seria possível substituir a política, pra não ficar tão a mercê da política.*

Questão inconclusa. Levar a pergunta ao limiar das incertezas, multiplicá-las. Nunca responder, desaperceber as respostas entre afecções. Que encontremos nossas respostas fora dos manuais e dicionários, mas antes, inventemos respostas outras. Encontrar uma saída, talvez seja esta a (uma) questão. E fazer parte das minorias é em si uma saída. Multiplicar devires minoritários. “Querer ser poeta ou fazer poesia já é, de um certo modo, participar de uma minoria, de uma minoria oprimida, a menos que essa poesia se encaixe, por exemplo, em algumas normas universitárias e editoriais” (GUATTARI, 1996, p. 75).

Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso. Não se trata de saber se há mais mosquitos ou moscas do que homens, mas como “homem” constitui no universo um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente uma maioria. [...]. É nesse sentido que as mulheres, as crianças, e também os animais, os vegetais, as moléculas são minoritárias. [...]. O que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. [...]. No caso, qualquer coisa serve, mas o caso revela-se político. Devir-minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa. É o contrário da macropolítica, e até da história, onde se trata de saber sobretudo como se vai conquistar ou obter uma maioria (DELEUZE e GUATTARI, 2012a, p. 92 – 94).

Dito de outro modo, “minoritária, por natureza e qualquer que seja seu número, isto é, como um subsistema ou como fora do sistema. [...]. O majoritário como sistema homogêneo e constante, as minorias como subsistemas, e o minoritário como devir potencial e criado, criativo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 55, 56). Dinâmicas diferentes. Desafios para quem pretende a travessia por caminhos outros que o da macropolítica:

Temos de um lado o fluxo, só apreensível pelo corpo vibrátil e, do outro, a linha, só apreensível pelo olho-retina, e isso de duas maneiras. Numa primeira, se considera, de um lado (o fluxo), uma linha molecular, inconsciente, invisível, ilimitada, desestabilizadora, nômade, traçada pelas partículas soltas de afeto e, de outro lado (o da linha propriamente dita), uma linha molar, consciente, visível, limitada, feita da estabilidade relativa da segmentação flexível que a simulação vai riscando em sua migração e da segmentação dura dos territórios em seu sedentarismo. Numa segunda maneira se considera, de um lado (o do fluxo), uma linha molecular, inconsciente, das partículas soltas de afeto no seu nomadismo e dos movimentos migratórios de simulação e, de outro lado (o da linha propriamente dita), uma linha dura, sedentária, molar, consciente dos territórios (ROLNIK, 2014, p. 53).

Questões problematizadas entre o poeta e o cartógrafo, encontro com uma nova forma de ver a realidade. Oportunidade de afetar. E que o poeta, os leitores, o cartógrafo, multipliquem os entendimentos, mas sobretudo, funcionamentos sobre este tema inesgotável.

E já esboçando caminho para o outro capítulo, relatamos outro movimento afirmador, uma vida poética. Durante a pesquisa o cartógrafo encontrou outro cartógrafo. Chamam-no O Poeta. Poeta, músico, criador. Talvez a principal figura da comunidade na arte de maquinar. Articula, pensa, sonha. Quando necessário transmite força, ânimo, em outros momentos carrega nos ombros o peso da centralidade, almejando que outras atitudes ativas se postulem.

Sua atuação vai além da comunidade, articula-se com outros em outros territórios. Acompanhamos-no na ocupação da UFCA<sup>63</sup> pelos estudantes, onde fora realizar uma roda de poesia. Em outro momento o vimos gritar em praça pública “Pelo quinze nunca mais”.

*A grande seca de quinze  
Triste registro traz  
Secaram muitos açudes  
Morreu gente e animais  
Pelo quinze de Raquel  
O quinze de Manoel  
Diz que quinze nunca mais*

*Falta de planejamento,  
Não desastres naturais  
Que causa seca pra uns  
E cheia n'outros locais  
Pelo quinze de Raquel  
O quinze de Manoel  
Diz que quinze nunca mais.*

*Dividir quarenta e cinco  
Por três coisa bem iguais  
Agrotóxico, agronegócio  
Entregar a Petrobrás  
Pelo quinze de Raquel  
O quinze de Manoel  
Diz que quinze nunca mais*

*O golpe é três vezes quinze  
Percebi esses sinais  
Em quarenta e cinco os EUA  
Trouxe aqui os liberais  
Pelo quinze de Raquel  
O Quinze de Manoel  
Diz que quinze nunca mais*

*Quinze ou três vezes ele  
Errar na conta jamais  
É igual a prender jovens,  
Movimentos sociais  
Maltratar mulher e gay  
Pelo quinze de Sarney  
Digo quinze nunca mais*

*Vidas secas para pobres*

---

<sup>63</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI

*Lembrar o quinze me faz  
A burguesia na praia  
Era capa nos jornais  
Estampo nessa bandeira  
Pela pátria brasileira  
Que quinze não volte mais*

*Me despeço de vocês  
Desejando amor e paz  
Coisas boas pra seus filhos  
Que aprenda com seus pais  
Pelo quinze de Raquel  
O quinze de Manoel  
Diz que quinze nunca mais<sup>64</sup>*

Integra tantos outros movimentos de luta no Cariri. Para tanto, quisemos registrá-lo dele, aqui, um evento em sua vida, transmitindo através de sua fala, a seguinte mensagem, apropriem-se dela: devemos descobrir a arte do encontro e suscitar acontecimentos.

*É assim... eu... eu... aconteceu uma coisa comigo que foi muito forte pra minha vida... [apresenta aqui clara emoção, os olhos marejaram]. Teve uma vez que eu estava numa... eu estudei aqui no colégio estadual, Wilson Gonçalves, no segundo grau. E lá no estadual tinha o que chamavam de fera cultural, aí... teve um dia que a feira cultural ela vinha aqui pra praça bicentenário, e nesse dia foi a primeira vez que eu vi... [pausa. Há uma forte emoção. Lágrimas rolam rosto ao chão]. Que eu vi uma banda cabaçal, o som do pife. E assim quando eu escutei eu fiquei todo arrupiado, e eu não entendia porquê. Desculpa aí...*

[PAUSA].

*Eu não entendia porquê, eu fiquei... fiquei... porque eu não tinha escutado meus tios avôs e nem sabia da história deles. Eu não sabia não. E quando eu via abanda cabaçal tocando eu sei lá, eu senti uma coisa assim, eu fiquei “arrupiado”. Uma coisa muito forte. Ai depois muito tempo depois e foi que eu fui saber a história dos meus tios avôs. E fui entender porque eu tinha ficado “arrupiado” no dia da apresentação que eu fui. E a partir daí eu comecei a pesquisar, a conversar com o pessoal, saber como era que eles faziam, como era e tal, né? E aí ficava tentando fazer o pife também. Então eu acho que esse dia foi fundamental na minha vida pra... pra eu me entender né? Pra eu entender de onde era que eu vinha, quem sou eu. [ACONTECIMENTO]. Eu acho que esse dia foi um dia assim marcante, foi um dia assim divisor de águas na minha vida. E eu acho que eu trago um pouco disso. Assim, dos meus tios, desse tio que disse*

<sup>64</sup> LEANDRO, MANOEL. O quinze. 2016. 2p. Localizado em: arquivos pessoais do autor.

*que... Quando eles chegaram lá a gente já estava. Então eu acho que eu trago um pouco muito dele. [ HÁ PROFUNDA EMOÇÃO].*

Arte do encontro. Em Spinoza (2016) o encontro envolve afecção, capacidade de afetar e de ser afetado, suscitando modificação nos corpos que se encontram. Modificação que pode aumentar ou diminuir a potência de agir. Quando aumenta, há um afeto de alegria, um bom encontro. Quando diminui, há um afeto de tristeza, um mau encontro. A questão sendo encontrar os modos e os corpos que nos suscitam afetos de alegria, que nos provocam aumentos de potência, e ser afetados por eles. Para tanto, é preciso sermos ativos quanto à causa dos nossos afetos, uma vez que quando somos passivos estamos a mercê do meio externo, sendo conduzido, sem a capacidade de escolher as formas e modos de sermos afetados. Sem o controle sobre a alegria ou a tristeza que nos sobrevém. Mas quando ativos, escolhemos e conhecemos as causas dos afetos, e então desenvolvemos o que Spinoza chama de noção comum, que seria o conhecimento dos afetos, daquilo que me provoca aumento de potência, das quantidades e composições que nos alegram. Com esse conhecimento podemos nos libertar das tristezas. Analisar os afetos e atingirmos a felicidade.

Que doseemos nossos encontros, conhecendo aquilo que nos compõe provocando alegria. Cientes que aquilo que encontramos provoca penetrações e misturas. “O que há nos corpos, na profundidade dos corpos, são misturas: um corpo penetra outro e coexiste com ele em todas as suas partes, como a gota de vinho no mar ou o fogo no ferro” (DELEUZE, 2015, p. 6).

*Acho interessante essa questão dos dois corpos. E eu acho que lá tem isso. Você falou agora, e eu... que quando fala no trabalho que a gente vem fazendo lá, e quando fala no trabalho na fazenda, acho que são dois corpos diferentes que... que se choca. Às vezes, às vezes, é... de uma forma mais visível, outras vezes não, mas tem o choque. Tem o choque de interesse. Tem o conflito. Então são dois corpos, e desse choque o que vai dar, né... não sei, não sei né... a gente, não sei... isso que você fala é interessante e eu vou até pensar mais sobre isso também. Porque **de repente não é nem uma coisa nem outra o resultado desse choque** (O Poeta).*

A partir desta perspectiva do encontro que delineamos o próximo capítulo, no qual foram realizadas algumas intervenções com o propósito de afetar e ser afetado.

#### **4 INTERVENÇÕES ATRAVÉS DE ENCONTROS QUE AFETEM.**

Quando ‘o que dizer’ é insuficiente nos envolvemos na efetuação de ‘como dizer’. O pretérito desaparece e já não temos mais o que dizer, pois se faz no ato. Quantas vezes a mudança no ‘como dizer’ não modificou ‘o que dizer’ ou o que estava sendo dito. Esboça-se uma atividade seletiva e desvia-se o olhar, muda-se o foco. Surge uma alegria alhures que esboça novos movimentos. Universos de referência são destruídos, esquecidos e outros são criados. Novos agenciamentos, outros agenciamentos. Deslocamentos. Pensar a partir do não pensado. Há ideias que demoram vinte e cinco anos, até que surgem.

Rabiscamos um papel, desenhamos. Há esperas que demoram tanto tempo quanto o que precisamos, ou que somos forçados a cumprir. A palavra não surge. Madrugadas à procura. Até que se descobre que é preciso se perder. Experimentar, encontrar. Uma música, uma rua, uma padaria, uma mesa, um livro, um riso, uma viagem, uma besteira... um poema:

Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir - nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio (LISPECTOR, 2014, p. 67).

Proliferar estes encontros ao limiar da intensidade, afetar-se, procurar quem esteja disposto a modificar-se. Modificar com, modificar entre. É esta a pretensão das intervenções realizadas por esta cartografia, que fomentou dois investimentos principais: o primeiro, estimular processos de criação, fortalecer afirmações de vida. Para tal, quando necessário desestimulando, quebrando, rompendo repetitividades, enraizamentos; o segundo, estimular conexões, acoplar máquinas, pessoas, coisas, ideias. Mexer com a comunidade. Para tal, nos aclopamos ao grupo Urucongo, considerando que o investimento interventivo no grupo seria um mecanismo de amplificar as transmutações no tempo, fazendo-as durar, se alastrarem.

Sendo o Urucongo uma máquina de guerra com potencial de destruir processos de sofrimento, rebaixamento, produzindo alegrias, mudanças, conquistas, construções, decidimos nos movimentar com ele, provocar criações, devires, estranhamento de enraizamentos identitários e estimulá-los a encontrar outras pessoas da comunidade. Produzir novas conexões.

Fomos conduzidos a realizar três principais ações com o grupo. A primeira, uma oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas; a segunda, a criação de um blog; a terceira, uma roda de conversa. Além de microintervenções, instaurando dispositivos discursivos, problematizando discursos em torno da propriedade da terra, identidade, cultura. Conversando sobre conceitos, acontecimento, força ativa, ritornelo, devir, afirmação da vida, afeto, encontro, experimentação... provocando à criação de novas expressividades, criação de instrumentos, danças, novas músicas. Contudo, deteremo-nos, aqui, nas intervenções pensadas coletivamente.

#### **4.1 Oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas.**

Infusão de informações a se misturarem, pensamentos se atravessam, verdades constituídas se chocam. Surgem incertezas, novas linguagens, mais poéticas, menos acadêmicas, mais nômades, menos sedentárias, desenham outros contornos no papel. Outros possíveis modos de ler e escrever dançam entre cada exposição/palavra e convidam os ouvintes a ingerirem um veneno mortífero às formas positivistas de habitar uma produção científica.

A oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas foi produzida por um agenciamento entre Laudeci<sup>65</sup> – Di Vlândia<sup>66</sup> – Yure. Resultado de demanda manifesta tanto pela comunidade Chico Gomes como pela comunidade do Gesso<sup>67</sup>. Territórios onde foram desenvolvidas cartografias pelos pesquisadores que produziram esta oficina. Maquinações cartográficas entre Di Vlândia – Laudeci em uma brinquedoteca da comunidade do gesso, Yure – Laudeci na comunidade Chico Gomes e Di Vlândia – Yure entrelaçando as pesquisas e construindo máquinas de expressão, máquinas teóricas.

Dentre as quais, a oficina possibilitou o encontro entre diferentes pessoas, de territórios diversos (Comunidade Chico Gomes, Comunidade Coqueiro<sup>68</sup>, Comunidade do Gesso, alunos da Graduação do Curso de Economia da URCA, professores de instituições de ensino do Cariri), uma troca entre artistas, acadêmicos, professores, gestores... diferentes áreas de conhecimento envolvidas, pensando, perguntando, construindo a oficina. Oportunidade de conexões, vivências, projetos para além daquele momento.

O motivo principal das exposições, diálogos, era a construção de um projeto de pesquisa, com todas as normatizações que a academia exige. Cada item de um projeto sendo contemplado, discorrido. A perspectiva sendo o que um avaliador espera que cada item de um projeto contenha. Contudo, aludindo que para além da estrutura há formas variadas de preenchê-la.

Então, discorremos sobre roteiro e agenda do projeto de pesquisa, conceituamos ciência, pesquisa, mas suscitando movimentos outros entre cada palavra. Com isso, problematizamos a ciência positivista e também sedentária; falamos sobre a modernidade e pós modernidade; provocamos deslocamentos sutis, preparando caminho à problematizações além da perspectiva dos métodos qualitativos.

Enfatizamos sobre o ato de pesquisar, que a pesquisa pode ser tomada como um ato de instituir verdades, como também um ato político.

Mas não fora suficiente apenas o falar, incitamos à construção. Cada item discorrido era sucedido pela produção textual. Produção de perguntas de partida, objetivos, metodologias. Além disto, fizemos análises de artigos de outros autores, observando se os itens que os compunham tinham os componentes exigidos, como se eram coerentes, coesos.

---

<sup>65</sup> Francisca Laudeci Martins Sousa, orientadora desta cartografia e professora no curso de Economia da Universidade Regional do Cariri, bem como do mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri.

<sup>66</sup> Di Vlândia de Melo Feitosa Araujo, fora aluna do mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, no qual realizou a construção de uma cartografia sob orientação de Laudeci.

<sup>67</sup> Localizada na cidade de Crato/CE, nas mediações dos bairros Pinto Madeira, São Miguel e Centro.

<sup>68</sup> Comunidade vizinha à comunidade Chico Gomes.

Dinâmicas surgiam, provocando novos olhares, percepções. Textos provocativos eram lidos para despertar um olhar de viajante nos pesquisadores, aptos a afecções, deslocamento. Em um dos momentos fora assistido um trecho do filme a Sociedade dos Poetas Mortos, por exemplo. No qual os alunos eram incitados a pensar sobre a seguinte pergunta: - Qual o seu verso? E os presentes na oficina também foram incitados a se questionarem o mesmo, produzindo algo em um papel em branco. Um olhar para vida e às máquinas desejanças. Atividade construtiva.

Em seu último suspiro a intervenção contemplou uma exposição sobre a cartografia: sobre o que é uma cartografia, como funciona, quais os aspectos filosóficos que lhe inspira; entrelaçando tais questões com conceitos: acontecimento, devir, agenciamento, corpo, encontro, desejo, etc.; conectando os presentes com outros universos de referência no ato de pesquisar; provocando curiosidades, dizendo que há caminhos não interpretativos, que há uma ciência da intensidade.

#### **4.2 Maquinação de um blog.**

Outra intervenção realizada durante a pesquisa foi o desenvolvimento de um blog. Não obstante, o cartógrafo se propôs a ensinar a alguém, ou a um grupo, como criar um blog, partindo do zero, negando-se a criar o blog sozinho. O objetivo era que a comunidade adquirisse autonomia em realizar seus movimentos no universo digitalizado, sem a dependência de terceiros.

O cartógrafo foi apresentado a uma moça da comunidade de nome Isabel, que mora longe de lá, em outro território. Ocorreram alguns encontros, mas no decurso do tempo os desencontros se proliferaram. Avançou-se no blog em uma aparência, ideias sobre os conteúdos a serem postados, mas um erro no código html do mesmo estagnou o trabalho.

O blog não vingou, ficou à aguardar outro momento para ser reativado. Assim faremos no futuro. Para tanto, não somos seres da finalidade, mas do processo. Ficaram os aprendizados, os encontros, os investimentos. Quem sabe Isabel não tenha criado tantas outras portas de acesso, movimentando-se virtualmente pela rede, feito outros experimentos, criado outros blogs. Encontraremos-nos mais à diante para dar contiguidade ao projeto. E que sirva para que a comunidade se conecte ao mundo, se articule internamente, afete o exterior. Faça movimentos outros que não apenas a exposição e marketing.

### 4.3 Roda de Conversa.

“Hesitei, e hesito ainda, quanto às próprias palavras do título deste texto” (DELIGNY, 2015, p.183). Ora, há certas coisas que dificultam o uso da palavra. E talvez esta intervenção seja uma delas. Preferimos não enquadrá-la em nenhum método, técnica, pois nenhuma haveria de aceitá-la, e somos fracos na arte do convencimento. Mas o que queremos dizer é que o inominável se faz entre silêncios. Silêncios que podem surgir entre palavras

Ousamos deslocar os participantes da roda de conversa a transpor os seus limites. Estimular à arte do humor, o riso que seca a infelicidade. Contudo, a expectativa dos participantes era outra. O cartógrafo no centro da roda. Os participantes ansiosos pela opinião dele sobre a comunidade.

A roda de conversa foi realizada na igreja. Que é igreja, mas também local de ensaio do grupo Uruongo, local de reuniões. Um dispositivo móvel, lugar do padre, mas também do artista. Territorialidades que a comunidade maquina.

Acionamos dispositivos discursivos, conceituais; falamos sobre o conceito de acontecimento. Estimulamos a suscitarem afetos, encontros. Falamos sobre transformação incorpórea. E indagamos: Você está preso no sonho de alguém?

Produzir seus próprios acontecimentos. Antecipar o porvir. Ser mais rápido que o relógio, adiantá-lo, rebatê-lo contra nós, encontrar uma oportunidade e criar circunstâncias, afirmar alegrias, fazer existir novos povos, territórios, espaços – tempos.

Ser digno de novos acontecimentos. Desaperceber o que acontece nos corpos, mas perceber o sentido do que lhes acontece. Produzir sentidos.

Diante disto, atentamos ao grupo Uruongo e indagamos sobre o que reivindica, como é fazer parte do Uruongo, o que os encontros no grupo produzem. Pensar o Uruongo como acontecimento.

Refinar as táticas da Guerra. Aprimorar as práticas, discursos. Assim, pensamos sobre o que é um discurso, o que produz um discurso, o que pode um discurso. Agenciamo-nos aqui com um foucaultiano, de nome Cícero. Que falou mais, falou poder, microfísica do poder, estratégias de sobrevivência.

E fomos além, ousamos estimular encontros. Falamos sobre a importância dos encontros, exemplificamos, conceituamos. E estimulamos: quais encontros podemos constituir na comunidade? Como podemos conectar pessoas ao grupo Uruongo? Quais conexões podem surgir? Cria atividade com criatividade.

Ademais, escutamos que a pesquisa e suas intervenções afetaram o planejamento do grupo, ocasionando mudanças. Bem como que o poeta O Filho do Acontecimento foi conectado ao grupo após a pesquisa. O cartógrafo ficou sabendo que O Poeta andava se agenciando com ele, trocando poesias, apresentando poetas, livros. O Filho do Acontecimento ganhara visibilidade. Questão que alegrara o cartógrafo.

Fora um momento emotivo, houve choro, risos, troca solidária no partilhar o pão. Encerrando o momento com uma dinâmica com fitas. Onde cada pessoa que ali estava amarrrou a ponta de uma fita à fita de um outro, enquanto escutávamos a música que se segue:

Eu vi um menino correndo  
Eu vi o tempo brincando ao redor  
Do caminho daquele menino

Eu pus os meus pés no riacho  
E acho que nunca os tirei  
O sol ainda brilha na estrada e eu nunca passei

Eu vi a mulher preparando outra pessoa  
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga  
A vida é amiga da arte  
É a parte que o sol me ensinou  
O sol que atravessa essa estrada que nunca passou

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto, não posso parar  
Por isso essa voz tamanha

Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista  
O tempo não para e no entanto ele nunca envelhece  
Aquele que conhece o jogo, do fogo das coisas que são  
É o sol, é o tempo, é a estrada, é o pé e é o chão

Eu vi muitos homens brigando, ouvi seus gritos  
Estive no fundo de cada vontade encoberta  
E a coisa mais certa de todas as coisas  
Não vale um caminho sob o sol  
E o sol sobre a estrada, é o sol sobre a estrada, é o sol

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto, não posso parar  
Por isso essa voz tamanha

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto, não posso parar  
Por isso essa voz tamanha<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> VELOSO, C. Força Estranha. Intérprete: VELOSO, C. In. VELOSO, C. Caetano Zii Zie. São Paulo: Universal Music, 2011.

E assim foram parte das intervenções que ocorreram na comunidade Chico Gomes<sup>70</sup>, ficando o seguinte registro como conclusão: “sabe-se lá o que vai acontecer...” (ROLNIK, 2001, p.1).

Mas não pararemos, por enquanto, pois queremos registrar as intervenções do cartógrafo nele mesmo.

#### 4.4 Deslocamentos do Cartógrafo.

“Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra disse: vai, Carlos!, ser gauche na vida” (Drummond, 1975, p.3).

Há informações que valem por elas mesmas. E em um tom de agradecimento, agradeço pela boca que me apresentou o conceito de agenciamento. Conheci a obra de Deleuze e Guattari no transcorrer do mestrado, e hoje chego até aqui, muito mudado. Devir-obra, palavras que me rasgaram. O desespero de não entender as primeiras leituras, transformou-se, ao longo do tempo, na compreensão da célebre frase: “nunca interprete, experimente” (DELEUZE e GUATTARI, 2011a).

Experimentei intempestivamente.

Só eu sei, as esquinas por que passei  
 Só eu sei, só eu sei  
 Sabe lá, o que é não ter e ter que ter pra dar  
 Sabe lá, sabe lá  
 E quem será, nos arredores do amor  
 Que vai saber reparar  
 Que o dia nasceu  
 Só eu sei  
 Os desertos que atravessei  
 Só eu sei, só eu sei  
 Sabe lá, o que é morrer de sede  
 Em frente ao mar  
 Sabe lá, sabe lá  
 E quem será na correnteza do amor  
 Que vai saber se guiar  
 A nave em breve ao vento vaga  
 De leve e traz toda a paz  
 Que um dia o desejo levou  
 So eu sei  
 As esquinas porque passei

<sup>70</sup> Destaco outras, a primeira a entrega do livro o carteiro e o poeta à O Filho do Acontecimento, acompanhado de um diálogo sobre o livro a lógica do sentido de Deleuze e entrega de um caderno em branco para que o poeta fizesse a palavra funcionar; a segunda, o empréstimo de um passa tempo (brinquedo) para O Observador, para que o mesmo trocasse suas longas tardes de solidão indo ao encontro dos amigos para desvendarem o mistério do brinquedo. Que brinquem!

Só eu sei, só eu sei  
 E quem será na correnteza do amor  
 Que vai saber se guiar  
 A nave em breve ao vento vaga  
 De leve e traz toda a paz  
 Que um dia o desejo levou  
 Só eu sei, as esquinas porque passei<sup>71</sup>

Conheci o deserto, atravessei linhas de morte, sequei o desgosto, caminhando paralelamente à pesquisa. Como em corda bamba equilibrei-me no acaso. Caí! E em um salto, me desfiz. Agenciamento literato, Yure-Deleuze-Guatrari. Como aprendi. Cheguei a me molhar nos textos e virar papel da máquina expressiva, até me aclopei à máquina e entrei em devir. Palavras vivas que queimam a pele, estourando os poros. Fonte inesgotável de funcionamento.

Sussurro de um Clareto : “quanto de sedentarismo comporta uma cartografia?”. Conheci o nomadismo, e nômade, a desterritorialização. Fui fluxo e maquinação.

Percorri o mundo. Proliferação das séries, conectores. Saí do quintal da minha vida. Tomei gosto pela clínica. Travessias que me fizeram versar no Reiki, Thetahealing, Barras de Access, Meditação, Hipnoterapia, Esquizoanálise. Afecções no Recife, Fortaleza, Salvador, São Paulo. Pela rede computadorizada, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo. Tantos encontros, tantos silêncios. Rio de alegria em mim.

Cartografia, processo de vida, afirmação de alegria, acontecimento, devir. A palavra não comporta o que fizemos...

Pois quando a vida aflora... não há sortilégio maior do que viver, fazer da vida flor e amar. Flor por gestos sinceros, simples e sinceros. Flor que floresce no olhar, que em tudo ver belo, uma beleza singular. Flor que se cuida na alma, com um rego, sutil aguar. Mas nunca esquecer que flor tem espinhos... e se fazer na dor sensível. A nostalgia de que o sofrimento, faça do choro lágrimas compreender os erros, que nos farão crescer. Mas retornar, porque flor viver intensidades. Repetir instantes, não momentos, pois flor que se faz geografia não insisti história. E sorrir, pelas pétalas que te brilham. Agraciar na pele os que te amam. Fazer nos olhos a chama ativa que te torna estrela e encontrar flores pelos campos vindouros que aprecias. Em cada palavra exalar teu cheiro a provocar sensações de afeto. E que te seja toque beija-flor nos braços da ternura, que do sabor das manhãs faz paz em teu interior. Aflorar a existência de ser pelo que devotas, fazer das escolhas caminhos por princípios que te conduzem ao mar das alegrias. Valorizar-se com a grandeza que és, desnudar os desafetos e se conhecer, porque ama

---

<sup>71</sup> DJAVAN. Esquinas. Intérprete: DJAVAN. In. Lilás. São Paulo: CBS, 1984.

quem se ama. E esperar, pois o tempo é sabedoria que paciente, o canto a ouvir a voz dos que se ouvem. Que da vida faz flor, e da flor, flores.

## **5 CONCLUSÃO COMO ATO DE REINICIAR**

Sucedem que mergulhos incorrem no risco de afogamento, pois há uma vontade por profundidades cada vez maiores, e uma hora nos sufocamos, pois, o fôlego não tem duração, apenas tempo. Melhor é ser molhado, sentir na superfície da pele os efeitos, sensações, afetos. Imanência, desejo, construção. Nenhum comprometimento com as profundezas ou com as alturas. Temos pernas sadias, porque haveríamos de escolher as muletas?

Molhamo-nos na comunidade Chico Gomes, fomos afetados, nossa sensibilidade fora ativada e pusemo-nos em movimento de experimentação. Devir-surfista, que ora bate na onda, ora desliza sobre ela, com ela, indo alhures. Vibração que dura no tempo e que não tolera tanto equilíbrio, jogamo-nos para um novo molhar, emergindo outros movimentos, criatividades. Vamos ao encontro da praia e somos afetados por outras dinâmicas, velocidades, realidades, um outro mundo.

No mar revolto da comunidade Chico Gomes houve muitas ondas, as que nos batiam ocasionavam afetos de tristeza, as que deslizávamos provocavam afetos de alegria. Daqui extraímos nossos principais movimentos ao longo desta cartografia.

A face nauseabunda do agenciamento de poder nos impeliu com seu odor fétido, mostrando sua capacidade de separar os narizes do que eles podem. Uma vez que provocando as mãos a taparem as narinas – e mesmo quando tais odores passavam, as mãos continuavam ali, por temor – reduzia o funcionamento olfativo, ora aniquilando-os, ora anulando novos cheiros. Quando não, sufocando.

É que o poder atua na produção de corpos submetidos, impotentes, preparando-os a seguirem um padrão determinado, aceito socialmente, gerando impassibilidade, refreando as ações. Quando não, reproduzindo pesadelos, produzindo fantasmas para assustar e poder controlar, confinar. Tudo isto separa as pessoas do que elas podem, de suas potências, dos fluxos de desejo e criação.

Observamos as marcas e efeitos que duram no tempo, tanto psíquicos como físicos, resultantes da atuação do agenciamento de poder escravocrata-coronelistas na comunidade. Que geram impotência nas pessoas, como que um Acidente Vascular Cerebral que diminui as capacidades de movimento. Contudo, reiteramos que há forte funcionamento panóptico, como que retroalimentando condicionamentos, temores, e que precipitam e fazem durar essas marcas e efeitos. A paralisia e os sofrimentos tornaram-se como que hábitos, automatismos. Não há muitas das algemas que lhe puseram, mas a pressão impediu a circulação do sangue, provocou marcas na carne, e quem olha para o pulso imagina que continuam ali, por consequência, que estão pressas.

Contudo, outras algemas são reais, como aquela que exige a legalização da posse da terra, impedindo as mãos a assinarem o documento que lhes garanta a propriedade. Bem como de acessarem crédito bancário, aposentadorias, benefícios, o que se dá pela ausência desta assinatura, da propriedade privada. Aliás, esta é a marca que mais gera consequências. Por outro lado, a que mais provoca processos de reivindicação, resistência, construção de territorialidades, movimentos de ocupação. Como que uma dobra que transmuta tristeza em oportunidade, motivos de maquinações, conexões, guerra. Atividades realizadas pelo grupo Urucongo de Artes.

Este movimento de marcação do território através do grupo Urucongo, por exemplo, gera uma resistência, criando dificuldades para que sejam expulsos de suas moradias. Para tanto, ao invés de se concentrarem nas atividades de ocupação e nas territorialidades que

implementam, preferem ativar o medo de perder a terra e os discursos de vitimização. Essa atitude impotencializa suas ações.

Outra marca de destaque é a ausência de empregos na comunidade, como que a perca de um estatuto social. Antes eram abundantes, muitas ocupações eram geradas para a produção de algemas, que serviam, dentre os quais, para aprisionar aqueles que as produziam. Um círculo vicioso. Hoje, nem isso se produz.

Paralelo a isto, arrola-se a inabilidade para produção de canos, tipo PVC, por consequência é restringido o acesso à água. Questão que atrapalha a multiplicação das mudas. O que não sabem, aqueles que tornam o acesso restrito, é que em uma terra de agricultores precisa-se de água para o desenvolvimento desta atividade. Por consequência, os empregos que poderiam suscitar, são aniquilados.

Estas questões, somadas a todas as outras marcas e efeitos produzidos, gera um impulso. O agenciamento de poder operacionaliza a destruição discursiva e material da cultura popular, ou seja, negando os movimentos culturais e identidades de diversas formas. Em contrapartida o povo da comunidade, sobretudo o grupo de Urucongo, busca negar o agenciamento de poder, dentre os quais, através da fixação nos movimentos culturais e identidades que o agenciamento de poder nega, ou seja, por meio da fixação, enraizamento, em um modo de cultura e identidade, a partir do qual o povo da comunidade possa se afirmar. Sendo que, tudo que acione uma atualização ou mudança naquilo que julgam ser sua cultura e identidade é negado. Fato este que ocorre com a os signos da modernização.

Então, tudo aquilo que acione um fluxo de desterritorialização é abominado. O que há é vontade de enraizamento, por consequência, perde-se oportunidades de enriquecerem seus movimentos de afirmação, levarem-nos mais longe, expandi-los, entrarem no virtual e atualizarem seus movimentos, ganhando em potência. Imaginam que fortalecer a identidade é fortalecer a resistência, não vislumbram que geram impotência.

Outra problemática, relativa ao Grupo Urucongo, é que perderam o controle sobre o iniciar e terminar, com isto dependem de estímulos externos para ativarem seus movimentos, esquecendo de se movimentarem com a comunidade, ao privilegiar a exposição aos turistas, visitantes e praças públicas. É que preferiram, dentre os quais, se deixar capturar pela máquina Cultural do Cariri, por exemplo, a mostra SESC. Isto permite angariar rendas, bem como a visibilidade. Nada disto é algo que necessariamente deva ser evitado, ou abominado, a questão é que atrofiaram a construção de subjetividades na comunidade.

Por outro lado, o Urucongo tem uma potência de máquina de guerra, uma vez que suas atividades já suscitaram transmutações. Uma delas foi deslocar a atenção externa

direcionada às ruínas do Engenho, Casa Grande, para as construções comunitárias. De outro modo, são construtores de territorialidades, ritornelos, percepções outras, suavidades, subjetividades... um movimento de afirmação de vida que afeta toda a comunidade.

Lutam e resistem através da arte, dança, música. Secam afetos de tristeza provocando afetos de alegria. Atuam inibindo as marcas e efeitos produzidos historicamente. Geram coragem, força, chocando-os contra os temores e destruindo-os. Grandes guerreiros. Conquistaram nossa admiração.

Destarte, de tudo isto extraímos um grande aprendizado, o acontecimento enquanto instância da arte de afirmar a vida, as alegrias. Produzir outros sentidos naquilo que nos ocorre, encontrar oportunidades em nossos acidentes. Ter como compromisso viver em intensidade, ser puro afirmador.

Quanto a isto, encontramos paralelo em O Filho do Acontecimento, uma vida poética que transmutou as marcas de um acidente em sua vida em uma oportunidade de potencializar seus movimentos poéticos. Nunca esqueceremos a frase dita pelo mesmo: mandei comprar um caderno e um lápis e comecei a fazer poesia. E nós? Quais são os cadernos e lápis que podemos instituir para poetizar nossa vida?

Quisemos fazer das intervenções acionadas nesta cartografia lápis e cadernos a poetizar vidas, estimular processos de criação, fortalecer afirmações de vida. Para tal, quando necessário desestimulando, quebrando, rompendo repetitividades, enraizamentos. Em contrapartida, estimular conexões, acoplar máquinas, pessoas, coisas, ideias. Assim, nos aclopamos ao grupo Urucongo, considerando que o investimento interventivo no grupo seria um mecanismo de amplificar as transmutações no tempo, fazendo-as durar, se alastrarem.

Através, tanto da oficina de estratégias para leitura e produção de escritas científicas, como da roda de conversa, além das microintervenções, oportunizamos o vislumbre de novos possíveis. Para tanto, não mensuramos os efeitos, senão, em nós. Quanto a isto, podemos dizer que transpassamos nossos limites, ganhamos brilho e nos expandimos em alegria. Fizemos do ato de pesquisar um ato de vida.

## REFERÊNCIAS OU REVERÊNCIAS?

ANJOS, A. *Eu e outras poesias*. São Paulo, Martin Claret, 2003.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BARROS, R. B; PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Pista 9. P. 172 – 200.

CRISTINA, A. *O grupo de artes Urucongo*. Disponível em: <http://urucongo.blogspot.com.br/2012/05/o-grupo-urucongo-de-artes-e-uma.html>. Acesso em 2017.

DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *A ilha deserta e outros textos*. Disponível em:<  
<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-g-a-ilha-deserta-e-outros-textos.pdf>>. Acesso em: agosto de 2016.

\_\_\_\_\_. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975 – 1995)*. São Paulo: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em:<  
<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acessado em: agosto de 2016.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 3. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 4. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 5. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio d'água, 2004.

DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

ECO, H. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

FUGANTI, L (2016). *Aula 01 – Filosofia na primeiridade*. Disponível em:<  
<http://escolanomade.org/2016/02/25/aula-1/>>. Acesso em: agosto de 2016.

\_\_\_\_\_(2016a). *Luiz Fuganti fala sobre suas prática no cuidado de si para que a vida seja intensa*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsiGf-QfGN0>>. Acesso em: agosto de 2016.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LISPECTOR, C (2014). *A paixão segundo G.H.* Disponível em:<  
<https://vivelatinoamerica.files.wordpress.com/2014/10/a-paixao-segundo-gh-de-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: agosto de 2016.

NIETZSCHE, F. W. (199?). *Ciência gaia*. Disponível em:<  
<file:///C:/Users/Flor/Downloads/Nietzsche,%20Friedrich%20-%20A%20gaia%20ciencia.pdf>>. Acesso em: agosto de 2016.

\_\_\_\_\_. *A genealogia da moral*. São Paulo: Centauro, 2002.

\_\_\_\_\_. *Assim falava Zaratustra*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PASSOS, E; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa e intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. Pista 1. P. 17 – 31.

\_\_\_\_\_. Por uma política de narratividade. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015a. Pista 8. P. 150 – 171.

QUINTANA, M. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Apontamentos de história sobrenatural*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ROLNIK, S. *Despachos no museu: sabe-se lá o que vai acontecer...* São Paulo: Em perspectiva, v. 15, n. 3, p. 3 – 9, 2001.

\_\_\_\_\_. *Cartografia sentimental*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

SPINOZA, B. *Ética*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

TAVARES, J. *III prêmio Odair Ribeiro de solidariedade*. Disponível em:<  
[http://caritas.org.br/wp-content/files\\_mf/1383054350revistaodair2012.pdf](http://caritas.org.br/wp-content/files_mf/1383054350revistaodair2012.pdf)>. Acesso em: agosto de 2016.

TEDESCO, S.H; SADE C; CALIMAN, L.V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E; KASTRUP V; TEDESCO S. (Org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência de pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. São Paulo: Editora 34, 2016.